

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS
CAMPUS DE RIO CLARO

IMAGEM: PARA QUÊ E PARA QUEM?
**Elemento da realidade presente no conhecimento geográfico e
identificado em diferentes tipos de texto.**

Evelyn Monari Belo

Orientador: Prof. Dr. Fadel David Antonio Filho

Dissertação de Mestrado elaborada junto ao
Programa de Pós-Graduação em Geografia – Área
de Concentração em Organização do Espaço, para
obtenção do Título de Mestre em Geografia.

Rio Claro – S.P.
2005

*“Aos meus pais,
que me ensinaram o valor da vida”.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que sempre presentes apoiaram a realização de todas as etapas de meus estudos, alimentando meus sonhos e possibilitando a continuidade de minha caminhada.

Ao meu orientador, pela paciência e dedicação.

A todos os amigos e companheiros que estiveram presentes em todos os momentos da realização deste trabalho.

Ao apoio concedido pela FAPESP.

E principalmente a Deus,
que me forneceu forças para superar as dificuldades encontradas.

ABSTRACT

This work has objective presents a comparative analysis among different text types – literary and didactic – starting from the images that we elaborated and/or we evoked and that they result of the interpretation of the same ones. We took as referencial in our analysis the man, present so much in the literary work “Os Sertões”, of Euclides da Cunha, as in the study aids of Geography, Medium Teaching, of the Program of Education at the Distance Telecurso 2000 (TC 2000). A result of the analysis we have the “human types”, that your possibility us the search for the understanding of images that, revealing their differences, they also reveal different visions of the world in the current reality.

KEY WORDS:

IMAGE - GEOGRAPHY - VISIONS OF THE WORLD

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise comparativa entre diferentes tipos de texto – literário e científico – a partir das imagens que elaboramos e/ou evocamos e que resultam da interpretação dos mesmos. Tomamos como referencial em nossa análise o homem, presente tanto na obra literária “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, como nas apostilas de Geografia, Ensino Médio, do Programa de Educação à Distância Telecurso 2000 (TC 2000). Como resultado da análise temos os “tipos humanos”, que possibilitam a busca pelo entendimento de imagens que, revelando suas diferenças, revelam também diferentes visões do mundo na atual realidade.

PALAVRAS-CHAVE:

IMAGEM - GEOGRAFIA - VISÕES DO MUNDO

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO	1
O CAMINHO PERCORRIDO: materiais e métodos	8
CAPÍTULO 01	
IMAGEM E LINGUAGEM: importantes fatores na compreensão do saber geográfico.....	12
1.1. A Presença da Imagem e do Saber Geográfico em “Os Sertões”.....	22
1.2. Imagens e “Tipos Humanos”: alguns fatores comuns a dois elementos distintos	26
1.3. Imagens do Ensino que Refletem a Realidade Brasileira: uma possibilidade de compreensão dos objetivos da proposta pedagógica do TC 2000	32
1.4. Imagens e “Tipos Humanos”: a perigosa tendência à aceitação.....	40
1.4.1. Os Sertanejos: imagens da passividade na aceitação de sua condição humana	41
1.5. Experiências de Vida: elaboração de imagens <i>versus</i> construção da realidade.....	48
1.5.1. O “Sertanejo Euclidiano”: imagens <i>versus</i> realidade	48
1.6. O Homem – “Tipo Humano” – nas Apostilas do TC 2000: passividade e submissão como fatores decisivos em seu (re)conhecimento do mundo.....	53
CAPÍTULO 02	
IMAGEM, LITERATURA E INTERPRETAÇÃO	61
2.1. Imagens de “Tipos Humanos”: realidade e visões do mundo.....	61
2.2. Imagens que Revelam os “Tipos Humanos”	66
2.3. Imagens dos “Tipos Humanos” nas Apostilas do TC 2000	77
CAPÍTULO 03	
IMAGEM E LINGUAGEM: interpretação do conhecimento geográfico	85
3.1. A Presença da Imagem e da Linguagem Escrita na Interpretação do Conhecimento Geográfico	85
3.2. O Programa de Educação à Distância Telecurso 2000: o uso da imagem para a regulação social	94
3.3. “Os Sertões”: imagens da regulação	104
CAPÍTULO 04	
IMAGENS E CONHECIMENTO GEOGRÁFICO: a interpretação do mundo nas diferentes épocas e sob diferentes visões do mundo	113
4.1. Literatura e Imagens: a integração de diferentes realidades	114

4.2. O “Sertanejo Guerreiro”: uma imagem que resulta da interpretação de dois “Tipos Humanos”	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
REFERÊNCIAS	138
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	139

*“Querer chegar é como já ter
percorrido metade do caminho”.*
(Paderewty)

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é o resultado de uma pesquisa realizada pela aluna EVELYN MONARI BELO, no programa de Pós-Graduação em Geografia, Mestrado, na área de concentração “Organização do Espaço”, vinculado à linha de pesquisa Geografia e Ensino, sob a orientação do Prof. Dr. Fadel David Antonio Filho.

Tomando sua experiência como Orientadora de Aprendizagem do Programa de Educação à Distância Telecurso 2000 (TC 2000), Ensino Médio, a aluna ministrou aulas de todas as disciplinas que constituem a grade curricular da proposta pedagógica em questão, tanto em empresas que oferecem esta “modalidade” de ensino aos funcionários como também em “telesalas” de escolas da rede pública estadual.

O material pedagógico do TC 2000 é composto por fitas VHS e apostilas, cujos textos acompanham os temas das “teleaulas”, como são denominadas as aulas veiculadas em canais abertos de TV – recepção livre – ou apresentadas pelo Orientador de Aprendizagem em “telesalas” – recepção organizada (fechada). Maiores esclarecimentos podem ser observados na monografia que a aluna desenvolveu, sob a mesma orientação, quando cursava Especialização em Instrumentação para o Ensino da Geografia, no Departamento de Geografia, IGCE, UNESP, Rio Claro. Os alunos, também denominados “telealunos” e considerados telespectadores, não aceitavam o uso das fitas VHS, que constituem, junto com apostilas, o material desta proposta pedagógica. Geralmente, solicitavam que as fitas não fossem utilizadas, sobretudo quando as disciplinas correspondiam à área de Exatas, Química e Matemática, por exemplo.

Em contrapartida, mesmo apresentando imagens que retratam a miséria, bem como condições indignas de sobrevivência humana, ou que chocam o telespectador – seja ele “telealuno” ou não – como as que retratam o caso da contaminação em Goiânia pelo Césio 147, as imagens das “teleaulas” de Geografia eram bem aceitas.

Este aspecto constituiu a base dos estudos realizados no momento em que a aluna desenvolvera a pesquisa referente à Especialização, acima relacionada, cujo título era: “*A Imagem Educa?*”.

Então, observando que ainda prevaleciam muitos questionamentos, a referida pesquisa foi ampliada.

A aluna observou, também, que os textos que constam das apostilas de Geografia do TC 2000, Ensino Médio, aqui consideradas, não oferecem conteúdo suficiente para embasar a compreensão e o aprendizado do “telealuno”.

O “telealuno”, por sua vez, deve ser compreendido como uma pessoa simples, humilde, cuja formação não permite a “rápida absorção” de conceitos, em comparação com outros estudantes que se encontram na época “adequada” ao nível de ensino compatível com as expectativas que possamos vir a ter em função de sua idade.

Neste sentido, os textos das apostilas de Geografia do TC 2000, ao abordarem inúmeros conceitos em um único parágrafo, podem ser considerados insuficientes, pois, de certa forma, se tornam empobrecidos quando comparados a outros tipos de texto que exploram adequadamente a complexidade dos temas.

Então, para fundamentar esta análise, são comparados os textos das apostilas acima relacionadas com a obra literária “Os Sertões”, de Euclides da Cunha.

Representando um texto descritivo e, portanto, figurativo, “Os Sertões” se constituem, sobretudo, como um marco na literatura brasileira.

Comparando as duas formas de escrita e o emprego de palavras, em ambos os textos selecionados, é identificada a possibilidade de interpretação de tais materiais que, mesmo representando diferentes épocas e, conseqüentemente, diferentes visões do mundo, permitem aos leitores a compreensão da realidade no momento atual. Tal fato pode ser observado quando é destacada a visão preconceituosa de Euclides da Cunha no tocante à superioridade do branco, expresso na figura dos militares, e também quando é apontada a visão preconceituosa implícita nas linhas e entrelinhas das apostilas do TC 2000, que consideram, indiretamente, o branco como o indivíduo que integra um grupo social diferenciado se comparado aos demais. É apresentada uma tabela transcrita de uma das apostilas que não deixa dúvidas aos leitores sobre este apontamento, bem como são transcritos alguns fragmentos de “Os Sertões” que não os “enganam”, traduzindo o negro como uma “besta de carga”, inferior ao branco e capaz de atingir o mesmo patamar que este. Não se afirma que a realidade seja compreendida em sua totalidade, pois esta condição resultaria no não-prosseguimento dos estudos realizados. Porém, quando ocorre a identificação do “*para quê e para quem são produzidas as imagens*”, a proposta visa identificar como as imagens que nós, leitores, elaboramos e/ou evocamos, a partir da leitura de diferentes tipos de texto, afetam nossa realidade. Em outras palavras, não há a intenção de analisar imagens “prontas”, que traduzem um produto comercial. A preocupação é direcionada à análise de imagens que, correspondentes às diferentes visões do mundo, são repletas de subjetividade.

Em alguns momentos da realização desta pesquisa, o trabalho desenvolvido chegou a ser confundido e/ou até mesmo considerado na ótica de trabalhos que, abordando a imagem como objeto de estudo, enfatizam a compreensão da mesma como representação cartográfica ou enfatizam seu aspecto cognitivista, por exemplo.

Para um melhor esclarecimento, é importante salientar ao leitor que esta pesquisa não prioriza tais aspectos, considerando a imagem como objeto de estudo sim, mas não a utilizando como mais um aspecto observado. A concepção de imagem desta abordagem traduz a ideologia e subjetividade como elementos que refletem as diferentes épocas e visões do mundo observadas e/ou identificadas em diferentes tipos de texto, configurando a realidade e o espaço geográfico.

Então, é oportuno o momento para esclarecer, também, que valiosas sugestões foram realizadas no ato da defesa desta dissertação pela banca examinadora. Entretanto, na medida em que fora apontada a necessidade de modificação do título, em um primeiro momento houve concordância que, conforme é aqui relatado, não foi acatada pelo fato desse mesmo trabalho, sendo submetido à apreciação de pareceristas da FAPESP – importante agência de fomento à pesquisa que possibilitou sua realização –, idôneos e altamente qualificados, os títulos não sofreram críticas e/ou receberam sugestões para que sofresse alteração. A propósito, sendo o título inicial *“Imagem: para quê e para quem?”*, o mesmo foi acrescido de um subtítulo conforme sugestão recebida e acatada no momento do exame de qualificação.

Assim, retomando aspectos de nosso trabalho e compreendendo que a estrutura do texto de Euclides da Cunha – ou texto “euclidiano”, como há

referências a ele em alguns momentos do texto dessa dissertação - se assemelha da Geografia Tradicional (Positivista), é tomado como referência para a análise proposta o homem. Esta escolha se justifica pela própria subdivisão da obra “Os Sertões”: “A Terra”, “O Homem”, “A Luta”.

A figura do homem é presente e marcante em ambos os materiais, tanto na obra literária como no texto didático – apostilas de Geografia do TC 2000, Ensino Médio – consideradas para a análise proposta. Tal aspecto possibilitou a realização de comparações sem desconsiderar a subjetiva e complexa realidade que perpassa ambos e, também, a identificação da presença de diferentes visões do mundo.

Desta maneira, o texto que concretiza esta pesquisa está organizado em quatro capítulos. No desenvolvimento de cada capítulo é possível observar que é tomado o cuidado de esclarecer ao leitor como são interpretadas as imagens que nós, leitores, elaboramos e/ou evocamos e, conseqüentemente, como ocorreu o avanço no decorrer da busca de resposta para a questão inicial:

“Imagem: para quê e para quem?”.

Na medida em que tal avanço se concretizava e era desenvolvida a pesquisa, o questionamento inicial apontava uma ampla possibilidade de investigação. Sem dúvida, este aspecto impulsionou a continuidade da pesquisa, fundamentando as inquietações que surgiam e, assim, possibilitando o prosseguimento dos estudos.

Então, é importante observar que a questão proposta inicialmente é abrangente, possibilitando inúmeras maneiras para a busca do caminho, da tentativa de encontrar uma provável resposta, que foi apenas delimitada, e não completamente alterada, atendendo às expectativas propostas no tema inicial.

Já em contato com o primeiro capítulo, o leitor pode identificar a compreensão da relação entre a imagem e a linguagem considerada para a realização da pesquisa. É entendido que ambos são elementos de extrema importância na assimilação do saber geográfico, pois se considera, neste contexto, que todo texto é informativo e, as imagens, também. Neste sentido, é tomado o homem como referência para a análise, mas, além disso, é preciso salientar como são identificadas as diferenças entre os tipos de texto selecionados: o literário, que aqui consideramos como figurativo – mas que transpõe tal característica – e o didático, que, manifestando a correspondência de seus parágrafos com uma proposta conteudista porém “sintética”, por vezes, consideramos “próximo do científico”.

São apontados também como decorrentes da relação entre a imagem e a linguagem aspectos que nos permitem, como leitores, identificar possibilidades de passividade e aceitação, tanto no que se refere à realidade do “sertanejo euclidiano”, como do “sertanejo aluno do TC 2000”.

A partir deste primeiro capítulo, nossa pesquisa é aprofundada e, no segundo capítulo, abordamos a relação entre a imagem, a literatura e a interpretação que realizamos sobre as mesmas.

Neste momento, se torna nítida a importância de ser o homem o referencial para a análise proposta. Tal afirmação fica evidente quando se observa que “tipos humanos” constituem os sertanejos nos diferentes tipos de texto utilizados.

Esta condição possibilitou a abordagem do terceiro capítulo, no qual é identificada a possibilidade de “regulação” que o TC 2000 apresenta quando são realizadas algumas observações das entrelinhas de sua proposta. É importante

salientar que, para um melhor esclarecimento e uma conceituação histórica, já no primeiro capítulo o leitor tem contato com aspectos referentes a propostas do Banco Mundial e do BID (Banco Interamericano para o Desenvolvimento), inserção indispensável para facilitar o esclarecimento sobre os processos de ação destas instituições em relação à forma como podemos vir a compreender e/ou interpretar a realidade. Foi possível identificar, também, uma outra “imagem” nas linhas e entrelinhas da proposta pedagógica considerada e, assim, a mesma é comparada ao texto de “Os Sertões”, procurando apontar, nas linhas e entrelinhas do texto literário, possibilidades de “regulação”.

O quarto capítulo, por sua vez, tem como objetivo a identificação das diferentes visões do mundo, ressaltando sua importância para o conhecimento da realidade. Em suma, trata-se da tentativa de compreensão da importância do saber geográfico em diferentes épocas.

Como é possível observar, a relevância do objeto de estudo considerado – a imagem – é incontestável. As imagens são, a todo o momento, elementos que, além de presentes em diversas situações, oferecem a oportunidade de assimilar conhecimento, ampliando o alcance de conteúdos que devem ser trabalhados em um determinado período em nossas escolas, sejam elas instituições de nível fundamental, médio ou superior de ensino.

Para quê e para quem são produzidas as imagens que verificamos como “formadoras”, constituintes do conhecimento geográfico?

Como já afirmado, é observado que as imagens não correspondem apenas às fitas VHS produzidas intencionalmente para a transmissão do conteúdo que configura o que Michel Apple (1997) denominou “Conhecimento Oficial”, pois, os textos organizados para a transmissão do conhecimento

historicamente produzido apresentado nas apostilas do TC 2000 são insuficientes e, até mesmo, “precários” se comparados a outros materiais.

Há uma grande preocupação em transmitir um elevado número de informações ao aluno em pouco tempo, pois o TC 2000 corresponde, sobretudo, à proposta de ensino supletivo, na qual o objetivo principal deixa de ser a formação do cidadão para ser a erradicação do analfabetismo e o alcance da “diplomação” por pessoas que não tiveram a possibilidade de adquirir conhecimento em época considerada “correta” por necessitarem trabalhar para assegurar sua sobrevivência, mesmo que, para isto, fossem submetidas às mais difíceis condições e adversidades, além de sujeitarem-se ao recebimento de míseros salários. Contrariamente, o texto literário “Os Sertões” apresenta uma escrita na qual o emprego de adjetivos pode ser considerado exagerado e, assim, o “não conhecer” uma palavra pode, por meio da curiosidade, conduzir o leitor à busca do conhecimento para interpretar adequadamente o sentido da escrita no texto.

Desta forma, a pesquisa desenvolvida e explanada no texto dessa dissertação pode ser considerada relevante, mas não esgota as questões que a constituem.

Então, o leitor é convidado à leitura de um texto que contraria a visão que a realidade muitas vezes nos impõe: o conhecimento apresentado em livros é verdadeiro e incontestável. Nesta produção escrita, as imagens vêm e vão, construindo e destruindo conceitos que, por vezes, podem ser considerados absolutos, únicos, verdadeiros e, até mesmo, inquestionáveis.

O CAMINHO PERCORRIDO: materiais e métodos

Para a realização da pesquisa proposta, foram selecionados como objeto de estudo as apostilas de Geografia, Ensino Médio, vol. 1 e vol. 2 do TC 2000 e também a obra literária “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, sendo que esta última é o elemento que constitui o eixo norteador de nosso estudo.

Trata-se de uma pesquisa de caráter teórico, mas, que possui sua fundamentação na experiência da aluna enquanto Orientadora de Aprendizagem do Programa de Educação à Distância Telecurso 2000.

Sendo uma das preocupações da Geografia, hoje, investigar como a sociedade se transforma, podemos observar que há uma grande dificuldade em enquadrá-la em um dos principais tipos de pesquisa, que são as quantitativas e as qualitativas.

As pesquisas quantitativas também são denominadas experimentais e consideram seu objeto de estudo a partir de hipóteses previamente estabelecidas. Já no tocante às pesquisas de caráter qualitativo, não trabalhamos com hipóteses, e sim com objetivos que nortearão nosso trabalho diante do objeto de estudo que selecionamos. Entretanto, os objetivos não deixam de se constituir como hipóteses.

Neste sentido, é possível afirmar que a etapa correspondente ao levantamento bibliográfico foi de fundamental importância para o desenvolvimento desta pesquisa, bem como de qualquer outra que seja realizada tomando como referência a Geografia humana.

Como esta pesquisa não é referente à Geografia física, na qual prevalece a experimentação empírica, que valoriza o rigor matemático e a busca

por resultados exatos, não há a intenção de formular novas leis científicas ou testar aquelas que já existem. Porém, é proposta a realização de uma discussão teórica, crítica, e que fomente o desenvolvimento do conhecimento científico.

Então, consideramos ter em mãos um objeto de estudo caracterizado por extrema subjetividade e verificamos que a razão, “ferramenta” do progresso humano na ciência moderna, muitas vezes prevalece e, assim, compreendemos a importância que Descartes lhe atribuía, chegando a desconsiderar os sentidos. Para este filósofo, o conhecimento deveria ser o resultado de uma busca, e não simplesmente aceito, sem questionamentos.

É por este motivo que reiteramos: esta pesquisa utiliza o método dialético, no qual os argumentos teóricos nos permitem interpretar uma sociedade que, sob os moldes e/ou padrões do capitalismo, visa à obtenção de lucros. Em suma, a natureza, sob esta perspectiva, é compreendida como um objeto, afetado pelos meios de produção correspondentes a um determinado momento histórico.

Quando realizamos tal afirmação, nos distanciamos do pensamento de Descartes para nos aproximarmos das idéias expressas por Hegel.

Enquanto Descartes afirmava que sua única certeza era a dúvida, verificamos que Hegel admitia a inexistência das “verdades eternas”, representadas pelas leis científicas, imutáveis. Em sua compreensão sobre as bases do conhecimento humano, Hegel considera a mudança, ou seja, em cada época temos uma visão do mundo.

Para este filósofo, a razão constitui um elemento dinâmico, na qual o conhecimento não ocorre fora de um processo histórico. Assim, assinalamos que em todo processo histórico temos as ideologias que caracterizam as diferentes épocas, reafirmando a presença das diferentes visões do mundo acima citadas.

Estes dois fatores caracterizam as ciências humanas e nos permitem identificar nosso trabalho com o método dialético.

Nosso objeto de estudo é a imagem, portadora de subjetividade e, ainda, representante das diferentes ideologias e visões do mundo, confirmando a existência de uma realidade construída, fundamentada em fenômenos sociais e culturais que variam no tempo e no espaço.

Retomando os materiais que constituem nosso objeto de estudo, verificamos que as ricas descrições realizadas por Euclides da Cunha nos permitem uma abordagem que aprofunda a importância das imagens que produzimos, ou seja, que elaboramos quando nos dedicamos à leitura de seus textos. Este aspecto nos permite, ainda, estabelecer uma comparação entre tais escritos e os textos produzidos e utilizados no material pedagógico do TC 2000.

Na pesquisa realizada no Estágio em Especialização, selecionamos uma seqüência de quatro aulas nas quais analisamos as imagens, tanto aquelas apresentadas nas apostilas em forma de fotografias como também apresentamos quadros, nos quais analisamos a composição das imagens que constituem as teleaulas, buscando, desta forma, detalhar aos leitores de nosso trabalho como identificávamos estas imagens como norteadoras de nosso questionamento.

Seriam as imagens realmente elementos norteadores?

Atualmente, nesta “nova” etapa, como já relatamos, nosso objeto de estudo ainda é a imagem. Entretanto, não temos a intenção de apresentar dados pertinentes às fitas VHS que venham a concretizar nossas questões ou mesmo reafirmar o que fizemos anteriormente. Nossa intenção representa nossos objetivos, que podem ser compreendidos como a necessidade de observarmos como as imagens são importantes pelo simples fato de serem produto de nossa

atividade mental, nossa imaginação. Então, questionamos: *aceitamos ou agimos? Como podemos interpretar estas imagens?*

Diante de tais questionamentos, encontramos apoio em alguns referenciais teóricos, porém, como temos em mãos um objeto de estudo que se destaca entre tantos que existem mas que ainda não se constitui como referencial de outras pesquisas, salientamos que nosso trabalho pode ser considerado, além de extremamente relevante, inovador. Neste sentido, não julgamos como “falha” uma relação de referências bibliográficas que não seja extensa, pois temos em mãos a possibilidade de aprofundar nossos estudos em um campo ainda pouco explorado.

A escassez de dados bibliográficos se explica pelo fato de que, quando nos dedicamos a buscar referenciais que amparassem nossas reflexões, observamos que a palavra imagem muitas vezes aparece em títulos, porém, tais trabalhos limitam-se a considerá-la apenas como elemento pertinente a questões cognitivas, desconsiderando seu caráter subjetivo e a ideologia que assegura sua singularidade. Em outras palavras, pode-se afirmar que os trabalhos que implicam a imagem são direcionados a análises descritivas, nos quais, geralmente, são tomadas cenas de obras literárias, cuja leitura resulta a identificação de conceitos e/ou paisagens, ou manifestam a preocupação com a elaboração/produção de imagens mentais, frutos de um processo caracteristicamente cognitivo.

CAPÍTULO 01

IMAGEM E LINGUAGEM: importantes fatores na compreensão do saber geográfico

“A idéia não é nova”.
(Euclides da Cunha)

As imagens que retratam o espaço geográfico podem ser compreendidas como um recurso tão importante quanto a escrita. Ambos são necessários e fundamentais ao processo de aquisição do conhecimento.

* * * *

Educar, antes de qualquer interpretação, significa “criar possibilidades”. Assim, o compromisso do verdadeiro educador é relacionado diretamente à formação do cidadão, tornando o ensino da Geografia indispensável. Alunos e professores podem utilizar o conhecimento “amplo”, que envolve aspectos dos mais diversos ramos do saber, seja ele formal ou informal.

Em momento anterior, desenvolvemos uma pesquisa intitulada “*A Imagem Educa?*” para a conclusão do Estágio em Especialização junto ao Departamento de Geografia – IGCE – UNESP. O trabalho nos permitiu verificar que o material pedagógico do Telecurso 2000 (TC 2000) – apostilas e fitas VHS – induz o observador, seja ele aluno ou orientador de aprendizagem, a “olhar” a realidade de forma peculiar.

Então, escolhemos o escritor Euclides da Cunha para desenvolver nossa pesquisa, pelo fato de serem suas descrições ricas em conceitos e expressões, condição que assegura à sua obra um caráter cinematográfico. À medida que avançamos nossa leitura, percebemos que as palavras utilizadas pelo escritor deixam de ser difíceis para constituírem a fundamentação necessária ao

entendimento do leitor, que é envolvido pela beleza da obra euclidiana “Os Sertões”.

Eis um primeiro aspecto que nos permite estabelecer uma comparação entre os materiais selecionados: a linguagem escrita revela grande dificuldade de interpretação e/ou compreensão quando consideramos as linhas e entrelinhas das apostilas do TC 2000, porém, ocorre justamente o contrário nos escritos de Euclides da Cunha.

Os sertanejos eram pessoas simples, com pouco ou quase nenhum estudo. Mas, mesmo diante da simplicidade, podemos observar que seu conhecimento é tão importante quanto o conhecimento erudito, (re)transmitido no ensino formal, independentemente da proposta pedagógica considerada. Se tomarmos como referencial para análise as apostilas do TC 2000, a subjetividade do discurso encontra-se nas entrelinhas de seus textos. O telealuno¹ recebe informações que procuram, a todo o momento, direcionar suas ações, pois, ligam-se diretamente ao seu pensamento. Assim, mesmo que as fitas VHS apresentem conceitos por meio do uso de imagens, podemos considerar que se trata de uma transmissão oral do conhecimento que ocorre de forma direcionada e/ou até mesmo induzida.

Em lugares nos quais a linguagem oral é responsável pela transmissão do conhecimento, a exemplo dos sertanejos, a sabedoria acumulada é transmitida através de gerações e, assim, é o aspecto que assegura sua permanência e sua beleza, tornando as palavras insubstituíveis. A obra de Euclides da Cunha não faz qualquer referência à formalização do conhecimento dos sertanejos, mas podemos verificar que a simplicidade do povo de Canudos não negligencia o ato de (re)conhecer. Além disso, a literatura euclidiana reforça a idéia de que as palavras, bem escolhidas e empregadas, constituem belíssimas imagens.

Tal afirmação nos permite uma melhor compreensão dos conceitos geográficos presentes e observáveis em sua obra, pois, em lugares nos quais prevalece a cultura oral, o conhecimento transmitido é caracterizado pela

¹ No decorrer do texto que constitui esta dissertação, é possível observar as várias formas utilizadas como referência ao “indivíduo receptor” da proposta pedagógica que constitui ao Programa de Educação à Distância Telecurso 2000. O mesmo deve ser entendido como aluno ou telealuno, como é denominado em documentos oficiais da referida proposta pedagógica, bem como telespectador, sendo esta última uma das maneiras pela qual fora denominado no texto apresentado, pois é necessário considerar que qualquer pessoa se encontra apta a receber informações (conhecimento) a partir da veiculação de “teleaulas” em canais de TV abertos.

“sabedoria popular” e esta condição não interfere negativamente na sua consolidação. Uma forma de transmissão do conhecimento pode ser tomada como exemplo se pensarmos que, para vencer os “inimigos”, os sertanejos conheciam devidamente o lugar onde residiam, transmitindo e “re-transmitindo” as informações necessárias àqueles que juntavam-se a eles para o conflito, sendo mais velhos ou jovens.

As palavras ultrapassam os limites do tempo e do espaço, mas podem ser apresentadas concretamente, nas mais diversas formas: impressas com letras grandes, pequenas, coloridas ou não, preenchidas, vazadas, ornamentadas, entre outras. Em suma, todas elas têm, entre muitas, uma função principal: informar.

Entre a linguagem escrita das apostilas do TC 2000 e a obra literária euclidiana, a comparação pode ser estabelecida em vários momentos, dentre os quais merecem destaque os que expressam a caracterização da época correspondente, nos quais, no tocante às apostilas do TC 2000, observamos que “[...] a produção industrial cresceu mais de cinquenta vezes no último século, sendo que quatro quintos desse crescimento se deram a partir de 1950” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 1996, p.26, v.1).

E, em contrapartida, a literatura euclidiana nos aponta que “[...] o estranho território, a menos de quarenta léguas da antiga metrópole, predestinava-se a atravessar absolutamente esquecido os quatrocentos anos de nossa história” (CUNHA, 1984, p.10).

Como podemos observar, as palavras possuem a capacidade de seduzir o leitor, conforme verificamos nas idéias expressas por Cunha (1984) e, além disso, conduzi-lo a momentos históricos distantes, permitindo a obtenção do conhecimento referente a fatos que colaboraram para a construção da realidade por ele vivida. Já as apostilas do TC 2000 refletem a “urgência” da modernidade, ficando patente a ausência de vínculo com o leitor, fato que não se observa com relação à obra euclidiana. Sua linguagem, mais técnica e, portanto, mais objetiva, caracteriza uma metodologia de um ensino supletivo, na qual o tempo é “curto”, “pequeno” e, por isso, não se observa a presença de detalhes que conduzam o leitor a aprofundamentos para melhor conhecer e/ou dominar o tema proposto para o desenvolvimento da aula em questão. Nesta dinâmica, a sedução pode ser

interpretada como um produto obtido por meio das imagens produzidas mentalmente, ora pelo escritor, ora pelo leitor.

As imagens produzidas são associadas à capacidade que possuímos de receber e interpretar dados e/ou informações do meio ambiente. Este aspecto nos permite observar que, na obra “Os Sertões” as palavras empregadas são mais significativas e, conseqüentemente, mais sedutoras que nas apostilas do TC 2000.

Diante desse contexto, julgamos necessário esclarecer como estabelecemos a diferença entre os tipos de texto que consideramos para nossa análise.

A (re)construção do conhecimento geográfico pode ser examinada quando nos dedicamos a (re)interpretar o mundo e, a partir de tal condição, elaborar e/ou evocar imagens que representam a realidade. Podemos, assim, observar a concretização de aspectos que se referem tanto à realidade do “sertanejo euclidiano” como do “sertanejo aluno do TC 2000”, os “tipos humanos” que abordamos em momento posterior e detalhamos em nossa análise. Neste sentido, pode-se até mesmo afirmar que a forma pela qual caracterizamos os tipos humanos nos materiais que constituem nosso objeto de estudo é decorrente da diferença que assegura a presença de peculiaridades a cada tipo de texto aqui considerado: literário (descritivo) e didático, próximo do texto científico.

O texto literário é, sem dúvida, o texto de “Os Sertões” e, o texto que denominamos didático, se refere às apostilas do TC 2000. Ao classificarmos estes últimos como didáticos, nós os inserimos numa categoria próxima daquela dos textos de caráter científico. Nossa interpretação deriva do fato de que ambos os estilos caracterizam-se por uma linguagem técnica, tal como a linguagem apresentada pelos textos que são “encarregados” de propiciar o conhecimento científico, considerado verdadeiro.

Compreendemos, então, que tanto no tocante à realidade dos “tipos humanos” quanto na comparação estabelecida entre os diferentes tipos de texto, as diferenças observadas se tornam fatores que nos permitem identificar a presença de semelhanças entre ambos. Então, questionamos: *como isso ocorre?*

Uma análise superficial e “imediate” nos remete à seguinte reflexão: tanto o texto literário quanto o texto científico deveriam representar, de forma simples e objetiva, a complexidade inerente aos tipos humanos que

consideramos, ou seja, ao “sertanejo euclidiano” e ao “sertanejo aluno do TC 2000”, conforme veremos mais adiante. Além disso, é importante salientar que a função de um texto pode ser compreendida como em sua capacidade de (re)transmitir a informação e possibilitar, também, a (re)construção do conhecimento.

Reafirmando tal condição, referimos que uma primeira leitura dos materiais que constituem nosso objeto de estudo talvez implique na incapacidade do leitor compreender conceitos que, em nosso entendimento, são manifestados nas imagens que elaboramos e/ou evocamos mentalmente. Tais imagens podem ou não representar a realidade humana. Conseqüentemente, a reação do homem diante dos fatos que integram sua(s) experiência(s) seria afetada por esta realidade. Então, quando tomamos como referência o texto literário, assinalamos que “não podemos esquecer-nos de que narrações e descrições são textos figurativos e de que por trás das figuras existe um tema implícito” (FIORIN e SAVIOLI, 1999, p.256).

Como a obra “Os Sertões” é uma narrativa descritiva, podemos tomá-la como um exemplo adequado para justificar as idéias dos acima relacionados, mas, não podemos, no entanto, afirmar que Euclides da Cunha pretendeu fazer de seus escritos um importante marco na literatura, que chega a mesclar o texto científico – identificado em sua parte introdutória – com o texto literário e, assim, constituir um marco teórico.

Temos, neste autor, um escritor de gênio que descreveu tipos humanos e cenários de forma cinematográfica, valorizando detalhes e apresentando ao leitor uma paisagem – ou várias – a partir do emprego de uma excessiva adjetivação. Tal condição nos permite observar que Euclides da Cunha consegue se diferenciar de outros escritores² utilizando apenas o recurso lingüístico como elemento transmissor de informações, seduzindo o leitor e convidando-o a uma leitura agradável e, ainda, produtiva.

Nossa afirmação de que Euclides da Cunha transmite informações está calcada no fato de que os seus relatos constituem-se numa narrativa descritiva peculiar, cuja realidade é dinâmica e envolvente, pertencente a um povo humilde,

² Para facilitar a compreensão de tal afirmação, podemos tomar como “outros escritores” os próprios autores das apostilas de Geografia do Telecurso 2000, vol. 1 e 2, utilizadas na pesquisa.

mas detentor de grande conhecimento e sabedoria. Neste sentido, não temos uma obra fictícia, e sim, um texto figurativo que representa a realidade.

Se, como afirmam Platão et Fiorin (1999, p. 256), “[...] concreto e abstrato não são categorias da realidade, mas da linguagem”, é necessário que se compreenda que o texto de Euclides da Cunha e o texto das apostilas do TC 2000 não realizam esta diferenciação, porque não são escritos com o objetivo de esclarecer a separação entre elementos que possuem sentido denotativo e conotativo, mas nos permitem identificar aspectos que constituem e selecionam tais elementos, considerando-os mais próximos e mais distantes da realidade do leitor.

A proximidade entre leitor e texto pode ser facilmente identificada quando apontamos a “sedução” decorrente das linhas e entrelinhas da obra literária euclidiana. Entretanto, não podemos afirmar que o texto das apostilas do TC 2000 distancia-se completamente da realidade do leitor. Mesmo levando ao seu alcance uma quantidade exagerada de conceitos – em poucas linhas! –, são as imagens que os leitores evocam e/ou elaboram mentalmente que nos permitem verificar que, apesar de sua proximidade com o texto de caráter científico, as apostilas em questão não seduzem o leitor por meio da decodificação das palavras, mas, sim, por meio da identificação de elementos presentes em sua realidade.

Cientes de que nosso objeto de estudo inclui o material didático que compõe o Programa de Educação à Distância TC 2000, não podemos desconsiderar, no momento que diferenciamos os textos didático e literário, a presença da televisão como representante do recurso audiovisual que, por sua vez, representa uma realidade considerada “moderna”, “atual” e, portanto, um símbolo da inovação.

Assim, se torna necessário verificar as condições de vida das pessoas. Geralmente, estas condições são estabelecidas por uma nova organização da sociedade. O TC 2000, caracterizando o ensino supletivo, pode ser tomado como representante de um novo mercado, que engloba a existência de uma nova indústria cultural e, de acordo com as idéias de Pellegrini (1999, p.204, grifos do autor), depreendemos a presença de:

[...] novo sujeito, basicamente urbano, habitante dos grandes centros de todo o mundo, [...] produto de um complexo processo em que a representação das relações sociais requer a mediação de uma estrutura comunicacional, numa espécie de triângulo formado entre o sujeito, a mídia e a realidade. Esse processo, calcado na proliferação da imagem eletrônica, é *absolutamente novo* na história e só foi possível se efetivar na simbiose ideológica entre o mercado e os meios de comunicação de massa.

É notória a verificação de que os meios de comunicação de massa receberam a importante função de “substituir” o livro no Programa de Educação à Distância. Em outras palavras, o significado dos textos escritos não deveria ser tão valorizado em propostas pedagógicas como o TC 2000, pois os textos, gradativamente, seriam substituídos pelas imagens veiculadas nas fitas VHS. Esta condição nos permite definir os textos das apostilas de Geografia do TC 2000 como representantes de um ensino supletivo. Mas, verificamos também que, tão significativas quanto as imagens veiculadas pelos meios de comunicação de massa, são as imagens que evocamos e/ou elaboramos quando nos dedicamos ao ato da leitura.

Retomando os tipos de textos aqui abordados, podemos novamente apoiar nossas reflexões nas idéias expressas por Fiorin e Savioli (1999, p.116, grifos do autor), afirmando que:

Não se escrevem da mesma maneira os artigos do *Folhateen*, suplemento para jovens do jornal *Folha de S. Paulo*, e os editoriais desse jornal; uma bula de remédio e um conto; as falas de cada personagem; a primeira página do jornal *Notícias Populares* e a primeira página do *Estadão*. No texto científico, técnico, informativo etc. a única norma admitida é a chamada norma culta. Em outros tipos de texto, as variantes, como se disse, são usadas para figurativizar a identidade do narrador ou das personagens.

Deve-se estar atento, quando se usam variantes lingüísticas, para o fato de que elas devem ser adequadas à identidade de quem as utiliza (não se pode fazer um fluminense de Campos falar como um gaúcho) e de que seu uso deve ser coerente (uma personagem não pode usar uma variante e, na mesma situação, utilizar outra muito diferente; por exemplo, ora fala na variante baiana, ora na gaúcha). A mistura de variantes pode ser feita, mas é trabalho muito complicado, que exige um conhecimento muito grande da língua, para saber como combiná-las.

Diante de tais considerações, reafirmamos que o TC 2000 pode, então, ser compreendido como um material constituído por apostilas portadoras de textos de caráter didático. Todavia, podemos considerar que a objetividade verificada em sua linguagem pode ser resumida na função de (re)transmissão do

conhecimento. Neste sentido, tais textos se assemelham com os textos de caráter científico: objetivos, apresentando uma estrutura na qual se verifica a presença de linguagem extremamente técnica. Como (re)transmitir o conhecimento não é função do texto, e sim, do Orientador de Aprendizagem, a necessidade de urgência, de ganho de tempo do TC 2000, pode ser interpretada como um elemento em correspondência com a modernidade de nossa época, e não com o que os objetivos da proposta apontam como fundamental: formar o cidadão.

Se o tipo de texto nos fornece indícios de quem é o seu receptor, é possível considerar que os textos das apostilas de Geografia do TC 2000 refletem, em seu conteúdo, a preocupação com o ganhar tempo, abordando em seus parágrafos inúmeros conceitos. A abordagem de vários conceitos em uma “teleaula” aponta para o seu caráter que, em nossa pesquisa, denominamos “conteudista”. Tal condição corresponde às expectativas da proposta pedagógica quando a mesma é considerada supletiva, uma vez que há um período previamente determinado para o desenvolvimento das disciplinas em função de um calendário de provas. Assim, esta situação confirma o caráter técnico de seus textos, cuja informação se resume em transmissão rápida, objetiva, sem possibilidade de aprofundamento por parte do leitor. Os textos das apostilas de Geografia do TC 2000 não “seduzem” o leitor, não o convidam a desvendar palavras desconhecidas como o texto de “Os Sertões”. Essa premissa é observável no fragmento transcrito abaixo:

O rio Amazonas, hoje reconhecido como o mais extenso e de maior volume de água do planeta, corre em uma vasta extensão na qual as mudanças no nível de altitude são muito pequenas.

O rio Iguaçu, que corre sobre o planalto basáltico do Brasil Meridional, apresenta desníveis pronunciados por causa das rochas mais resistentes ao seu trabalho erosivo. Isso significa um elevado potencial para o aproveitamento da energia hidráulica.

Já o rio São Francisco apresenta trechos encachoeirados no seu alto e baixo curso, enquanto o médio curso possui declives suaves. Isso permite seu aproveitamento energético nos trechos de maior declive, bem como a navegação no trecho mais suave.

A aceleração ou diminuição da erosão nas encostas, aumentando ou diminuindo a quantidade de sedimentos para a carga dos rios; a ocorrência de alterações climáticas, modificando o volume de água dos canais fluviais; ou ainda de eventos tectônicos, isto é, de soerguimentos e rebaixamento da crosta terrestre, são fatores determinantes para a modificação da dinâmica fluvial levando à intensificação dos processos erosivos de deposição.

(FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 1996, p.82, v.1)

Na contramão do aglomerado de informações contidas nas apostilas de Geografia do TC 2000, a leitura de “Os Sertões” é mais agradável e, também, mais informativa. Sendo um texto descritivo – e narrativo –, observamos que seu conteúdo é capaz de seduzir o leitor, ao mesmo tempo em que facilita o acesso ao conhecimento, informando e contribuindo com a elaboração dessa compreensão.

Entendemos que as imagens são portadoras de valores e símbolos e, portanto, são impregnadas de subjetividade. Neste sentido, compreendemos que a leitura de um texto origina em nossa mente imagens que nos permitem retratar nossa realidade e também reconhecer, em diferentes épocas, aspectos pertinentes à nossa visão do mundo.

Neste contexto, verificamos que o tipo de abordagem presente nas apostilas do TC 2000 denota uma certa “sutileza” no tocante à sua linguagem escrita. Enquanto a obra euclidiana apresenta-nos uma linguagem envolvente, em função da riqueza de seus detalhes, as apostilas do TC 2000 induzem o leitor à aceitação de uma realidade que, na situação considerada, não pode ser submetida a modificações.

Se a visão do mundo observada na obra euclidiana “Os Sertões” pode ser considerada “elitista”, porque expressa a interpretação de um autor representativo diante de fatos vinculados à época em que viveu, a visão do mundo, observada nas apostilas do TC 2000, também configura a presença da utilização do saber geográfico, no entanto, apoiando-se no conformismo e na submissão do indivíduo às condições de sobrevivência que possui, induzido pelos valores e idéias de uma elite sócioeconômica que domina os meios de informação e impõe sua ideologia e visão do mundo.

Considerando que o uso das apostilas do TC 2000, sob recomendação de seus elaboradores, deve ser associado às fitas VHS, temos aqui uma oportunidade de “fuga” da sutileza que apontamos anteriormente, pois são as imagens apresentadas nas fitas VHS que, mesmo retratando miséria e/ou outras situações “desagradáveis”, envolvem o telespectador e, por isso, são sedutoras, “confirmando” as idéias (im)postas pela linguagem escrita.

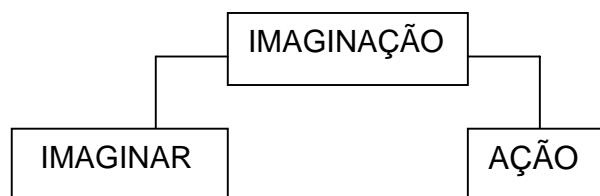
Em poucas palavras, é possível afirmar que a linguagem escrita manifesta-se através de imagens que elaboramos enquanto lemos ou

observamos o espaço geográfico. Então, tomamos como apoio as idéias de Bomfim (2002, p.83-4), afirmando que:

A construção do saber geográfico, como objeto de investigação científica, está inserida no cotidiano dos alunos e poderá igualmente nos levar a compreender de que maneira as imagens, sob a forma de representações visuais e cognitivas, orientam nossa percepção de mundo, bem como nossa construção de saber.

Assim, o recurso visual surge como indispensável à percepção que temos do lugar onde nos encontramos e vivenciamos nossas experiências, porém, é importante salientar, os demais sentidos que possuímos não podem ser desconsiderados. O olfato e a audição, por exemplo, são capazes de desencadear sensações e emoções que podem ser traduzidas, interpretadas através das imagens que criamos em nossa mente. Trata-se da nossa imaginação. E neste aspecto, a linguagem euclidiana se apresenta riquíssima como mediadora da formação de “imagens mentais”, que nos aproximam da realidade histórica.

Considerando a palavra imaginação, verificamos que é constituída por uma “junção” de conceitos distintos mas complementares, que podem ser representados esquematicamente:



Retomando nosso objeto de estudo, enquanto Euclides da Cunha descreve o espaço geográfico com palavras que desencadeiam a produção de imagens e sensações, o fragmento do texto tomado como um primeiro exemplo apresentado na página 14 e referente à teleaula n.º 4 de Geografia – Ensino Médio, é direcionado ao telealuno com o objetivo de transmitir rapidamente a informação pertinente ao seu tema, contrariando a situação observada na obra literária euclidiana.

A necessidade de urgência, de “ganhar tempo” nas atividades realizadas, reflete-se nos textos utilizados como parte do material pedagógico do

TC 2000, priorizando a adequação do conhecimento geográfico à modernidade de nosso tempo.

Compreendido como produto da tecnologia, o recurso audiovisual surge como “soberano”, e, sendo a principal estratégia no método pedagógico em questão – o TC 2000 –, muitas vezes acaba ofuscando as imagens produzidas pelo ato da leitura. A qualidade do texto escrito, neste sentido, é comprometida e por isso é questionada.

Eis um primeiro aspecto negativo que observamos através da comparação dos mesmos fragmentos escritos: se, na descrição euclidiana prevalecem interpretações que valorizam e destacam os aspectos do meio ambiente – no caso de “Os Sertões”, por exemplo – as apostilas do TC 2000 procuram, de certa forma, “mascarar” a realidade tanto no tocante à compreensão do conteúdo quanto no que se refere à simplicidade do telealuno, que é submetido a uma aquisição de conhecimento superficial. Este conhecimento superficial é verificado quando identificamos a capacidade que o discurso pedagógico embutido nas entrelinhas do TC 2000 possui quanto à promoção de aceitação e passividade oferecidas ao telealuno – que discutiremos melhor mais adiante – porém, pode ser contestado quando, novamente, é comparado às idéias expressas por Cunha (1984, p.226) onde, apesar de estabelecermos contato com uma linguagem mais envolvente e complexa, o autor faz da passividade a expressão de um conformismo inerente a um povo que não realiza reivindicações “legalizadas”, correspondentes às exigências sociais, mas que nos permitem visualizar os conflitos ocorridos através das imagens originadas mediante nossa leitura:

Por fim emudeceu o sino.

A força começou a descer, estirada pelas encostas e justaposta às vertentes. Deslumbrava num irradiar de centenares de baionetas. Considerando-a o chefe expedicionário disse ao comandante de uma das companhias do 7.º, junto ao qual se achava:

“Vamos tomar o arraial sem disparar mais um tiro!... à baioneta!”

Era uma hora da tarde.

[...]

Era a mais rudimentar das ordens de combate: a ordem paralela simples, feita para os casos excepcionalíssimos de batalhas campais, em que a superioridade do número e da bravura excluindo manobras mais complexas, permitam, em terreno uniforme, a ação simultânea e igual de todas as unidades combatentes.[...].

É necessário ressaltar que as imagens originadas a partir do fragmento selecionado para a comparação proposta nos permitem identificar a passividade aparente do sertanejo enquanto receptor de ataques em uma situação de combate. Diferentemente, as apostilas do TC 2000 induzem o leitor à passividade, considerando-o como um receptor de conceitos que devem conduzir suas atitudes e, conseqüentemente, suas reflexões. Enquanto a obra euclidiana aborda o sertanejo como receptor de ataques e o leitor como receptor de um conhecimento fundamentado na “beleza cinematográfica de sua descrição”, as apostilas do TC 2000 configuram-se como elemento responsável pela passividade de um receptor induzido a não refletir e/ou questionar a realidade apresentada.

1.1. A Presença da Imagem e do Saber Geográfico em “Os Sertões”

Pensar a obra euclidiana é, sobretudo, reconhecer aspectos geográficos e pedagógicos em seu conteúdo. Geográficos, porque há grande ênfase nos detalhes que constituem a descrição do meio ambiente onde se encontra o observador; pedagógicos, porque as palavras empregadas nessa descrição nos permitem o acesso ao conhecimento, pois, aliando informação e cognição – função especificamente humana – originam imagens que propiciam a aprendizagem e a aquisição do “saber”.

No fragmento escrito relacionado na página 15, observamos que a linguagem de “Os Sertões” utiliza palavras que permitem ao educador promover o envolvimento do educando com o tema abordado. Neste caso, destacamos, como exemplo: “território”, “léguas” e “metrópole”.

É neste sentido que observamos aspectos diferentes que constituem a comparação que estabelecemos entre ambos. Encontramos uma situação ambígua: por se tratar de uma obra literária (Os Sertões) e um material de fácil acesso (apostilas do TC 2000) – encontrado em bancas de jornais e com imagens (teleaulas) veiculadas em canais abertos de TV (além das formas de recepção organizada) – seria cabível que associássemos quaisquer dificuldades de interpretação ao primeiro e, todas as facilidades, ao segundo. Entretanto, vale ressaltar, a situação verificada é oposta.

Enquanto a obra euclidiana favorece o desenvolvimento de um trabalho pedagógico que possibilita o aprofundamento de conceitos importantes e enriquecedores à realidade do “leitor-aluno”, as apostilas do TC 2000 se tornam insuficientes e inadequadas pelo fato de não despertarem sua curiosidade, sua busca pelo conhecimento.

Não podemos, então, desconsiderar a relação “homem-meio ambiente”. Envolvidos em uma realidade que vai além dos limites de uma sala de aula, mesmo quando esta se localiza em uma empresa, os “telealunos” apreendem conceitos que lhes permitem interpretar o mundo onde vivem, atuam e promovem transformações no espaço geográfico.

Apesar de, inicialmente, a afirmação parecer contraditória, novas interpretações merecem destaque. Quando é apontada a passividade de pessoas que atuam num espaço em constante transformação, temos como referência o recebimento de informações “programadas”, que promovem a formação de conceitos que acabam direcionando suas atitudes.

As palavras seduzem tanto quanto as imagens, exercendo grande influência na capacidade de interpretação do homem acerca do meio ambiente. A ação do homem promove a (re)construção do espaço geográfico, mas sua individualidade é um aspecto que não pode ser considerado como suficiente a respostas que buscamos, pois, vivendo em sociedade, constitui grupos onde prevalecem as relações com seus semelhantes e com o ambiente.

Tanto na influência exercida pelas palavras e imagens, quanto na transformação provocada pela ação humana sobre o espaço geográfico, a subjetividade se encontra presente. Quando somos seduzidos pelas palavras e/ou imagens apreendemos conceitos e valores pertinentes a uma realidade e, conseqüentemente, temos a subjetividade como aspecto fundamental à constituição das visões do mundo. Mesmo sendo diferentes, constituem um espaço único, integrado.

A subjetividade presente nos materiais considerados para este estudo pode ser facilmente identificada, tanto nas entrelinhas das apostilas do TC 2000 como na obra euclidiana. Nas apostilas, assinala-se:

o crescimento da **população mundial** é desigual no tempo e no espaço. Os países desenvolvidos têm, hoje, pequeno **crescimento vegetativo** pois já completaram sua **transição demográfica**. Alguns

países subdesenvolvidos iniciaram essa transição enquanto outros ainda dependem do desenvolvimento sócio-econômico para realizá-la; (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 1996, p.81, v.2, grifos do autor)

Porém, quando nos apoiamos nas descrições de “Os Sertões”, verificamos que “o homem dos sertões – [...] – mais do que qualquer outro está em função imediata da terra. É uma variável dependente no jogar dos elementos [...]” (CUNHA, 1984, p. 97).

O fragmento considerado como exemplo para a identificação da subjetividade nas apostilas do TC 2000 nos permite verificar, em suas entrelinhas, a presença de um “determinismo” inerente à vida em sociedade.

A prevalência do modelo social organizado hierarquicamente transmite uma visão do mundo impregnada pela ideologia que valoriza a ordem e o controle. O crescimento da população mundial é interpretado como um aspecto “natural”, determinado pelas condições de vida de países que, supostamente, já ultrapassaram a fase de subdesenvolvimento. No entanto, é fato que o tipo de colonização predominante é um dos vários aspectos que acaba determinando a condição de desenvolvimento sócioeconômico dos países, e esta condição não é percebida facilmente no contexto apresentado. Trata-se da idéia de aceitação associada ao subdesenvolvimento do país que, sob esta ótica, é compreendido como mais uma “fase” a ser transposta, um estágio onde o determinismo da condição de sobrevivência assegura, como se fosse algo “natural” – ou tenta assegurar – a passividade necessária à manutenção social.

Esta indução à passividade, observada no material pedagógico do TC 2000, aponta para uma estratégia cuja finalidade é inibir a articulação e a flexibilidade entre as diferentes classes sociais.

Se tomarmos como exemplo o fragmento referente à obra euclidiana “Os Sertões”, não observamos a presença da passividade. Em muitos momentos, as palavras empregadas por Euclides da Cunha, apesar de enriquecerem a descrição, exigem do leitor mais leigo a busca de uma melhor compreensão através da procura de significados “palavra por palavra”. Então, procurando compreendê-las, o leitor possui acesso a informações que enriquecem seu (re)conhecimento do mundo e, conseqüentemente, lhe permite conhecer com sabedoria, diferenciando-se daquele indivíduo – a exemplo do aluno do TC 2000 – que acaba tornando-se, na maioria das vezes, um mero receptor de conteúdos.

Podemos, então, buscar novamente as idéias de Cunha (1984, p.81) para firmar nossas reflexões:

O sertanejo é antes de tudo um forte. [...] A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. [...] É desgracioso, desengonçado, torto. [...] O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gingante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida [...]. É o homem permanentemente fatigado [...]. Entretanto, toda essa aparência de cansaço ilude. Nada é mais surpreendedor [sic] do que vê-la desaparecer de improviso. Naquela organização combatida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormidas. O homem transfigura-se.

Tais palavras expressam uma consideração essencial ao nosso estudo: aluno ou não, o leitor é submetido à recepção de um conhecimento produzido historicamente, cuja importância e significado constituem as visões do mundo. Temos, então, a presença de situações experimentadas e vividas que nos permitem verificar o *modus vivendi* que define cada grupo no tocante à sua organização no espaço.

Possuímos uma maneira própria de interpretação, pois, como afirmamos anteriormente, somos sujeitos à nossa capacidade de imaginação. É através dela que elaboramos conceitos e reelaboramos o conhecimento. Criamos imagens e recriamos o espaço vivido.

Composta por aspectos subjetivos e objetivos, nossa realidade, neste sentido, pode ser compreendida como reflexo da construção de conceitos que caracterizam nossa visão do mundo em função das relações que estabelecemos e das experiências que possuímos.

Em muitos momentos, observamos que a subjetividade prevalece e assegura a presença de aspectos que permitem a transmissão e a (re)organização de tudo o que conseguimos conhecer. Não conhecemos tudo, e, mesmo considerando a diminuição da “distância” entre as variáveis espaço e tempo, torna-se inadmissível imaginar que temos – ou teremos – o domínio total do lugar que habitamos ou da realidade que vivenciamos.

A capacidade de adaptação do homem fez com que as modificações sobre o meio interferissem nas relações estabelecidas entre indivíduos e entre os

indivíduos e o meio ambiente. Para tanto, é necessário observar que Cunha (1984), em “Os Sertões”, nos permite apreender conceitos pertinentes ao saber geográfico, aliando nossa capacidade de compreensão do espaço vivido à complexa natureza do homem.

1.2. Imagem e “Tipos Humanos”: alguns fatores comuns a dois elementos distintos

Destinando uma parte do livro a esclarecimentos e descrições do homem e das “origens” do homem brasileiro, Cunha (1984, p. 50), observa que “o brasileiro, tipo abstrato que se procura, mesmo no caso favorável [...], só pode surgir de um entrelaçamento consideravelmente complexo”.

Sendo a natureza humana tão complexa e subjetiva quanto a realidade que construímos, é possível observar que o mundo se constitui num contexto onde conceitos e imagens se integram.

Tanto a obra euclidiana quanto o material pedagógico do TC 2000 retratam, cada qual à sua maneira, o homem, ou seja, o “tipo humano” participante no espaço que demarca os limites territoriais de nosso país.

Através do emprego da metodologia do Telecurso 2000, o aluno é submetido à passividade que o pode induzir à aceitação das condições de estudo e sobrevivência (trabalho) que possui, mas, sobretudo, é necessário observar que a atuação do homem sobre o meio é ressaltada na maioria dos temas das teleaulas. Como exemplo, podemos considerar a teleaula n.º 4, cujo tema é “*Modificar o meio ambiente*” e na qual se afirma que “o conhecimento do **meio ambiente**, como resultado da ação humana sobre o meio natural, tem sido objeto de estudo e interesse em muitos campos das ciências, dentre elas a própria Geografia” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 1996, p.24, v.1, grifos do autor).

Em ambos os casos, temos a figura humana como foco central das idéias expressas pelos fragmentos escritos.

Associando este aspecto ao ensino da disciplina Geografia, podemos considerar que o fator complexidade se encontra implícito em ambos: no tocante ao homem, basta pensarmos em sua capacidade cognitiva e, relacionando-o ao ensino, observamos que a abrangência, o “longo alcance” da disciplina Geografia

proporciona um entendimento profundo, de lugares e paisagens que constituem o meio ambiente, configurado pelas inúmeras imagens que elaboramos.

A ideologia intrínseca às imagens, por vezes, é observada através de “lentes sutis”, cujos olhares acabam por “omitir informações verdadeiras e reais”. No entanto, quando buscamos novos referenciais teóricos para a realização deste estudo, observamos que as imagens são, geralmente, relacionadas à aprendizagem, e retomamos Bomfim (2002, p.84) verificando que “[...] a prática demonstra que a construção do saber geográfico na sala de aula tem suas bases no cumprimento de exigências com um só objetivo, o de conseguir notas para uma aprovação escolar”.

Esta situação nos permite compreender que os professores resistem ao oferecimento de um saber fundamentado em uma postura inovadora, na qual são encontrados conceitos “embutidos”, cuja compreensão tornar-se-ia mais acessível se a imagem fosse utilizada como instrumento efetivo da (re)produção do conhecimento e do saber geográfico, aqui enfatizado. Neste contexto, são, novamente, as idéias de Bomfim³, que utilizamos para afirmar a nossa necessidade de:

[...] estudar como os alunos constroem, como uma forma de saber elaborado e sistematizado pela geografia escolar. Assim, faz-se necessário estudar como os alunos constroem suas representações sócio-espaciais e como eles associam estas representações às construções dos conceitos geográficos, de espaço vivido e de espaço construído a partir da imagem.

Ensinando e aprendendo a Geografia, possibilitamos aos nossos alunos o acesso ao conhecimento produzido historicamente mas não abandonamos uma outra possibilidade, que pode ser resumida na “inversão” de conceitos e valores que deveriam oferecer esclarecimentos ao homem, agente e participante do meio, construído e, portanto, modificado.

Esta “inversão” corresponde às propostas de instituições como, por exemplo, o Banco Mundial (BIRD). Os financiamentos e empréstimos que instituições como esta que consideramos realizam, implicam, diretamente, na condição de que os países a elas submissos correspondam adequadamente às suas exigências e expectativas. Um ensino gratuito e de ótima qualidade deveria

³ Id. 2002, p.83.

ser uma realidade, e não uma tentativa, geralmente, frustrada; mas as condições de nosso sistema de ensino nos induzem à importação de propostas inadequadas à realidade que possuímos, pois configuram situações vividas por outros países, “portadores” de outros problemas. Conforme Belo (2000. p.2):

A iniciativa do Banco Mundial em oferecer empréstimos ao Brasil pode ser compreendida como uma das estratégias de erradicação da pobreza [...] Porém, torna-se necessário considerar também que o mercado global exige do indivíduo a capacidade de competir e corresponder de maneira rápida e eficiente às mudanças [...]. No tocante ao setor educacional, as exigências não são diferentes [...].

Diante de tais colocações, podemos questionar: *que imagens temos do mundo em que vivemos? Como estas imagens interferem em nossa compreensão do mundo e de nossa história?*

Considerando a afirmação acima relacionada, temos a presença da equidade na realização de atividades que tenham como objetivo principal promover a educação e a difusão do conhecimento e que nos permitem compreender seu fundamento: o papel a ser desempenhado por este princípio refere-se ao oferecimento de um conhecimento “básico e mínimo”, cujo alcance é amplo. Neste contexto, manipula-se uma “vasta massa populacional”, pois um grande número de pessoas é atingido de uma única vez. Admite-se, assim, um nivelamento das pessoas envolvidas no processo de ensino e aprendizagem, ou seja, trata-se de uma estratégia segura, que não ocasiona “riscos” à manutenção da ordem e do controle social.

Na medida em que avançamos nessas reflexões, verificamos que a equidade decorrente das propostas do Banco Mundial promove a permanência da elite nos diferentes segmentos sociais. De forma semelhante, tanto a obra euclidiana quanto as apostilas do TC 2000 apresentam uma visão “elitista”, na qual “tipos humanos” são enfatizados.

É importante salientar que a presença de diferentes “tipos humanos” nos permitem observar que, mesmo nos contos de fadas – uma variação do texto literário que não abordamos nesta pesquisa – o padrão de beleza manifestado em personagens cujas características são pele alva, cabelos lisos e olhos azuis assegura-lhes posição (hierarquia) privilegiada. Fazem, geralmente, referência aos príncipes e princesas, uma vez que sua condição social – pois são membros

pertencentes à família real – é fator que nos permite identificar sua superioridade. Neste sentido, são representantes da raça superior, expressa na “imagem” que elaboramos e/ou evocamos quando nos reportamos ao “branco”, apontado na comparação realizada envolvendo os dois “tipos humanos” que consideramos e que detalharemos mais adiante: o “sertanejo euclidiano” e o “sertanejo aluno do TC 2000”.

No fragmento relacionado, referente à obra euclidiana, a expressão “entrelaçamento consideravelmente complexo” nos permite verificar, posteriormente, uma detalhada descrição que abrange tópicos desde a “gênese do jagunço” até os “agrupamentos bizarros” que povoaram Canudos de Antônio Conselheiro. No fragmento seguinte, relacionado na mesma página, mas referente às apostilas do TC 2000, observamos a ação humana como elemento principal considerado na realização de estudos geográficos. Então, recorreremos, novamente, ao material pedagógico considerado para um melhor entendimento:

[...] Os desempregados, os idosos e as minorias étnicas e raciais podem mergulhar numa espiral descendente de degradação e pobreza, pois as oportunidades de emprego diminuem, e os indivíduos mais jovens e mais instruídos vão abandonando os bairros decadentes.
(FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 1996, p.45, v.1)

Retomando nossas intenções, expressas no projeto de pesquisa, questionamos: *qual a função das imagens no ensino da Geografia? Possuem um objetivo específico ou mesmo um direcionamento ideológico, visando, assim, propiciar um ensino acessível a todos os cidadãos, mas, que não seja inadequado em relação às intenções expressas pelas diferentes instâncias governamentais?*

Tomando como referencial as apostilas do TC 2000, temos a oportunidade de observar e, sobretudo, confirmar alguns aspectos do questionamento acima relacionado.

As imagens contribuem muito com a consolidação de conceitos que passam a caracterizar a compreensão do aluno. Neste caso, tomando como referência a proposta pedagógica do TC 2000, verificamos que o ensino da Geografia pode limitar toda e qualquer possibilidade de avanço do aluno à medida que apresenta textos nos quais sua condição social é reafirmada como inferior e,

portanto, forçosamente há de mantê-lo num grupo cujas possibilidades de ascensão social são quase inexistentes.

Apoiando nossas reflexões em Goldmann (1991), verificamos que as diferentes visões do mundo refletem uma consciência coletiva que, por sua vez, se exprime através de uma consciência individual significativa e representativa.

Tal afirmação pode ser tomada como referência tanto para reiterar nossas reflexões acerca do ensino da Geografia, anteriormente apresentadas, como para a interpretação da questão central que configura a segunda parte de “Os Sertões”, que Euclides da Cunha intitulara “*O Homem*”: a gênese das raças mestiças no Brasil.

No tocante a “Os Sertões”, observamos que Euclides da Cunha, de maneira “arquitetônica”, apresenta aos leitores as raças que, no início da obra, constituiriam os fatores responsáveis pela origem dos diferentes tipos humanos que formaram o povo brasileiro: o silvícola (indígena), o negro (cafre) e o português (europeu).

Dentre os tipos humanos, o que possuía menores chances e/ou possibilidades de adaptação ao meio físico (meio ambiente) e, conseqüente, de sobrevivência, seria, na visão euclidiana, o negro.

É claro que o meio físico tem especial importância nesta análise e poderia conduzir nossas prováveis conclusões a aceitar o negro como indivíduo melhor adaptado, em função de sua força física, usada como mão-de-obra escrava. Porém, sem considerar o meio físico como mais um eixo norteador deste estudo, voltemos à questão neste momento proposta: a complexidade inerente à natureza humana.

Para facilitar nossa compreensão, apresentamos um quadro explicativo onde denominamos o silvícola como “a”, o negro como “b” e o português como “c”. Euclides da Cunha afirma a existência de uma “mestiçagem embaralhada”, que pode ser assim demonstrada:

QUADRO 01:

Cruzamentos que originaram os mestiços brasileiros

a + b	CAFUZO
a + c	MAMELUCO
b + c	MULATO

É necessário ressaltar que o mulato, produto do cruzamento entre negros e portugueses é um “tipo importado”, cuja origem, deu-se no litoral urbanizado, bem distante da hinterlândia brasileira. Além disso, não possuem a autonomia e o espírito aventureiro do “paulista”, um outro “tipo humano” que não abordaremos em nossa pesquisa, naturalmente superior ao sertanejo, porém, portador da audácia dos mamelucos.

A postura de Euclides da Cunha, no que se refere à raça negra, indica menosprezo e discriminação, que se refletem nas observações “preconceituosas” expressas em sua linguagem, retratada, em momentos anteriores, como rica em conceitos e bela; essa notável expressividade termina por denunciar sua ideologia, predominante na *intelligentsia* brasileira de sua época.

Neste sentido, podemos até considerar que a beleza inerente às imagens resulta de cenas que descrevem ora a barbárie das lutas, ora a visão elitista de um autor significativo, que expressa a visão do mundo de sua classe social, diferente em relação à classe das outras raças.

Em suas descrições, o autor não poupa esforços para expressar todo o menosprezo que destina ao negro, manifestando sua “interpretação” no tocante a este “tipo humano”, pois compreende que “[...] O negro teve, de pronto, sobre os ombros toda a pressão da vida colonial. Era a besta de carga adstrita a trabalhos sem folga”, (CUNHA, 1984, p.66).

Para Euclides da Cunha, o sertanejo seria extinto conforme o progresso, típico à presença marcante da civilização, avançasse limites e/ou fronteiras impostos pelo desenvolvimento e progresso da nação. Em poucas palavras, trata-se de uma visão determinista fatalista das raças existentes no Brasil, onde a extinção do sertanejo reflete um resultado da mestiçagem, que fora considerado trágico. Este “pessimismo” com relação ao sertanejo e, conseqüentemente, com o futuro do Brasil, é próprio da intelectualidade da época, sob a influência de inúmeras correntes do pensamento que aqui aportavam e que não aprofundaremos em nosso estudo.

Porém, em outros momentos, o autor contradiz tais afirmações, pois, por considerar o meio físico, aponta importantes distinções entre os mulatos que se originaram no litoral e os curibocas do sertão, produto do cruzamento entre “desbravadores sertanistas” e “selvagens” (índios). O mulato surge no litoral,

porque, nesta localidade ocorre a prevalência da escravidão negra relativa à demanda expressa pela cultura extensiva da cana-de-açúcar. Para Euclides da Cunha, era um degenerado.

Em relação às apostilas do TC 2000, verificamos que a presença desta “seleção natural” também é elemento de extrema importância, porém, manifestada de outra maneira.

Questionamos, no início deste tópico, qual seria a função das imagens no ensino da Geografia consoante à proposta metodológica aqui considerada.

Assim, utilizamos mais adiante, para o esclarecimento deste aspecto, uma tabela transcrita das apostilas do TC 2000, cuja análise considera três principais grupos étnicos: brancos, mulatos e negros. Vale considerar a categoria “Asiáticos e sem declaração”, que não abordaremos.

Antes de prosseguirmos, julgamos necessário elucidar alguns aspectos históricos que nos permitem uma reflexão mais adequada acerca da situação de nosso sistema de ensino e das propostas de instituições, ou seja, bancos financiadores de projetos que visam, legalmente, a promoção de melhores condições de vida às populações de países onde a maior parte das pessoas é classificada como portadora de baixa renda.

1.3. Imagens do Ensino que Refletem a Realidade Brasileira: uma possibilidade de compreensão dos objetivos da proposta pedagógica que configura a realidade do aluno do TC 2000

Nossa história nos permite observar a existência de um sistema de ensino que enfrentou muitas dificuldades. Para esclarecermos esta afirmação, mesmo que este não seja o foco desta pesquisa, podemos tomar alguns fatos já estudados em momento anterior como exemplo. Assim, de acordo com Belo (2002, p. 4-5, grifos do autor):

Os primeiros educadores presentes em nosso território foram os jesuítas. Eram responsáveis, inicialmente, pela efetiva catequese dos índios, utilizando a alfabetização e o ensino do idioma português como prática de evangelização direta. Mais tarde, essa prática também estendeu-se aos escravos negros. Em ambos os casos, o objetivo

maior era a manutenção da ordem na nova colônia pertencente à Portugal.

No ano de 1759, ocorre a Reforma Pombalina em consequência da expulsão dos jesuítas de nosso território, provocando uma grande desorganização do sistema de ensino e, colaborando para que alguns anos depois, fosse elaborada a primeira Constituição de nosso país. Trata-se da Carta Magna, que vem a conhecimento no ano de 1824 garantindo o ensino elementar e gratuito a todos os cidadãos.

O progresso apresentado ao longo dos anos atinge o sucesso por volta de 1870, o que assegura maior ênfase no setor que compreende as realizações de caráter educacional. E, já no ano de 1891, dois anos após a Proclamação da República, surge a primeira Constituição Federal. Neste documento, as ações educativas eram exercidas de forma descentralizada: competia aos Estados e municípios o ensino elementar e, a possibilidade e/ou acesso ao voto assegura a “*não-participação*” dos adultos analfabetos. Vale ressaltar que a educação era comandada pelas oligarquias.

Durante o período que compreende a República Velha (1889 à 1930), numerosas foram as reformas educacionais, resultando em um ensino básico que assegurava a normatização e qualidade.

Assim, no ano de 1920 surgem os primeiros passos em direção ao que denomina-se Educação de Jovens e Adultos e, com a Revolução de 1930, coloca-se um fim na República Velha, impondo ao Estado o comprometimento com alguns setores dominantes onde tomava-se como parâmetro para sua sustentação as massas populares urbanas, favorecendo a queda de um Estado que privilegiava os interesses regionais presentes até aquele momento.

Tomando como base acontecimentos históricos nacionais, correspondentes a momentos posteriores aos que foram acima relacionados, podemos considerar que o Brasil viveu seu momento glorioso no período compreendido entre 1940 e 1950, quando todas as forças sociais representativas passaram a desejar e defender a industrialização, colaborando com o fim de uma época caracterizada pela efetiva realização de atividades agrárias e, conforme verificamos nas idéias de Ghiraldelli Jr (1994, p. 118):

Ao contrário do que vigorou na Primeira República, quando a maioria dos políticos colocava a “*vocação agrária*” do país, como um destino glorioso, nos anos 40 e 50 o agrarismo transformou-se em coisa do passado. Todas as forças sociais realmente representativas passaram a desejar e defender a industrialização.

Retomando o foco de nossa pesquisa, a defesa pela introdução da industrialização no país corresponde à uma medida urgente, interpretada como responsável pelos inúmeros ganhos que o Brasil viria a obter e sem qualquer ligação com possíveis perdas e prejuízos.

As imagens que elaboramos como representativas do processo de industrialização são, geralmente, associadas ao pleno progresso e máximo

desenvolvimento. O TC 2000, como uma proposta pedagógica inovadora também é compreendido como um instrumento responsável pelo avanço de um sistema educacional eficiente, portador da possibilidade de amplo atendimento, atingindo um número significativo de pessoas de forma rápida e, até mesmo, eficaz. No entanto, é necessário observarmos que esta afirmação merece uma interpretação cautelosa: sua inovação é associada ao uso do recurso audiovisual, que faz da tecnologia um instrumento de marketing, gerando “propagandas” sobre uma metodologia que utiliza imagens produzidas que, neste sentido, deveriam limitar toda e qualquer interpretação fora de seu contexto.

Considerando que as teleaulas são veiculadas em canais de TV acessíveis ao público em geral, é possível verificar que as massas populares urbanas constituem o alvo de uma metodologia considerada inovadora e, portanto, diferente, confirmando a presença dos primeiros passos, representando a preocupação apontada por Belo (2002) no tocante à Educação de Jovens e Adultos e também a ocorrência de modificação de paradigma apontada por Ghirdelli Jr (1994) quanto ao abandono do “agrarismo” em função do processo de industrialização.

Até que se conseguisse fixar as diretrizes e bases da educação em todo o território nacional, ocorreram muitos fatos que geraram transformações em nossa sociedade, como por exemplo, a gestão Vargas, cujo governo promoveu investimentos na educação, porém, a exclusão prevaleceu como regra básica do sistema educacional. Devido à importância dessa questão, é válido ressaltar, mais uma vez, as idéias de Ghirdelli Jr (1994, p. 131, grifos do autor), que demonstram a presença de aspectos que expressam algumas das inúmeras dificuldades enfrentadas pelo sistema educacional brasileiro:

O espírito do desenvolvimentismo inverteu o papel do ensino público colocando a escola sob os desígnios diretos do mercado de trabalho. Daí a ênfase na proliferação de uma escola capaz de formar mão-de-obra técnica, de nível médio, deixando a universidade para aqueles que tivessem “vocação intelectual”. Concretamente, os recursos financeiros entre 1957 e 1959 destinados ao ensino industrial foram quadruplicados. Enquanto isso, o país, em plena ultrapassagem da metade do século XX, manteve a metade de sua população sem o domínio dos conhecimentos básicos da leitura e da escrita.

Mesmo fixando as diretrizes e bases da educação nacional, primeiramente pela lei n.º 4.024/61 e, anos depois, pela lei n.º 9.394/96, verificamos que o jogo de interesses políticos prevalece e corresponde, em momentos mais atuais, às estratégias de instituições como o Banco Mundial (BIRD) e Banco Interamericano para o Desenvolvimento (BID).

Em documentos oficiais sobre as estratégias que tais instituições destinam ao nosso país, uma das afirmações, contida em relatórios analíticos do BIRD, nos possibilita verificar que os altos índices de pobreza são decorrentes, diretamente, dos baixos níveis de educação. Então, de acordo com Vianna Jr (1998, p. 51):

[...] ao culpabilizar os desescolarizados por sua pobreza, alivia os impactos das causas econômicas nas determinantes dos elevados índices de concentração de renda, desemprego e baixos salários, reduzindo para o plano educacional as causas do empobrecimento da maioria da população.

Neste sentido, a formação de mão-de-obra técnica, apontada por Ghiraldelli Jr (1994), pode ser compreendida como elemento que justifica a afirmação acima relacionada, pois a sociedade estaria segmentada em classes que, historicamente, se destinam às atividades que correspondem ao fazer (produção) e ao pensar (produção intelectual).

A nova LDB – lei n.º 9.394/96 – prioriza a educação infantil e, excluindo da contagem geral de matrículas a Educação de Jovens e Adultos, assegura ao TC 2000 a preferência por parte de empresas para a sua “adoção”, pois o baixo custo e a possibilidade de obtenção de certificados garantem sua eficácia, ao menos sob os aspectos burocráticos. Porém, é importante salientar, o número de matrículas impulsiona o encaminhamento de recursos financeiros ao setor educacional e, assim, é necessário observar que salas de aula repletas de alunos não implicam na erradicação do analfabetismo e melhoria do padrão de qualidade de vida.

Neste sentido, o programa de Educação à Distância TC 2000 reflete a realização de um ensino sob parâmetros de uma proposta pedagógica que assume a função de eliminar índices negativos e, conseqüentemente, *suavizar* a imagem que caracteriza o sistema educacional brasileiro. A urgência em erradicar índices negativos – como o de analfabetismo, por exemplo – corresponde às

propostas dos bancos, que financiam projetos destinados a essa finalidade. Infelizmente, mesmo que seja estabelecido em seus objetivos tal condição, observamos que não temos uma imagem positiva em seus resultados.

Retomando, então, as idéias expressas por Belo (2002, p. 8), é possível observar que:

Os investimentos realizados por agências [...] internacionais desequilibraram a estrutura brasileira interna, tornando impossível a manutenção do padrão de consumo característico do país e enfatizando o medo pela perda do emprego.

Sendo o emprego uma necessidade para a sobrevivência humana, possuir um certificado de escolaridade deixa de ser apenas uma exigência das empresas que atuam no mercado de trabalho para, na interpretação das pessoas mais simples, representar, também, uma certa garantia de sua subsistência, que pode ser expressa nas formas de contratos temporários, na competitiva sociedade capitalista.

Associando tais afirmações com as idéias de Vianna Jr (1998), temos a oportunidade de verificar que o setor educacional configura a ocorrência de um assistencialismo denominado compensatório, cuja finalidade é oferecer soluções – ou prováveis soluções – para as dificuldades produzidas no setor econômico. E, além disso, o autor refere-se ao documento do BID (item 3.14, grifos do autor) que indica, sob a forma de orientação, a estratégia a ser adotada pelo Governo brasileiro:

É crucial que a nova estratégia do Banco para os setores sociais inclua medidas que ajudem o Governo a resolver as principais deficiências setoriais e promover a *eficiência e equidade*. Nesse sentido, especial ênfase deverá ser dada ao aumento da *eficiência do gasto social* mediante a contínua descentralização e adoção de reformas institucionais e administrativas.

(VIANNA JR, 1998, p. 51)

Como podemos observar, é acentuada a promoção da equidade, garantindo um mínimo referente às condições de sobrevivência aos indivíduos que dão o máximo de seu potencial que, traduzido, simplesmente, como mão-de-obra, é representado na expressão de sua força de trabalho.

À medida que buscamos fatores que nos permitam “traduzir”, interpretar as imagens e ações que perpassam nosso pensamento no momento da leitura que realizamos do parágrafo anterior, retomamos o material pedagógico considerado e temos a oportunidade de observar como é abordada a situação étnica brasileira, no ano de 1990, na teleaula n.º 21, intitulada “*Quantos Brasis Existem?*”⁴:

BRASIL – SITUAÇÃO ÉTNICA - 1990			
Grupos étnicos	População (%)	Analfabetismo (%)	Renda média (US\$/mês)
Branços	56,6	12,3	214,00
Mulatos	37,2	29,0	100,00
Negros	5,6	29,5	87,00
Asiáticos e sem declaração	0,6	7,4	377,00

Fonte: IBGE, PNAD, 1990.

A tabela transcrita foi selecionada de acordo com dois critérios que consideramos fundamentais: “Grupos étnicos” e “Renda média”.

A importância do critério “Grupos étnicos” deve-se ao fato de classificar o homem brasileiro tal como fizera Euclides da Cunha quando se dedicou a pesquisar a “raça brasileira”.

Classificando o homem nas categorias “Branços”, “Mulatos”, “Negros” e “Asiáticos e sem declaração”, a tabela que representa a análise realizada pelo IBGE (1990) nos permite observar que o indivíduo correspondente à categoria “Branços” possui melhores condições e/ou padrão de qualidade de vida se comparado àqueles que correspondem às categorias “Mulatos” ou “Negros”, quando associamos tais dados com os dados apresentados no critério “Renda média”. É importante salientar que não consideramos a categoria “Asiáticos e sem declarações” porque, em nosso entendimento, não há correlação entre esta e as abordagens referentes à descrição do sertanejo euclidiano.

A comparação entre aspectos humanos (Grupos étnicos) e econômicos (Renda média) reafirmam a equidade apontada anteriormente e nos permitem identificar o “Branco” como elemento integrante de uma classe social hierarquicamente superior, ou seja, de uma elite. Além disso, se tomarmos como parâmetro para nossa comparação o critério “Analfabetismo”, a mesma tabela

⁴ Tabela transcrita de: FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 1996, p.9, v. 2.

nos apresenta a confirmação desta “classificação”, pois os índices de analfabetismo mais baixos ocorrem na categoria “Branços”. Temos a possibilidade de confirmar o que os documentos dos bancos financiadores de projetos setoriais nos apontam: as causas da pobreza são reduzidas ao setor educacional e, assim, os “Branços” possuem melhores oportunidades.

É notável, também, o aspecto econômico como norteador das condições de sobrevivência já incorporadas pelo mundo moderno. Relacionando tal afirmação com a pesquisa realizada é possível observar que o “sertanejo aluno do TC 2000” corresponde a “Negros” e “Mulatos” da tabela transcrita, que migram para Estados mais desenvolvidos atraídos pela “propaganda” de melhores condições de vida divulgadas por meio de inúmeras, diversas imagens. Entretanto, a realidade que enfrentam quando chegam ao lugar eleito como nova moradia é muito diferente do que a realidade tomada como referencial a partir das imagens vistas na TV ou mesmo em jornais e revistas, que facultam o (suposto) conhecimento de um mundo diferente do seu.

Considerando a categoria “Grupos étnicos”, os “Branços”, “Mulatos” e “Negros” podem ser comparados com o “sertanejo euclidiano” se tomarmos como referência a difícil sobrevivência que enfrentam: o “sertanejo euclidiano” possui carência de recursos financeiros e vive num lugar onde o momento em questão exige atenção e dedicação total de seus esforços físicos, da mesma maneira que os “Mulatos” e “Negros” sofrem com os recursos financeiros, sendo que também se esforçam (trabalham) muito e ganham (recebem) pouco pelo grande esforço que realizam. Prevalece o princípio da equidade proposto pelas instituições que apostam em novos projetos setoriais. Temos, então, duas imagens do homem sertanejo, representantes de épocas diferentes mas que expressam semelhanças no tocante à realidade que enfrentam.

Neste sentido, a abordagem do homem na tabela transcrita do TC 2000 revela aspectos que nos permitem observar as diferenças entre os grupos étnicos considerados, nos quais identificamos aspectos que retratam a formação de diferentes grupos sociais, da mesma maneira que Euclides da Cunha subdivide os sertanejos, apontando-os como elementos de uma classe social menos favorecida.

Tanto no tocante ao “sertanejo euclidiano” como no tocante ao “sertanejo aluno do TC 2000” a luta pela sobrevivência é preponderante.

A carência econômica surge como fator responsável pela difícil situação vivida por estes sertanejos – “euclidianos” e “alunos do TC 2000”. No entanto, quando tomamos como referencial o “sertanejo aluno do TC 2000”, temos um elemento que se torna fundamental à análise proposta: o uso de recursos tecnológicos como instrumentos da transmissão do conhecimento.

A presença de tais recursos nos aponta a modernidade, surgindo como elemento que representa uma grande conquista, ou seja, uma nova realidade, repleta de possibilidades e sem dificuldades. Diante de tal condição, o sertanejo que migra para os Estados mais desenvolvidos economicamente traz consigo o sonho da conquista de novas e melhores condições de vida, cercados por situações que lhe prometem, a partir da observação de imagens veiculadas em diversas formas de propaganda, o poder do consumo de forma tão ágil quanto as atividades que realizamos em nosso cotidiano com o uso dos recursos tecnológicos. Um exemplo pode ser nossa possibilidade de realizar operações bancárias em caixas eletrônicos, ou mesmo pela *Internet*, facilitando e agilizando atividades que jamais faríamos em poucos minutos há poucos anos.

Temos, aqui, a imagem de um homem que se torna sujeito às situações que constituem a rotina cotidiana, sendo submisso às adversidades. Em decorrência de diferentes experiências, acaba sendo inferiorizado ou menosprezado se comparado ao “Branco”. Nesta situação, prevalece a discriminação.

Prosseguindo nossa pesquisa, verificamos as idéias de Cunha (1984, p. 78) afirmando que “todo o homem é antes de tudo uma integração de esforços da raça a que pertence e o seu cérebro uma herança”.

Sua afirmação confirma a capacidade que o sertanejo de suas descrições possui em relação ao domínio que exerce sobre o meio ambiente. No entanto, quando ambos se integram, o sertanejo resplandece como vitorioso. Integrado ao meio ambiente, sua força física e sua audácia se fundem, originando atitudes dignas de coragem e soberania. Mesmo denominado como “selvagem bronco” nas descrições de Euclides da Cunha, a imagem que elaboramos do “sertanejo euclidiano” supera os valores impostos pela visão de mundo do autor, nos permitindo o abandono de atitudes que o discriminam e inferiorizam diante do “Branco”. Considerando o “sertanejo euclidiano” como elemento formador de um grupo social, o “Branco” também constitui um grupo social, porém, diferenciado. É

associada a este “tipo humano” a capacidade de produção intelectual, que o torna “superior” se comparado ao “sertanejo euclidiano”.

O “sertanejo euclidiano” e o “sertanejo aluno do TC 2000” são observados em textos que representam épocas diferentes, correspondendo, então, a visões do mundo também diferentes, pois os autores possuem experiências próprias. Assim, buscamos apoio nas idéias de Goldmann (1991, p. 8), que nos aponta a importância de compreendermos a distância e a proximidade simultâneas entre um autor e sua obra:

[...] não cremos que o pensamento e a obra de um autor possam ser compreendidos por si mesmos se permanecermos no plano dos escritos e mesmo no plano das leituras e influências. O pensamento é apenas um aspecto parcial de uma realidade menos abstrata: o homem vivo e inteiro. E este [sic], por sua vez, é apenas um elemento do conjunto que é o grupo social. Uma idéia, uma obra só recebe verdadeira significação quando é integrada ao conjunto de uma vida e de um comportamento. Além disso, acontece freqüentemente que o comportamento que permite compreender a obra não é o do autor, mas o de um grupo social (ao qual o autor pode não pertencer) e sobretudo, quando se trata de obras importantes, o comportamento de uma classe social.

1.4. Imagem e “Tipos Humanos”: a perigosa tendência à aceitação

Nas diferentes formas de estudo, podemos observar que nada é extremamente único, certo ou absoluto, pois é a suscetibilidade às dúvidas e questionamentos que promove a continuidade e o desenvolvimento do conhecimento produzido historicamente.

No decorrer do processo de sistematização do conhecimento é notória a presença de contradições, prevalecendo, ao menos, duas possibilidades acerca de um mesmo objeto de estudo.

Neste sentido, podemos considerar as idéias de Goldmann (1991, p. 47), afirmando que “o materialismo dialético é uma concepção global do homem e do universo; como tal, ele se contrapõe a grande número de concepções diferentes, ou mesmo opostas [...]”.

A dinâmica da realidade presente no mundo e que, inquestionavelmente, consubstancia o espaço geográfico, determina a

capacidade que a ciência Geografia possui em relação à abrangência das diferentes áreas do conhecimento.

Em contato com os materiais que constituem nosso objeto de estudo, observamos que prevalece a manifestação de um pensamento repleto de contradições que, cautelosamente, abordaremos em momentos distintos.

1.4.1. Os Sertanejos: imagens da passividade na aceitação de sua condição humana

Neste tópico tratamos dos sertanejos: “sertanejo euclidiano” e “sertanejo aluno do TC 2000”. O primeiro, conforme a própria denominação nos indica, é referente às descrições de Euclides da Cunha e, o segundo, ao tipo humano que representa o migrante nordestino que procura novas condições de vida em Estados mais desenvolvidos se comparados ao seu lugar de origem.

* * * *

Como já apontamos, o problema central abordado por Euclides da Cunha na segunda parte da obra “Os Sertões”, intitulada “*O Homem*”, focaliza uma questão entre muitas: *há uma gênese que explique a origem dos mestiços no Brasil?*

Em sua concepção de homem, o autor considera o sertanejo um “tipo humano” que resulta de um processo que, como já apontamos anteriormente, denomina como “mestiçagem embaralhada”. Porém, não deixa de compará-lo com o modelo de “*homo americanus*”.

Ao abordar esta questão, Euclides da Cunha afirma que o indígena brasileiro seria nosso autóctone, pois é ele o “tipo humano” predominante em estudos que procuram tratar das raças que originaram nosso povo.

Resultado desta “mestiçagem embaralhada”, o “sertanejo euclidiano” representa um tipo humano único e, até mesmo, “invariável”.

Sobre esta difícil análise acerca do “tipo humano” que representa o brasileiro, Cunha (1984, p. 49, grifos do autor) nos aponta o esforço intelectual de antropólogos na busca de tal definição:

[...] no domínio das investigações antropológicas brasileiras se encontram nomes altamente encarecedores do nosso movimento intelectual. Os estudos sobre a pré-história indígena patenteiam modelos de observação sutil e conceito crítico brilhante, mercê dos quais parece definitivamente firmado, contravindo ao pensar dos caprichosos construtores da ponte Alêutica, o autoctonismo das raças americanas.

Neste belo esforço, [...], destacam-se o nome de Morton, a intuição genial de Frederico Hartt, a inteiriça organização científica de Meyer, a rara lucidez de Trajano de Moura, e muitos outros cujos trabalhos reforçam os de Nott e Gordon no definir, de uma maneira geral mas completa, a América como um centro de criação desligado do grande viveiro da Ásia Central. Erige-se autônomo entre as raças o *homo americanus*.

Sendo 2002 o ano do centenário da obra “Os Sertões”, tivemos contato com materiais que, objetivamente, buscam prestar esclarecimentos sobre tão detalhada e rica manifestação literária. Dentre vários materiais, alguns foram selecionados para complementar a pesquisa que desenvolvemos. Para uma melhor compreensão sobre a “formação das raças”, consideramos o Caderno Mais!, veiculado pelo jornal *Folha de S. Paulo* em 1.º de dezembro de 2002.

Entre depoimentos, artigos e trechos inéditos de uma biografia preparada por Roberto Ventura e de uma carta de Euclides da Cunha a José Veríssimo, o referido material nos permite uma integração de diferentes interpretações sobre um mesmo objeto. Em outras palavras, temos a oportunidade de observar e identificar diferentes olhares na constituição das imagens do homem – “tipo humano” –, do espaço geográfico e, ainda, da integração entre ambos.

Localizada na margem do rio Vaza-Barris, a comunidade de Belo Monte é composta por homens que podem ser caracterizados como “únicos”, representantes de um tipo “exclusivo”. Mestiço, o “sertanejo euclidiano” constitui um “tipo humano” que, por ser tão diferente, nos inclina a questionamentos e, conseqüentemente, à busca de explicações sobre sua natureza, repleta de critérios para análise.

Tomando como base o Caderno Mais!, verificamos a presença da “teoria da degenerescência”, introduzida na psicologia brasileira pelos cientistas Raimundo Nina Rodrigues e Juliano Moreira.

Em 1923, o psiquiatra Gustavo Riedel fundou a Liga Brasileira de Higiene Mental (LHBM), responsável pela introdução da eugenia no Brasil. Já em 1931, oito anos mais tarde, era criada pelo psiquiatra Renato Kehl a Comissão Central Brasileira de Eugenia, cujo objetivo era a promoção da “regeneração do homem”. As idéias expressadas por tais psiquiatras fomentaram as prescrições legais alemãs, datadas de 1934, nas quais se determinava a esterilização compulsória de indivíduos considerados portadores de “taras”. A correspondência entre os ideais dos psiquiatras e as determinações legais alemãs são evidentes, segundo Scliar (2002, p.18), nos Arquivos da Liga que resultaram, mais tarde, na lei alemã. Porém, retomemos nossa pesquisa.

Euclides da Cunha poderia, simplesmente, retratar o sertanejo no contexto de um racismo “banal”, próximo de várias manifestações de preconceitos presentes e marcantes em nossa atual sociedade. Entretanto, podemos observar que a riqueza de sua descrição retrata uma das afirmações de Scliar, que tomamos como primordial para o prosseguimento de nossa análise:

Abolicionista, republicano, o jovem Euclides, [...], cursou engenharia primeiro na Escola Politécnica do Rio e depois na Escola da Praia Vermelha. Ali foi influenciado pelo espírito científico da época, que unia ao positivismo de Comte o evolucionismo de Darwin e de Spencer. Essa ciência desafiava os princípios estabelecidos pela religião e, ao mesmo tempo, induzia a uma visão pessimista e até cruel da espécie humana, influenciada pela idéia de sobrevivência do mais apto.

(SCLIAR, 2002, p.18)

Observando a capacidade que o autor possui no sentido de diferenciar-se dos demais referenciais literários brasileiros quanto à descrição e determinação de conceitos que retratam os tipos étnicos formadores do povo brasileiro, podemos nos apoiar nos dizeres euclidianos para uma melhor compreensão sobre cada um dos três elementos primordiais no processo de origem do “brasileiro”.

QUADRO 02:**Tipos étnicos formadores do brasileiro**

SILVÍCOLA BRASILEIRO (índio)	Tipo nativo das terras brasileiras.
NEGRO BANTO (cafre)	“Desprotegido”; origem africana destaca sua religiosidade na análise de Raimundo Nina Rodrigues; sobreviveu à seleção natural em virtude de sua força e “ferocidade”.
PORTUGUÊS (europeu)	Seu biotipo nos associa à estrutura do celta, denominada por Euclides da Cunha como “vibrátil”.

Fonte: Cunha (1984); Org.: Belo, Evelyn Monari (2004).

Constituindo diferentes grupos sociais, índios, negros e portugueses apresentam nos resultados de seus cruzamentos uma classe social que foge aos padrões correspondentes à interpretação que Euclides da Cunha possuía do mundo. Temos, aqui, mais um de nossos questionamentos: *como esta representação, esta imagem do “tipo humano” pode influenciar nossos valores e concepções? Como vemos esse homem?*

Em consonância com a pesquisa que desenvolvemos, partimos das idéias do autor considerado para fundamentar nossas argumentações a respeito da concepção de homem – o sertanejo, neste caso – que passamos a aceitar a partir de suas justificativas e/ou conclusões:

[...] As sedes iniciais das indagações deslocam-se apenas mais perturbadas, graças a reações que não exprimem uma redução, mas um desdobramento. E o estudo destas subcategorias substitui o das raças elementares agravando-o e dificultando-o, desde que se considere que aquelas comportam, por sua vez, inúmeras modalidades consoantes as dosagens variáveis de sangue.

(CUNHA, 1984, p. 50)

Complexo e, por vezes, enigmático, o sertanejo resplandece em contradições: sem vigor físico e superioridade intelectual, configura o produto de uma raça com alta dose degenerativa mas que, ainda assim, é indispensável como combatente nos conflitos ocorridos em Canudos. Diante das dificuldades,

consegue romper barreiras, mas não é capaz de abandonar características inerentes à linearidade evolutiva.

Na obra euclidiana existem fragmentos nos quais o autor faz algumas referências ao processo de seleção natural, que expressa a linearidade evolutiva citada acima.

Não temos a pretensão de aprofundar nossos estudos enfatizando o processo de seleção natural, entretanto, é importante salientar que Euclides da Cunha utiliza-o em seus escritos com o propósito de abordar o conceito de adaptação de indivíduos ao meio ambiente (físico), cujo desenvolvimento, nesta concepção, ocorre de acordo com a superação de uma seqüência de “estádios” pré-estabelecidos e comuns a indivíduos de uma mesma espécie.

Tomando como referência o sertanejo euclidiano, podemos verificar como Cunha (1984, p. 79) nos aponta a capacidade de sua adaptação ao meio, considerando a integração de aspectos do meio físico com sua cultura:

[...] O sertanejo tomando em larga escala, do selvagem, a intimidade com o meio físico, que ao invés de deprimir enrija o seu organismo potente, reflete, na índole e nos costumes, das outras raças formadoras apenas aqueles atributos mais ajustáveis à sua fase social incipiente.

É um retrógrado; não é um degenerado. Por isto mesmo que as vicissitudes históricas o libertaram, na fase delicadíssima de sua formação, das exigências desproporcionadas de uma cultura de empréstimo, prepararam-no para a conquistar um dia.

A sua evolução psíquica, por mais demorada que esteja destinada a ser, tem, agora, a garantia de um tipo fisicamente constituído e forte. Aquela raça cruzada surge autônoma e, de algum modo, original, transfigurando, pela própria combinação, todos os atributos herdados; de sorte que, despeada afinal da existência selvagem, pode alcançar a vida civilizada por isto mesmo que não a atingiu de repente.

Aparece logicamente.

Em contrapartida, o “sertanejo aluno do TC 2000” expressa sua condição de tipo humano adaptado à realidade encontrada em lugares muito diferentes daquele onde morava à medida que se envolve com novas situações cotidianas.

Distante de regiões onde a seca é uma condição climática que acaba determinando suas “estratégias”, ou seja, sua forma de agir para sobreviver, ele necessita compreender que esta nova realidade, tão atraente quando observada nas imagens veiculadas através dos meios de comunicação – jornais, revistas, emissoras de televisão, etc. –, não pode ser interpretada como uma decorrência

natural da vida nos Estados mais desenvolvidos. Significando que, quando as palavras são “omitidas” em função do uso das imagens, a realidade sofre “profundas alterações”: ficam à parte as condições que determinam, verdadeiramente, as situações e/ou ocorrências cotidianas.

Neste contexto, mesmo sem a intenção de aprofundar nossa pesquisa na busca do conceito de “seleção natural”, algumas considerações são inevitáveis, pois se tornam condição para a interpretação da(s) imagem(ns) que elaboramos quando nos encontramos em contato com os materiais que constituem nosso objeto de estudo.

Primeiramente, consideremos o “sertanejo euclidiano”. Menosprezado diante da capacidade intelectual do branco, neste caso representado pela figura dos militares, é exaltado quando observada e descrita sua força. Valente e impetuoso diante do inimigo, trata-se de um tipo humano que não pode ser compreendido como produto de um processo de desenvolvimento “linear”, pois a própria integração do homem com o meio físico, que apontamos anteriormente, nos permite observar que sua realidade não corresponde ao processo de seleção natural, que compreende a adaptação como o resultado da superação de “estádios” subseqüentes que correspondam, posteriormente, ao nível de desenvolvimento atingido e que nem sempre é o mais avançado em uma escala de análise.

Em relação ao “sertanejo aluno do TC 2000”, a modernidade surge enquanto aspecto a ser considerado como fundamental em nossa interpretação das imagens que evocamos quando o descrevemos – ou tentamos descrevê-lo.

Identificamos, então, uma semelhança entre os sertanejos “euclidiano” e “aluno do TC 2000” que não podemos desconsiderar neste momento: ambos são tipos humanos de hábitos simples, que adquiriram conhecimento conforme vivenciaram inúmeras e variadas situações cotidianas. Assim, suas experiências se tornam a fonte do saber que possuem, no qual as condições estabelecidas pelo meio onde vivem determinam sua realidade.

O “sertanejo aluno do TC 2000” amplia seu conhecimento quando se encontra residindo em lugares distintos do seu lugar de origem, situação que impõe a ele a necessidade de superar as dificuldades dessa nova realidade.

Cercado por aparatos tecnológicos, este “tipo humano” se encontra agregado a um grande contingente de recursos que, teoricamente, devem facilitar o agitado cotidiano das pessoas que habitam os grandes centros urbanos.

Enquanto as pessoas já acostumadas a viverem nas grandes cidades se encontram habituadas ao uso de caixas eletrônicos, por exemplo, empregos que geram baixos salários não asseguram uma digna sobrevivência ao “sertanejo aluno do TC 2000” e, assim, afetam também o desejo de consumo instigado por meio das imagens que observaram e que o fizeram abandonar a vida que levavam longe de Estados considerados mais desenvolvidos. Em suma, não imaginam que a realidade a ser enfrentada nesses lugares, que procuram como fonte de superação das dificuldades que enfrentam, seja tão árdua ou até mesmo pior, se comparada ao cotidiano experimentado em sua terra natal.

Assim, quando passamos a verificar tais aspectos, temos a oportunidade de estabelecer comparações entre os tipos humanos que constituem o “sertanejo euclidiano”.

Ao apresentarmos o Quadro 02, tivemos a pretensão de descrever, sucintamente, os tipos humanos formadores do brasileiro, originado a partir da “mestiçagem embaralhada”, processo de cruzamento entre raças assim denominado por Cunha (1984). Da mesma forma que o “sertanejo euclidiano”, o “sertanejo aluno do TC 2000” expressa o resultado de processos como este, fato que o torna único e “invariável”. Estas peculiaridades são as mesmas que apontamos anteriormente sobre o “sertanejo euclidiano” e que acabam induzindo nossa pesquisa na busca pela compreensão do “vaqueiro do Norte” e do “gaúcho do Sul”, presentes em “Os Sertões”.

1.5. Experiências de Vida: elaboração de imagens *versus* construção da realidade

1.5.1. O “Sertanejo Euclidiano”: imagens *versus* realidade

O vaqueiro do Norte, que difere do mestiço oriundo das faixas litorâneas, tem sua formação derivada de cruzamentos que, na visão euclidiana,

resulta da destruição das “raças fracas” pelas “raças fortes” sem o uso de armas, apenas pela imposição da civilização.

Neste sentido, existem diferenças entre o vaqueiro do Norte e o gaúcho do Sul, que, constituindo categorias que configuram o “tipo humano” que denominamos “sertanejo euclidiano” podem ser compreendidos e/ou interpretados a partir das considerações que realizamos no quadro seguinte:

QUADRO 03:

Características do vaqueiro do Norte e do gaúcho do Sul

VAQUEIRO DO NORTE	GAÚCHO DO SUL
– Cavaleiro robusto e desgracioso;	– Feição mais cavalheiresca e atraente;
– Agilíssimo diante da ameaça do inimigo;	– Aventureiro e jovial;
– Ameaçado por um futuro incerto;	– Despreocupado;

Fonte: Cunha (1984); Org.: Belo, Evelyn Monari (2004).

De acordo com as características apresentadas no Quadro 03, podemos observar que as diferentes situações enfrentadas pelo vaqueiro do Norte e pelo gaúcho do Sul asseguram, a cada um, uma visão do mundo correspondente a seu grupo social que, apesar das diferenças, assemelham-se em algum momento. Além disso, as impressões que resultam da nossa interpretação das palavras e/ou expressões empregadas no mesmo quadro nos induzem à elaboração de imagens diferentes sobre ambos.

O vaqueiro do Norte é robusto e forte, valente e ágil diante das inúmeras adversidades que a mísera e árdua realidade lhe impôs. Ele não recua diante de ameaças. Sua postura é a de um bravo, um valente que, quando se encontra “rodeado” pelo inimigo, recobra suas forças e parte para a defesa de algo que toma como sua propriedade: o território, o lugar em que vive. Mesmo com um futuro incerto, pois a seca é um dos principais fatores responsáveis pela sua desgraça, o vaqueiro do Norte manifesta em sua audácia toda a força que a vida nos sertões lhe concedeu.

Alguns aspectos referentes às características específicas dos cruzamentos já relacionados no Quadro 01 merecem especial atenção neste momento de nossa pesquisa. Trata-se de aspectos pertinentes às peculiaridades das raças, por meio dos quais abordaremos, nesta análise, um dos resultados obtidos para efetiva comparação.

Selecionando o mameluco – também chamado *mamaluco* por Euclides da Cunha – observamos que este busca desligar-se do “vínculo original” que possui com a raça negra, considerada “rude”, distante da possibilidade de desenvolver seu potencial intelectual, semelhantemente ao “Branco”.

De maneira contrária, o gaúcho do Sul reluz beleza e jovialidade. Enquanto o vaqueiro do Norte expressa em suas feições a degeneração de um biótipo denominado “enigmático”, cujas características dificultam o reconhecimento de uma raça verdadeira, em decorrência dos cruzamentos que configuram uma grande “mistura” de raças, o gaúcho do Sul não se distancia desta condição, mas é digno de uma superioridade inerente às condições básicas de sobrevivência que lhe cabem.

A vida do gaúcho do Sul, por ser mais “fácil” em virtude de suas condições, também pode ser interpretada, segundo afirmara Cunha (1984), como teatral. Ele luta, a exemplo do vaqueiro do Norte, mas possui outros ideais.

Pelo fato de não sofrer com dificuldades que venham a comprometer sua sobrevivência, pode ser considerado superior: também enfrenta situações adversas nas quais, contrariamente às situações vividas pelo vaqueiro do Norte, predominam melhores condições físicas e também a fartura de alimentos. Ele não sofre com a seca.

Comparando o vaqueiro do Norte com o gaúcho do Sul, verificamos que o primeiro tem, na vida cotidiana, a expressão da conquista de cada dia como uma dádiva, um prêmio conquistado com muito esforço.

Eis aqui mais um aspecto marcante na comparação que realizamos entre os “diferentes tipos sertanejos”: a submissão surge como característica preponderante.

Geralmente, manifesta-se em relações de servidão, mais comuns ao vaqueiro do Norte. Como relatamos anteriormente, o gaúcho do Sul é dotado de certa superioridade em virtude das próprias condições de sobrevivência que possui.

Assim, o trabalho que o vaqueiro do Norte presta aos fazendeiros dos sertões é fundamentado no estabelecimento das relações de servidão, isentas de quaisquer formalidades burocráticas.

Neste sentido, vale ressaltar a ausência de cobranças: não existem formalidades burocráticas, pois não ocorre assinatura de contratos entre os

proprietários de terra e os sertanejos, seus empregados. Prevaecem a palavra e a confiança como condição fundamental para o estabelecimento de relações entre pessoas de diferentes classes sociais. Esta condição assegura a presença da hierarquia, que diferencia e determina a realidade de cada grupo.

Na visão euclidiana, o vaqueiro do Norte é considerado inferior ao gaúcho do Sul e, por isso, curva-se diante dos fazendeiros do sertão com naturalidade, expressando sua submissão e, ainda, uma certa passividade. Ele não reluz em seu tipo físico a beleza e a jovialidade do gaúcho do Sul.

Quanto às condições de existência do gaúcho do Sul, a visão euclidiana faculta que observemos suas conquistas, que se refletem a partir do próprio padrão estético que possui e que o torna herói diante da imagem do vaqueiro do Norte, cujo padrão estético o tipifica como “fracassado”. Tal condição indicaria a superioridade, a audácia do gaúcho do Sul se comparado ao vaqueiro do Norte.

Neste sentido, observamos um aspecto a ser considerado como fundamental: tanto a imagem do vaqueiro do Norte, como a do gaúcho do Sul não podem ser compreendidas como representações fiéis, conforme a descrição euclidiana, pois nela prevalece a visão do mundo do autor.

Enquanto a imagem do herói é associada ao tipo físico, exibido nas características estéticas do gaúcho do Sul, o heroísmo é facilmente identificado nas atitudes do vaqueiro do Norte.

Assim, modificamos as imagens que evocamos a partir das descrições euclidianas, pois as mesmas nos conduzem ao abandono da a imagem do “herói gaúcho do Sul” ao mesmo tempo em que abandonamos a imagem do “fracassado vaqueiro do Norte”, pois passamos a interpretá-lo como vitorioso, mesmo que submisso.

Sua submissão pode ser associada tanto ao desempenho de sua função nas fazendas bem como às condições de vida que enfrenta. Para comprovar essa afirmação, retomamos as idéias de Cunha (1984, p. 84, grifos do autor):

[...] o sertanejo do Norte teve uma árdua aprendizagem de reveses [...].
Atravessa a vida em ciladas, surpresas repentinas de uma natureza incompreensível, e não perde um minuto de tréguas. É o batalhador perenemente combatido e exausto, perenemente audacioso e forte; preparando-se sempre para um reencontro que não vence e em

que ainda não se deixa vencer; passando da máxima quietude à máxima agitação; da rede preguiçosa e cômoda para o lombilho duro, que o arrebata como um raio, pelos *arrastadores* estreitos, em busca das malhadas. Reflete, nestas aparências que se contrabatem, a própria natureza que o rodeia – passiva entre o jogo dos elementos e passando, sem transição sensível, de uma estação à outra, da maior exuberância à penúria de desertos incendiados, sob o reverberar dos estios abrasantes.

É inconstante como ela. É natural que o seja. Viver é adaptar-se. Ela o talhou à sua imagem: bárbaro, impetuoso, abrupto ...

Além de retratar um “subproduto humano” – mesmo que “*diferente*” do modelo “*homo americanus*” apontado por Euclides da Cunha –, o sertanejo nos permite a compreensão de um mundo repleto de ações complementares, no qual a realidade não se curva aos caprichos do mestiço. Contrariamente, é o mestiço quem deve curvar-se a ela, de modo com que suas atitudes tornem possível sua sobrevivência.

Sua submissão e passividade são condições tão evidentes que emergem como pressupostos fundamentais, expressando valores e padrões que se constituem a partir das diferenças e semelhanças que, simultaneamente, estão presentes em sua visão do mundo. Decisivas, ambas podem ser compreendidas como características inerentes a um produto dinâmico e inacabado. Não podemos, então, desconsiderar as idéias de Goldmann (1991, p. 73-4), afirmando que:

Uma visão do mundo é um ponto de vista coerente e unitário sobre o conjunto da realidade [...]. Ela é o sistema de pensamento que, em certas condições, se impõem a um grupo de homens que se encontram em situações econômicas e sociais análogas, isto é, a certas classes sociais [...] mas o meio social onde se desenvolve, a classe social que exprime, não são necessariamente aqueles nos quais o escritor ou filósofo passaram sua juventude ou uma parte considerável da vida.

Escritor de gênio, Euclides da Cunha corresponde às afirmações de Goldmann. Apesar de não ter passado a maior parte de sua vida ou juventude no local de realização da descrição do conflito de Canudos, suas observações são capazes de eternizar sua visão através de imagens que elabora – e que nos permitem elaborar – a partir de sua produção literária. Neste sentido, o autor pode ser considerado um manifestante da subjetividade, tão complexo quanto o sertanejo, alvo de sua curiosidade.

À medida que buscamos maiores esclarecimentos para nossas questões, observamos que a “mestiçagem embaralhada” encaixa-se de maneira perfeita nas tentativas de definição das visões do mundo que, mesmo diferentes e/ou peculiares, favorecem a integração de homens em grupos sociais que, mesmo portadores de diferenças e/ou peculiaridades, apresentam aspectos comuns em algum momento. Então, retomamos Cunha (1984, p. 96), cujas idéias ratificam sua afirmação sobre este “tipo humano”, como se o sertanejo fosse um:

Resumo dos caracteres físicos e fisiológicos das raças que surge, sumaria-lhes idênticamente as qualidades morais. É um índice da vida de três povos. E as suas crenças singulares traduzem essa aproximação violenta de tendências distintas [...].

É possível, neste momento, associar a tais considerações aspectos decorrentes das tendências expressas na teoria degenerativa que apontamos anteriormente.

Em linhas gerais, a degeneração da raça manifesta-se através das características do sertanejo, vaqueiro do Norte, em aspectos que exigem maior ênfase:

- a) seu tipo físico: o vaqueiro do Norte não apresenta a beleza e o vigor do gaúcho do Sul, antes, configura-se como um tipo representativo de uma imagem degenerativa da espécie, distante de padrões estéticos que consideramos “corretos”, tomados como modelo (padrão) e que exprimem os valores pertinentes à classe social que pertencemos, expressando nossa visão do mundo;
- b) sua “intelectualidade”: desprovido do conhecimento “formal”, o sertanejo é observado e interpretado como um indivíduo bruto, rude e, até mesmo, incapaz de adequar-se a níveis mais elevados da hierarquia social.

Representante de uma classe social supostamente superior à do sertanejo, Euclides da Cunha expressa valores e ideais elitistas e, ainda, preconceituosos.

Em decorrência deste aspecto, torna-se extremamente necessário observarmos que o “tipo humano” descrito por Euclides da Cunha reflete sua visão do mundo. Suas descrições indicam a diferença de valores e a presença de contradições. Considerando a visão euclidiana e associando-a à compreensão do processo evolutivo humano por “estádios” (seleção natural), observamos que:

Para o materialismo histórico, o elemento essencial no estudo da criação literária reside no fato de que a literatura e a filosofia são, em planos diferentes, expressões de uma visão do mundo e que as visões do mundo não são fatos individuais, mas sim sociais.
(GOLDMANN, 1991, p.73)

Na ocorrência dinâmica de relações presentes no mundo, temos os fatores constituintes do homem como reflexos de sua época. Tais fatores revelam e determinam sua complexidade e, assim, prosseguimos nossos questionamentos: *as imagens elaboradas pelo aluno do TC 2000 podem associar-se aos fatores que identificamos na literatura euclidiana?*

1.6. O Homem – “Tipo Humano” – nas Apostilas do TC 2000: passividade e submissão como fatores decisivos em seu (re)conhecimento do mundo

Inicialmente, julgamos necessário esclarecer, apesar deste tópico referir-se exclusivamente ao “sertanejo aluno do TC 2000”, sua comparação com o “sertanejo euclidiano” é inevitável.

Homem e mundo integram-se e fomentam a construção de um espaço geográfico, repleto de aspectos que lhe atribuem o caráter de unicidade.

O aluno do TC 2000 não é indiferente a tal condição. No entanto, sua participação na construção do mundo corresponde a uma época onde presenciemos a valorização da tecnologia como principal fator representante da modernidade.

É neste sentido que as peculiaridades observadas nas diferentes épocas predominam, com maestria, nas concepções de mundo que temos e/ou adquirimos em função da realidade vivida. Por isso, reforçamos em nossa

pesquisa a necessidade de compreensão e comparação dos materiais selecionados.

Tão dinâmica quanto o próprio mundo, a linguagem expressa por meio de obras literárias e/ou materiais pedagógicos – tal como os objetos que estudamos – evocam imagens. Estas, por sua vez, produzem e reproduzem conhecimento, além dos conceitos derivados desse conhecimento e das vivências, fundamentando os valores da época em questão. Consolidam-se, desta maneira, as diferentes visões do mundo percebidas através das integrações de vários grupos sociais; temos, então, a ocorrência de contextos singulares, cujas peculiaridades asseguram a diversidade de “tipos humanos” e, conseqüentemente, a presença de sua complexidade.

A inserção do Quadro 04 visa facilitar a compreensão e identificação dos fatores que apontamos como responsáveis pela singularidade inerente aos “sertanejos” considerados em nossa análise.

QUADRO 04:

Comparação entre os “tipos” sertanejos

“SERTANEJO EUCLIDIANO”	“SERTANEJO ALUNO DO TC 2000”
Combatente: seu inimigo é expresso pelas condições de sobrevivência impostas pela vida.	Combatente: seu inimigo é a dificuldade de melhoria nas condições de sobrevivência.
Dinâmico: sua coragem eleva sua dignidade e honra.	Dinâmico: sua coragem é reduzida diante das dificuldades econômicas que enfrenta (desemprego).
Profunda relação afetiva com seu “lugar de origem”, mantida mesmo quando forçado a abandoná-lo.	Valoriza seu “lugar de origem” mas deixa de acreditá-lo, migrando para outras regiões.
Ameaçados pela “tecnologia” das armas do exército (Estado), transformam-se em guerrilheiros.	Seduzido pela tecnologia presente nas diferentes manifestações da modernidade dos grandes centros urbanos.

Fonte: Cunha (1984), Fundação Roberto Marinho (1996); Org.: Belo, Evelyn Monari (2004).

Relatamos, no tópico anterior, a passividade e a submissão como aspectos inerentes ao vaqueiro do Norte, e a altivez do gaúcho do Sul, tomando-os como referenciais para nossa análise.

Entretanto, neste tópico, procedemos à comparação com o “sertanejo aluno do TC 2000” tomando apenas o vaqueiro do Norte como representante do “sertanejo euclidiano”.

A maneira pela qual cada “tipo humano” que abordamos em nossa análise é apresentado nos permite verificar, e também comprovar, fraquezas e anseios que estes possuem diante da vida.

Em relação ao “sertanejo aluno do TC 2000”, podemos também observar sua submissão e passividade, porém, considerando tais aspectos numa outra forma de interpretação, correspondente a uma outra visão do mundo.

Assim, buscamos apoio nas apostilas do TC 2000 para fundamentar nossas considerações:

Somente a sociedade humana “habita” o planeta, no sentido de transformá-lo segundo um objetivo pré-determinado. As metamorfoses do espaço habitado acompanham a maneira como a sociedade humana se expande e se distribui, acarretando sucessivas mudanças demográficas e sociais em cada continente (mas também em cada país, em cada região e em cada lugar). O fenômeno humano é dinâmico e uma das formas de revelação desse dinamismo está, exatamente, na transformação qualitativa do espaço habitado.

(FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 1996, p.41, v. 1)

As diferentes condições econômicas, sociais, culturais e políticas são omitidas nesse parágrafo. Entretanto, podem ser compreendidas como elementos que asseguram a ocorrência de mudanças no espaço geográfico, bem como a identificação de articulações presentes na estrutura interna da sociedade e também no alcance externo das ações dos indivíduos que formam os diferentes grupos sociais.

Trata-se de uma abordagem teórica que procura constatar a dinâmica realidade do mundo como um elemento de simples análise, cuja abordagem exclui quaisquer possibilidades de conflitos ou influência do modo de produção dominante, apontando o dinamismo da sociedade como um aspecto natural que possibilita a promoção da qualidade de vida. Por outro lado, as manifestações de luta pela sobrevivência são, praticamente, excluídas.

As transformações são apontadas como um fato natural e, portanto, incapazes de prejudicar e/ou ocasionar danos à vida humana. Nesta interpretação, os conflitos não são necessários, pois, considerados como responsáveis pela promoção de desequilíbrios que promovem transformações, são inadequados à abordagem do texto das apostilas do TC 2000.

Distante de combates reais, como aqueles enfrentados pelos sertanejos da obra euclidiana, considerados em nosso estudo, o “sertanejo aluno do TC 2000” recebe informações que não correspondem aos verdadeiros processos que transformam a realidade social.

Temos, nos alunos do TC 2000, a constituição de um grupo social cujos indivíduos possuem histórias de vida diferentes, mas que buscam a aquisição de um diploma para conseguirem, ao menos, uma colocação no mercado de trabalho.

A representação do “sertanejo euclidiano”, explícita no Quadro 04 nos permite estabelecer uma comparação deste com o “sertanejo aluno do TC 2000”, tomando como critério a condição de imigrante deste último e a postura do primeiro em relação ao abandono de seu lugar de origem.

O “sertanejo aluno do TC 2000” é um bom exemplo para nossa compreensão.

Imigrante nordestino, parte em busca da garantia de sua sobrevivência sob condições melhores do que a seca e a miséria enfrentadas em sua “terra natal”, seu “lugar de origem”. Apostando em seus sonhos de melhoria de vida, acabam, na maioria das vezes, sem emprego e, conseqüentemente, sem condição adequada de moradia, residindo em favelas, cortiços ou locais impróprios, ou de risco, dentro do espaço urbano.

Tomando como referência para o “sertanejo euclidiano” o vaqueiro do Norte, podemos observar que, em relação ao “sertanejo aluno do TC 2000”, as informações que obtemos nos materiais que constituem nosso objeto de estudo nos mostram um ponto em comum: ambos expressam heroísmo em suas atitudes.

Enfrentando as dificuldades impostas pelas condições de vida que possuem, os “sertanejos” aqui considerados podem ser classificados como combatentes: o “sertanejo euclidiano” combate o inimigo, representado pela imagem do exército (Estado) e, o “sertanejo aluno do TC 2000” torna-se combatente à medida que luta contra a fome, contra a saudade despertada pela ausência de familiares, contra a carência econômica decorrente da falta de emprego, contra a discriminação e o preconceito, entre outros tantos aspectos⁵.

⁵ É importante salientar que as condições que atribuímos como responsáveis pela característica de combatente ao “sertanejo aluno do TC 2000” também correspondem ao “sertanejo euclidiano”.

Após verificarmos esta similaridade, enfatizamos algumas diferenças identificadas a partir da realidade de ambos, considerada para a análise.

A necessidade de abandono do lugar de origem emerge, para cada “tipo humano” aqui considerado, conforme as expectativas que possuem diante da vida.

O “sertanejo euclidiano” chega a abandonar seu lugar de origem. Porém, possui vínculos tão profundos com sua “terra natal” que, ao deixá-la, geralmente em função das duras condições impostas pela seca, retorna no momento em que percebe o primeiro sinal de chuva. Ele vê, nesta ocorrência, toda a possibilidade de melhoria de vida, fazendo desta chuva sua “esperança”.

Em relação ao “sertanejo aluno do TC 2000”, apesar da semelhança quanto ao abandono de seu lugar de origem, não identificamos imediatamente o seu vínculo afetivo com o lugar de origem, sendo esta uma condição que merece destaque para nossa compreensão. É possível identificar a presença de vínculo afetivo quando, conforme descrevemos anteriormente, notamos que a ausência de seus familiares age como um impulso para torná-lo combatente, a exemplo do “sertanejo euclidiano”.

Entretanto, ao chegar em outro estado, é fato comum não conseguir um emprego que ofereça as condições necessárias para suprir a sua carência financeira e, superada esta dificuldade, que permita o retorno para seu “lugar de origem”.

Enquanto a chuva é o símbolo, a imagem da esperança para o “sertanejo euclidiano”, um bom emprego traduz a imagem da esperança do “sertanejo aluno do TC 2000”.

Retomemos, então, a visão euclidiana para a seqüência de nossas reflexões.

Há um aspecto intrigante presente nas descrições de Euclides da Cunha sobre o sertanejo que, em seu conceito, é resultado, principalmente, do cruzamento do branco com o índio. Denominando-o mameluco, o autor considera-o como um dos “tipos humanos” que procura desagregar-se do vínculo original com a raça negra, como relatamos anteriormente. Eis uma manifestação do preconceito em sua visão.

Assim, é importante ressaltar que o preconceito também é observável nas apostilas do TC 2000, porém, apresenta-se de forma diferente.

Podemos considerá-lo quando identificamos as características do “sertanejo aluno do TC 2000” apresentadas no Quadro 04. Entretanto, é importante verificar que o preconceito ali expresso encontra-se na subjetividade que perpassa as entrelinhas dos textos das apostilas que constituem o material do Programa de Educação à Distância aqui considerado.

Em meio às diferenças apontadas, prevalecem as semelhanças entre ambos, no tocante à presença de menosprezo e preconceito visíveis na realidade que enfrentam em seu cotidiano.

Neste sentido, a questão central desta pesquisa emerge com força e vigor, tal como no contexto dos sertanejos que determinamos como referenciais para nossa análise e comparação:

“Imagem: para quê e para quem?”

Não podemos afirmar que Euclides da Cunha teve a intenção de elaborar escritos que, apresentando belíssimas descrições, despertassem imagens objetivando a formulação de novos questionamentos.

Entretanto, quando observamos o “sertanejo aluno do TC 2000”, em momento anterior, destacamos a naturalidade com que é definida sua condição “inferior” na abordagem dos textos das apostilas do TC 2000 que discorrem sobre a sua realidade. Compreendemos que o texto referente à teleaula n.º7, cujo tema é *“Habitar em campos e cidades”* nos permite reafirmar tal ocorrência, além de propiciar a identificação de aspectos, na própria escrita, que induzem à aceitação:

O século XX é o da “revolução urbana”. Depois de 1950, o número de pessoas que vivem nas cidades quase triplicou; nas regiões mais desenvolvidas, a população urbana dobrou; no mundo menos desenvolvido, quadruplicou [...].

Em muitos países em desenvolvimento, as cidades têm crescido muito além do que jamais se poderia imaginar. Poucos governos de cidades do mundo em desenvolvimento, cujas populações crescem a um ritmo acelerado, dispõem de poderes, recursos e pessoal treinado para lhes fornecer as terras, os serviços e os sistemas adequados a condições não degradantes de vida: água potável, saneamento, escolas e transportes.

O resultado disso se revela na proliferação de assentamentos ilegais de habitações toscas, nas aglomerações excessivas e na taxa de mortalidade altíssima, decorrente de um meio ambiente insalubre, por causa de problemas de infra-estrutura deteriorada, degradação ambiental, decadência do centro urbano e descaracterização dos bairros. Os desempregados, os idosos e as minorias étnicas e raciais podem mergulhar numa espiral descendente de degradação e pobreza, pois as oportunidades de emprego diminuem, e os indivíduos mais jovens e mais instruídos vão abandonando os bairros decadentes [...].

Em geral, o crescimento urbano muitas vezes vem antes do estabelecimento de uma base econômica sólida e diversificada para apoiar o incremento da infra-estrutura, da habitação e do emprego. Em muitos lugares, os maiores problemas estão ligados a padrões inadequados de desenvolvimento agrícola e urbano.
(FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 1996, p. 45-6, v.1)

O fragmento acima relacionado pode ser compreendido como responsável por consolidar um objetivo determinado: promover entre os alunos do TC 2000 a aceitação das dificuldades que enfrentam em seu cotidiano.

Da carência financeira – ou econômica – resultam outras, tais como a falta de condições de sobrevivência consideradas básicas: saúde, alimentação e educação.

Esta afirmação corresponde às considerações realizadas anteriormente, onde enfatizamos a atuação do Banco Mundial (BIRD) e do BID (Banco Interamericano para o Desenvolvimento): a promoção da equidade como pressuposto para a conseqüente condução à passividade e aceitação.

Diante de tais condições, podemos evocar imagens de um bravo herói, cuja força e vitalidade estão expostas ao menosprezo, à diminuição de sua condição de homem enquanto sujeito atuante e participativo na produção histórica do conhecimento e do mundo.

A imagem aqui abordada é vinculada a uma ideologia e a uma estratégia de dominação social que identificamos nas entrelinhas da proposta pedagógica do TC 2000.

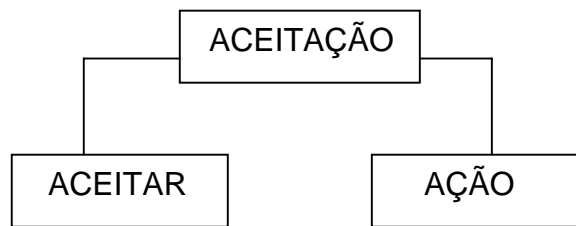
As ocorrências presentes na realidade do “sertanejo euclidiano” não podem ser interpretadas da mesma forma que aquelas presentes na realidade do “sertanejo aluno do TC 2000”.

No entanto, podemos observar a manifestação de imagens também vinculadas a uma ideologia que, representando a visão do mundo de um autor e sua época, revelam valores que determinam sua realidade como elemento sem possibilidade de transformação, resultante de uma dinâmica social perversa.

Quando afirmamos a realidade como “elemento sem possibilidade de transformação, resultante de uma dinâmica social perversa” estamos nos referindo, novamente, à visão euclidiana sobre o desenvolvimento da “espécie humana” a partir de “estádios” evolutivos que devem ser, um a um, superados como condição natural do processo histórico. Em outras palavras, por mais que o

sertanejo adquira por meio da experiência novos conhecimentos, jamais, na visão euclidiana, ele conseguirá transpor o nível de evolução que atingiu.

Já que, em momento anterior, associamos as palavras imagem e ação como decorrentes da palavra imaginação, realizamos, aqui, uma outra análise. Desta vez, abordamos as palavras aceitar e ação como decorrentes da palavra aceitação, representando as principais idéias deste momento em nossa pesquisa:



Nesse contexto, antes de prosseguirmos, e iniciarmos o próximo capítulo, questionamos: *qual a função das imagens nos materiais que constituem nosso objeto de estudo?*

“Imagem: para quê e para quem?”

CAPÍTULO 02

IMAGEM, LITERATURA E INTERPRETAÇÃO

“[...] Na apreciação dos fatos o tempo substitui o espaço para a focalização das imagens: o historiador precisa de certo afastamento dos quadros que contempla”.
(Euclides da Cunha)

As abordagens que realizamos no capítulo anterior nos permitem observar a importância das imagens evocadas à medida em que interpretamos a linguagem escrita.

Julgamos que os tipos humanos que denominamos como “sertanejo euclidiano” e “sertanejo aluno do TC 2000” constituem um referencial importante em nosso objeto de estudo.

Revelado na figura do homem, este referencial nos possibilita a interpretação de imagens, produtos de uma ideologia predominante nas diferentes épocas e, por isso, correspondente a diferentes visões do mundo. Tal condição nos permite observar o dinamismo estabelecido nas relações entre homens e também entre homens e meio ambiente e somos, então, conduzidos à busca do entendimento das imagens que se referem ao homem em dois sentidos: observador do meio ambiente e participante das transformações no espaço geográfico.

* * * *

2.1. Imagens de “Tipos Humanos”: realidade e visões do mundo

A leitura de “Os Sertões” e sua preciosa descrição nos permitem comparar seu conteúdo com os textos apresentados nas apostilas do TC 2000.

Para uma melhor compreensão, devemos considerar a estrutura, ou seja, a organização de ambos.

Inicialmente, consideramos “Os Sertões”.

Em contato com a obra euclidiana, observamos que a visão do autor é analítica. Ao dividir sua obra em três partes – *A Terra*, *O Homem*, *A Luta* – ele nos permite compará-la com a própria ciência Geografia sob a visão tradicional, também denominada positivista.

Assim, delimitando cada item abordado, Euclides da Cunha faz de sua descrição um importante referencial para análise de conceitos pertinentes ao espaço geográfico.

O espaço geográfico é retratado logo na primeira parte do livro, intitulada “*A Terra*”. Nesta etapa, o autor desenvolve suas idéias versando sobre sua impressão acerca de aspectos físicos que caracterizam o sertão como “o palco das rebeliões”. Descrevendo desde sua “entrada” no sertão até as características referentes ao clima e à vegetação do lugar, Euclides da Cunha utiliza, ainda, princípios expressos nas idéias hegelianas, terminando suas considerações expressando o que pensa sobre a degradação da Terra⁶. Há uma descrição geral dos aspectos físicos do Brasil, que serve de base para o “roteiro” descritivo até os sertões, partindo do geral para o particular.

Na segunda parte, Euclides da Cunha aborda “*O Homem*”. Entretanto, é importante salientar, apesar de denominar cada uma das partes de seu livro com títulos que exprimem simplicidade, cada título carrega consigo a possibilidade de uma vasta interpretação.

Em outras palavras, pensar sobre o título “*A Terra*” ou sobre o título “*O Homem*”, por exemplo, significa a possibilidade de estabelecermos questionamentos a partir de elementos fundamentais, cuja análise revela a própria vida.

Já na terceira e última parte, temos “*A Luta*”. Trata-se de uma etapa que “une”, ou seja, que apresenta-nos a integração de forças do ambiente e do homem. Descrevendo os percursos a serem seguidos e a atuação de combatentes, o autor estabelece uma conexão perfeita, no qual os dois

⁶ Pode-se, aqui, entender a Terra tanto como o planeta como o solo.

momentos anteriores do livro se encontram em harmonia, concretizando novos feitos.

Observando as apostilas do TC 2000, podemos compreender a linguagem escrita de outra maneira.

As abordagens realizadas nos textos escritos que as compõem e caracterizam como material pedagógico não podem ser interpretadas da mesma maneira que o texto euclidiano.

Correspondente ao ensino supletivo, o material pedagógico do TC 2000 nos revela, em seu conteúdo, indícios de urgência, do “ganhar tempo”, quando, em um ou dois parágrafos aborda vários conceitos de difícil compreensão imediata por parte dos alunos, pessoas, geralmente, muito simples.

Para o aluno do TC 2000, geralmente “operário”, que participa das aulas cansado após seu dia de trabalho, não é fácil e nem mesmo simples a tarefa de assistir a uma aula repleta de conteúdos distantes de sua experiência de vida, pois tal atividade exige sua total atenção e dedicação. Seu cansaço, por vezes, acaba impedindo uma boa aprendizagem.

Mas este não é o único aspecto a ser observado. Podemos considerar, também, que a simplicidade do “sertanejo aluno do TC 2000” implica a necessidade que o orientador de aprendizagem possui em submetê-lo a contatos com diferentes materiais, a fim de que seja possível obter por meio deles maior esclarecimento sobre os temas trabalhados. Sem esta “estratégia”, torna-se impossível ampliar e/ou facilitar sua compreensão e seu entendimento diante do mundo.

Neste sentido, podemos afirmar que as imagens que elaboramos em contato com as apostilas do TC 2000 são “incompatíveis” com a realidade do aluno submetido a esta modalidade de ensino.

Utilizando o termo “incompatíveis”, temos a intenção de caracterizar as imagens originadas a partir da leitura das apostilas do TC 2000 como elementos que não correspondem às verdadeiras situações presenciadas pelo sertanejo que representa o aluno deste Programa de Educação à Distância.

Diante de um “novo mundo”, onde o império tecnológico seduz e atrai, o “sertanejo aluno do TC 2000” se encontra em contato com situações que não correspondem à beleza das imagens observadas nos textos e em propagandas veiculadas pelos diferentes meios de comunicação de massa.

As dificuldades enfrentadas para conseguir um bom emprego e, posteriormente, projetar-se socialmente, podem ser reconhecidas em imagens que expressam sua submissão.

Como relatamos anteriormente, apesar da presença da submissão como condição de sua natureza, o “sertanejo aluno do TC 2000” não perde seu heroísmo, identificado na força e vitalidade que manifesta na luta pela sobrevivência.

Se tomarmos a condição de submissão considerando o “sertanejo euclidiano”, observaremos tanto a presença da simplicidade quanto da submissão em seu contexto. Eis um aspecto semelhante no tocante às afirmações que realizamos em relação ao “sertanejo aluno do TC 2000”.

No entanto, o texto euclidiano, apesar de repleto de conceitos, distancia-se da condição expressa pela palavra “incompatíveis” que utilizamos quando nossa abordagem focalizou o aluno do TC 2000.

A bela descrição de Euclides da Cunha não pode ser entendida como o único fator que assegura, inquestionavelmente, a facilidade de compreensão. Porém, a maneira pela qual são abordados os conceitos – geográficos ou não – atrai e seduz o leitor.

Mesmo apresentando, em alguns momentos, a idéia de que o sertanejo não conseguiria atingir níveis sociais mais elevados, Euclides da Cunha faz de sua obra um instrumento diferente e de melhor qualidade em relação às apostilas do TC 2000.

Em contato com a obra euclidiana, podemos observar que nossa imaginação se apresenta como a manifestação do conhecimento: evocamos imagens a partir de palavras que, mesmo sem representar a época em que vivemos, nos permitem conhecer e também acumular novas experiências.

Neste sentido, reafirma-se a importância das imagens produzidas no momento em que realizamos nossa leitura, sendo a interpretação o principal aspecto condutor da nossa imaginação.

Conforme relatamos em momento anterior, as palavras possuem grande força e importância na produção de imagens, revelando nossa capacidade de interpretação do espaço geográfico e das dinâmicas relações presentes no mundo onde vivemos.

As raças formadoras do povo brasileiro são, para Euclides da Cunha, os fatores responsáveis pela “mestiçagem embaralhada” e, além disso, os mais complexos que poderiam existir. Então, quando observamos a preocupação do autor em identificar que raça seria oriunda dos cruzamentos entre os “tipos humanos” considerados, identificamos que a dificuldade encontrada para definir qual é a preponderância étnica em nosso país assegura a presença de características peculiares ao nosso povo.

As idéias de Euclides da Cunha nos permitem a confirmação de um dos aspectos levantados em nossa pesquisa, cuja relevância é inquestionável no decorrer de seu desenvolvimento: a *subjetividade*. Inerente à abordagem das raças que originam o “mestiço”, o autor escreve:

[...] Há como que um excesso de subjetivismo no ânimo dos que, entre nós, nos últimos tempos, cogitam de cousas tão sérias, com uma volubilidade algo escandalosa, atentas as proporções do assunto. Começam excluindo em grande parte os materiais objetivos oferecidos pelas circunstâncias mesológica e histórica.

(CUNHA, 1984, p. 51)

O autor chega a apontar, que, em meio a um grande “jogo”, fundem-se as “três raças originárias”, de onde outros resultados podem ser observados:

Alguns firmando preliminarmente, com autoridade discutível, a função secundária do meio físico e decretando preparatoriamente a extinção quase completa do silvícola e a influência decrescente do africano depois da abolição do tráfico, prevêem a vitória final do branco, mais numeroso e mais forte, como termo geral de uma série para a qual tendem o mulato, forma cada vez mais diluída do negro, e o caboclo, em que se apagam, mais depressa ainda, os traços característicos do aborígene.

(CUNHA, 1984, p. 51)

Este fragmento retrata a superioridade como traço característico da “raça branca”. Tanto em número como em “força”, é ela o fator responsável pela “diluição” de outras etnias, cujos fatores genéticos também são extremamente preponderantes. É possível verificar que o mulato e o caboclo apresentam, em seu biótipo, a “degeneração” da raça negra em função de seu cruzamento com o branco. Mais adiante, as observações de Cunha (1984, p.51) nos permitem observar uma certa resistência quanto à presença do negro nos cruzamentos que originaram o sertanejo, em relação à superioridade associada ao branco:

[...] Exageram a influência do africano, capaz, com efeito, de reagir em muitos pontos contra a absorção da raça superior. Surge o mulato. Proclamam o mais característico tipo da nossa subcategoria étnica.

As palavras utilizadas no texto euclidiano oferecem ao leitor – desde o mais leigo ao mais culto – a possibilidade de interpretação das raças nos moldes e padrões correspondentes a uma visão elitista.

A expressão “reagir em muitos pontos contra a absorção da raça superior” define que, mesmo constituindo um grupo étnico inferior se comparado aos demais na visão euclidiana, as características do negro são marcantes e prevalecem em muitos aspectos.

No entanto, a dubiedade das idéias do autor prevalece. Há momentos onde o homem é exaltado em função de sua raça e, outros, onde sofre com as conseqüências de uma descrição que menospreza suas potencialidades.

Alguns exemplos podem ser destacados para uma melhor compreensão, onde consideramos a segunda parte da obra “Os Sertões” intitulada “*O Homem*” para apresentarmos nossas reflexões.

2.2. Imagens que Revelam os “Tipos Humanos”

A abordagem euclidiana é dotada de genialidade e precisão.

Assim, subdividindo as etapas da obra “Os Sertões”, Euclides da Cunha considera a dificuldade de esclarecimento e compreensão do problema etnológico como a principal condição da variabilidade das raças, que também é manifestada no ambiente social, onde despontam as condições históricas às quais somos submetidos.

O primeiro cruzamento referido por ele enfoca o “homem da Lagoa Santa com o pré-colombiano dos sambaquis” (CUNHA, 1984, p.49).

Assim, abordando o “problema” de definição da etnia, Euclides da Cunha apresenta na arquitetura de seu texto a sintonia existente entre os diferentes aspectos que caracterizam o homem sertanejo, produto, em sua visão, de sucessivos cruzamentos – a já relacionada “mestiçagem embaralhada” – e, ainda, influenciados pelo meio ambiente.

O leitor do texto de nossa pesquisa pode, neste momento, questionar: *que relação estabelecemos entre as referências ao “sertanejo euclidiano”, ao “sertanejo aluno do TC 2000” e a imagem, elemento principal de nosso objeto de estudo?*

Antes mesmo de “arriscarmos” uma resposta, julgamos necessário remeter-nos à origem de tais indagações.

Em contato com a obra euclidiana, observamos que à medida que o autor procura definir o brasileiro, as descrições que realiza dos diferentes “tipos humanos” que determinam o mestiço – “sertanejo euclidiano” – nos permitem elaborar imagens que refletem a presença de valores característicos tanto da ideologia quanto da visão do mundo, correspondentes à sua época.

Se, por um lado, o “sertanejo euclidiano” é considerado como a expressão da degeneração da “espécie humana”, por outro, o autor rende-se à existência deste “tipo humano”, afirmando a importância de sua existência.

Relacionando tais idéias com a imagem que elaboramos do “sertanejo aluno do TC 2000”, podemos identificá-la como semelhante, em determinados aspectos, com a imagem do “sertanejo euclidiano”.

A princípio, estamos diante de uma proposta pedagógica que, semelhante a tantas outras, estabelece o aluno como “foco central” de seus objetivos, conforme atestam seus documentos oficiais. Assim, podemos retomar, mais uma vez, a abordagem que realizamos sobre a atuação do Banco Mundial (BIRD) e do BID (Banco Interamericano para o Desenvolvimento), cujos propósitos para o setor educacional referem-se, sobretudo, à necessidade de erradicação de déficits expressos em índices de analfabetismo, por exemplo.

Neste contexto, emerge uma imagem do sertanejo que não decorre da análise do “cruzamento de diferentes tipos humanos”, mas, da origem do “sertanejo aluno do TC 2000”, permitindo-nos avaliar que o lugar, a terra por ele abandonada, acaba definindo nossa interpretação sobre sua figura, sobre o “tipo humano” que ele constitui.

Em busca de melhores condições de vida, o “sertanejo aluno do TC 2000” possui audácia e coragem para enfrentar as inesperadas dificuldades que passam a constituir seu cotidiano, longe de seu lugar de origem. Sua força é, então, revelada em suas atitudes. Identificamos, novamente, nesta descrição, a imagem do herói.

Mesmo que a forma de trabalho proposta com o uso do material pedagógico do TC 2000 acabe conduzindo o aluno à aceitação das condições de sobrevivência que a vida lhe impõem, este “sertanejo” não desiste da luta, pois insiste em combater as dificuldades encontradas em seu cotidiano, acreditando que regressará para sua terra, seu “lugar de origem”, participando de uma “outra realidade”.

A imagem que evocamos aqui retrata um “sertanejo” forte e herói, a exemplo do “sertanejo euclidiano”, conforme já reiteramos.

Então, podemos compreender que as imagens, como objeto de nosso estudo, revelam os “tipos humanos” abordados nos materiais selecionados e nos permitem compreender que, em propostas pedagógicas como esta do TC 2000, representam um mecanismo de regulação.

No tocante à obra euclidiana, não podemos considerá-la como um produto planejado, como observamos no material do TC 2000. Entretanto, sua abordagem nos permite verificar a presença de aspectos que também retratam esta regulação.

A presença deste aspecto evidencia-se quando identificamos que Euclides da Cunha considera um problema a definição da etnia brasileira como fator principal para compreendermos a hierarquia dos diferentes grupos sociais e a impossibilidade que os indivíduos têm no sentido de alterarem sua posição social.

Temos, neste sentido, imagens da ordem e do caos.

Denominamos imagens da ordem porque buscam promover o controle e, imagens do caos, porque, ao mesmo tempo em que “ordenam”, induzem as relações entre os diferentes grupos sociais, tornando nítidos os conflitos. Apesar de responsáveis pelas transformações, os conflitos são, geralmente, associados à incapacidade de manutenção e controle das relações sociais.

Tais conflitos podem ser identificados quando observamos, em tabela transcrita do material do TC 2000 e apresentada anteriormente, o critério “Renda média”⁷.

Em outras palavras, compreendemos que, para o “sertanejo aluno do TC 2000” o fator econômico determina sua posição e participação na sociedade,

⁷ Ver página 39.

tornando-o inferior se comparado ao grupo formado pelos “Branços” e apresentado na tabela em questão. Trata-se de uma imagem que inferioriza uns e eleva outros, reforçando a idéia da existência de raças superiores presente nas descrições euclidianas.

Aqui, cabe o questionamento: *as imagens são responsáveis pelas diferentes visões do mundo?*

Antes de tentarmos responder tal questão, julgamos necessário, em nossa análise, tecer algumas considerações sobre o elemento étnico “Branco”.

Na “mestiçagem embaralhada”, temos a participação do colonizador europeu, o português que, de acordo com Cunha (1984, p.49), “nos liga à vibrátil estrutura intelectual do celta”.

Ao utilizar a expressão “*estrutura intelectual*”, o autor consegue despertar no leitor imagens que retratam a superioridade deste “tipo humano”.

Então, podemos considerar, neste momento, que as imagens se tornam elementos responsáveis pelas diferentes formas de compreensão do mundo e, portanto, de diferentes visões acerca do mesmo.

Assinalamos, também, que na sua visão do mundo Euclides da Cunha expressa seus valores, preconceitos e contradições. Encontramos, em suas idéias, o respaldo necessário à explicação de sua habilidade manifestada por meio da linguagem escrita, na qual as imagens que produzimos por meio de nossa interpretação podem ser definidas como a produção de cenas de uma realidade que não vivenciamos, mas que constituem nossa história.

Observamos que suas descrições patenteiam o seu preconceito diante de determinados “tipos humanos”. Entretanto, ao tentar definir e/ou identificar os resultados da “mestiçagem embaralhada”, o autor nos apresenta o que considerou “subcategorias das raças” – ou “subraças” – que tentamos, então, categorizar no quadro seguinte.

QUADRO 05:
Características fundamentais dos representantes das subcategorias étnicas brasileiras

Subcategorias	MULATO	MAMELUCO	CAFUZO
Características			
ORIGEM (componentes étnicos)	negro + branco	branco + tupi	tupi + negro
CIRCUNSTÂNCIAS HISTÓRICAS	<ul style="list-style-type: none"> - tráfico negreiro; - colonização (imigração); 	<ul style="list-style-type: none"> - colonização (imigração); - “autóctones” brasileiros; 	<ul style="list-style-type: none"> - “autóctones” brasileiros; - tráfico negreiro;
CIRCUNSTÂNCIAS MESOLÓGICAS	Adaptação ao clima e adequação às características do ambiente.	Adaptação ao clima e adequação às características do ambiente.	Adaptação ao clima e adequação às características do ambiente.

Fonte: Cunha (1984); Org.: Belo, Evelyn Monari (2004).

As características que denominamos como fundamentais retratam aspectos de ordem física e também ideológica.

No tocante aos aspectos de ordem física, podemos considerar a categoria “Origem”, na qual apontamos o cruzamento que promoveu o surgimento das “subraças”, já apresentado no Quadro 01.

Quanto aos aspectos de ordem ideológica, temos a categoria “Circunstâncias históricas” nos permitindo identificar as situações que levaram à ocorrência de tais cruzamentos. É importante salientar: o contexto das diferentes situações apresentadas propicia a interpretação de fatores que nos fornecem indícios referentes à superioridade ou à inferioridade dos indivíduos que correspondem aos “tipos humanos” que, após o cruzamento, resultaram nas “subraças” apresentadas.

É neste sentido que podemos observar o negro que, associado ao tráfico negreiro, é caracterizado como inferior se comparado ao branco, representante do “tipo humano” superior, representante do colonizador europeu.

Quanto ao tupi, representando os “autóctones” de nosso povo, também são caracterizados como inferiores, e até mesmo selvagens, se comparados ao branco.

Conforme avançamos nossa pesquisa, ampliamos nosso contato com obras cujo foco central refere-se a interpretações e/ou análises críticas de “Os Sertões”. E, assim, encontramos apoio nas idéias de Decca e Gnerre apud Nascimento (2002, p.47) para afirmarmos o que, acima, introduzimos como ideologia e visões do mundo, pois os autores apontam que “[...] pode-se dizer que emerge uma cena de representação na qual a história é fundamentalmente caracterizada [...]”.

O entrelaçamento das palavras nos permite observar que as diferentes visões do mundo perpassam o desenrolar dos conflitos de Canudos em “Os Sertões”. Além disso, retratam o potencial que os fatos históricos possuem no tocante a evidenciarem a presença de ideologias dominantes e, conseqüentemente, a subjetividade inerente às imagens de homem que apontamos nesse estudo.

Em outros momentos, apontamos a contradição de Euclides da Cunha sobre o sertanejo, ora exaltado, ora menosprezado. A força das palavras empregadas pelo autor é inquestionável, e, assim, acaba por assegurar a força das imagens. Retomamos, então, as idéias de Decca e Gnerre apud Nascimento (2002, p.52):

[...] segue-se um desfile de dualidades referentes ao sertanejo: a exaltação impulsiva e a apatia enervadora, indiferença fatalista e exaltação religiosa. [...] é ele também o único ser capaz de utilizar-se da natureza agreste a seu favor, numa relação simultânea de dependência e domínio [...].

Resultante da mistura de três outros produtos oriundos do cruzamento entre as raças “formadoras” do homem brasileiro, o pardo representa uma nova “subraça”, um “produto” mais bem adaptado ao meio ambiente e, portanto, dotado de maior força e resistência.

Podemos até considerá-lo mais audacioso, pois as circunstâncias históricas inerentes às outras três subcategorias integram características que expressam a natureza de homens fortes e guerreiros, que conseguem resistir às

várias manifestações de indignas condições de sobrevivência, contexto no qual a escravidão surge como elemento representativo do processo de seleção natural.

Assim, podemos questionar: *que imagem elaboramos quando verificamos as inúmeras possibilidades de interpretação acerca do “tipo humano” que habita os “sertões euclidianos”?*

Vitalidade e força são fatores que não podem ser desconsiderados na busca de uma provável resposta. No entanto, não são únicos se comparados com aspectos presentes nas descrições que Euclides da Cunha faz dos soldados dos batalhões, geralmente associados a uma imagem mais “coerente” com os padrões de homem que conhecemos, nos quais resplandecem princípios de formalidade e organização correspondentes.

Considerando que estes soldados constituem grupos organizados e, formalmente comandados, temos, nos vários batalhões, a manifestação da imposição e da força, mas a verdadeira audácia ainda pertence ao sertanejo, agindo por si ou em pequenos grupos.

Sob o ângulo da aparência física, as próprias vestimentas ornamentadas com medalhas e/ou condecorações representam, de certa forma, a imposição de respeito, obediência e domínio, tornando prevacente o poder e a determinação de atitudes dos mais “fortes” sobre os mais “fracos”, sendo que estes últimos não possuem quaisquer títulos. Questionamos novamente: *quais as imagens que representam esta relação de domínio dos mais fortes sobre os mais fracos?*

Uma primeira consideração a ser realizada refere-se aos aspectos *imposição e força*.

Temos, nessas palavras, a possibilidade de identificação de elementos inerentes à natureza – tanto do meio ambiente como do homem – e às imagens, nosso objeto de estudo.

Se relacionadas à natureza, podemos compreendê-las como um reflexo do domínio do meio ambiente sobre o homem. Neste sentido, denota-se um “determinismo geográfico”, no qual as condições do meio ambiente, somadas às outras tantas condições de sobrevivência humana – aspectos de ordem econômica, por exemplo – impõem qual a imagem representativa de “tipos

humanos” distintos que constituem os grupos sociais e, conseqüentemente, asseguram a existência da sociedade e os conflitos que nela existem. Em suma, temos, aqui, a *imposição*.

Seu sentido pode ser compreendido de duas maneiras.

A primeira se refere ao determinismo acima relacionado, no qual as condições referentes a cada “tipo humano” – seja ele representante de uma raça considerada inferior ou superior – implicam, diretamente, na posição por ele ocupada na sociedade. Neste sentido, é a sua posição social que definirá, de acordo com os padrões sociais, como deve ou não (inter)agir, expressando, também, sua “visão do mundo”. A *força* é a *manifestação da imposição*, sendo esta última produto subjetivo das ações dos indivíduos com o meio e entre si.

A segunda, por sua vez, nos permite verificar a manifestação da força como elemento presente nos conflitos que perpassam as relações humanas. O homem, lutando por seus ideais e, conseqüentemente, por melhores condições de vida, reage – ou procura reagir – às adversidades que lhes são impostas. Novamente, força e imposição se complementam nas situações vividas pelos diferentes indivíduos nos diferentes grupos sociais. Podemos até retomar, neste sentido, as imagens da ordem e do caos, anteriormente relatadas, como elementos que caracterizam adequadamente a situação aqui explanada.

Considerando o pardo como um produto de sucessivos cruzamentos entre as “subraças”, podemos interpretá-lo como reflexo de uma imagem que o revela forte, repleto de vitalidade e, portanto, representante da possibilidade de sobrevivência e/ou adaptação do homem que, da mesma maneira que o mundo, se encontra submetido a constantes transformações.

Mesmo não sendo o foco principal de nossa análise, é importante estarmos atentos ao fato de que o clima e as condições físicas dos “tipos humanos” integram-se na constituição das características que tornam os indivíduos mais ou menos adaptados ao meio ambiente. Buscamos, então, apoio nas idéias de Cunha (1984, p.58-9):

[...] se considerarmos que estes vários aspectos climáticos não exprimem casos excepcionais, [...], com a feição imanente às leis naturais invioláveis, conviremos em que há no nosso meio físico variabilidade completa [...].

Daí todas as idiosincrasias de uma fisiologia excepcional: o pulmão que se reduz, pela deficiência da função, e é substituído, na eliminação obrigatória do carbono, pelo fígado, sobre o qual desce pesadamente a sobrecarga da vida: organizações combalidas pela alternativa persistente de exaltações impulsivas e apatias enervadoras, sem a vibratibilidade, sem o tônus muscular enérgico dos temperamentos robustos e sanguíneos. A seleção natural, em tal meio, opera-se à custa de compromissos graves com as funções centrais, do cérebro, numa progressão inversa prejudicialíssima entre o desenvolvimento intelectual e o físico, firmando inexoravelmente a vitória das expansões instintivas e visando o ideal de uma adaptação que tem, como conseqüências únicas, a máxima energia orgânica, a mínima fortaleza moral. A aclimação traduz uma evolução regressiva. O tipo depercece num esvaecimento contínuo, que se lhe transmite à descendência até a extinção total. Como o inglês nas Barbadas, na Tasmânia ou na Austrália, o português no Amazonas, se foge ao cruzamento, no fim de poucas gerações tem alterados os caracteres físicos e morais de uma maneira profunda, desde a tez, que se acobreia pelos sóis e pela eliminação incompleta do carbono, ao temperamento, que se debilita despido das qualidades primitivas. A raça inferior, o selvagem bronco, domina-o: aliado ao meio vence-o, esmaga-o, anula-o na concorrência formidável ao impaludismo, ao hepatismo, às pirexias esgotantes, às canículas abrasadoras, e aos alagadiços maleitosos.

De acordo com uma visão baseada no determinismo geográfico, o homem é “esmagado” pela natureza. Esta visão, mais tarde, com relação a Euclides da Cunha, sofre modificações quando ele vai até a Região Amazônica. A partir de então, ele admite que o homem, ao conseguir “adaptar-se” ao meio, prova ser “superior”.

Tomando como referência nestas palavras de Euclides da Cunha a “superioridade” atingida pela raça inferior – o mestiço, sertanejo – diante de desafios lançados pelo meio ambiente ao homem, temos como produto a imagem deste mesmo homem associada aos aspectos *força* e *imposição* sob duas possibilidades de interpretação:

1º. A estrutura física do selvagem bronco – o sertanejo – é capaz de lhe assegurar a sobrevivência diante das condições impostas pelo meio ambiente;

2º. O forasteiro, geralmente estrangeiro, sofre as duras conseqüências oriundas de sua incompatibilidade com as mesmas imposições do meio ambiente, e podemos, ainda, considerar estes mesmos aspectos quando nos referimos aos soldados, que constituem um “tipo humano” bem diferente do sertanejo.

Em suma, temos nessas observações a integração dos aspectos força e imposição como formadores de uma nova variação da espécie humana.

É de extrema importância a diversidade presente nas duas possibilidades de análise: enquanto a força e a imposição integram-se e diferenciam o contexto de sobrevivência e adaptação ao meio ambiente, funcionam também como elementos articuladores dos aspectos psicológicos.

Um traço comum a qualquer fato e/ou momento histórico pode ser identificado quando a “superioridade” do homem, tido como “dominador”, refere-se à manifestação de sua força sobre a raça inferior, reafirmando o que a descrição euclidiana acima relacionada nos permite observar sobre a superioridade pertencente aos homens que constituem a categoria denominada “raça inferior”.

Assim, verificamos que a força do “sertanejo euclidiano” vincula-se à manifestação de suas atitudes diante da situação que vivencia, defendendo seu “lugar” e, quanto ao “sertanejo aluno do TC 2000”, também considerado uma “subraça”, se comparado aos indivíduos que já habitam os grandes centros urbanos, sua força pode ser compreendida nas atitudes que revelam a luta cotidiana, única garantia de sua sobrevivência. Em ambos os casos, não podemos prescindir de considerar que os sertanejos encontram-se sob a imposição de forças – expressas nas situações que vivenciam – que acabam por conduzir suas vidas. Podemos tomar tal condição como a manifestação do já relatado “determinismo geográfico”, expresso na visão euclidiana – que corresponde à Geografia Tradicional (positivista) – e também nas apostilas do TC 2000 – que não deixam de corresponder a esta mesma postura da ciência Geografia.

Retomamos, então, para melhor compreensão, as idéias de Cunha (1984, p.77):

[...] o mestiço – traço de união entre as raças, breve existência individual em que se comprimem esforços seculares – é, quase sempre, um desequilibrado. [...] Mas o desequilíbrio nervoso, em tal caso, é incurável: não há terapêutica para este embater de tendências antagonistas, de raças repentinamente aproximadas, fundidas num organismo isolado. Não se compreende que após convergirem

extremadamente, através de longos períodos entre os quais a história é um momento, possam dois ou três povos convergir, de súbito, combinando constituições mentais diversas, anulando em pouco tempo distinções resultantes de um lento trabalho seletivo. Como nas somas algébricas, as qualidades dos elementos que se justapõem, não se acrescentam, subtraem-se ou destroem-se segundo os caracteres positivos e negativos em presença. [...] menos que um intermediário, é um decaído, sem a energia física dos ascendentes selvagens, sem a altitude intelectual dos ancestrais superiores. Contrastando com a fecundidade que acaso possua, ele revela casos de hibridez moral extraordinários: espíritos fulgurantes, às vezes, mas frágeis, inquietos, inconstantes, deslumbrando um momento e extinguindo-se prestes, feridos pela fatalidade das leis biológicas, chumbados ao plano inferior da raça menos favorecida. [...] capaz das grandes generalizações ou de associar as mais complexas relações abstratas, todo esse vigor mental repousa [...] sobre uma moralidade rudimentar, em que se pressente o automatismo impulsivo das raças inferiores.

A princípio, as idéias expressas por Euclides da Cunha para definir – ou, ao menos, tentar definir – o sertanejo são extremamente ambíguas.

O autor considera-o, simultaneamente, inferior (menosprezado) e superior (exaltado). Forte e potente. Fraco e incapaz. Audacioso, finalmente.

Muitos anos após seu lançamento, a obra “Os Sertões” é representativa da realidade, sobressaindo-se entre tantas outras, sendo, até mesmo, denominada “epopéia brasileira”. Entretanto, não sendo este o foco de nossa pesquisa, não exporemos quaisquer considerações sobre diferentes interpretações a respeito da obra euclidiana em questão, pois, assim, teríamos a visão de outros estudiosos.

Retomando nosso objeto de estudo, observamos que, inserido em uma realidade dinâmica e repleta de sobressaltos, o sertanejo reflete as condições de existência em um ambiente propício à sua natureza humana. Tais condições são identificadas nas reflexões de Zilly apud Nascimento (2002, p.69), através das quais observamos que:

[...] A capacidade de sobrevivência do sertanejo contra as adversidades da natureza e da guerra é extraordinária e admirável.

A comunidade de Canudos consegue satisfazer as necessidades básicas de milhares de habitantes em plena caatinga, num semideserto, onde vivem melhor do que nas fazendas das redondezas, com certa dignidade, calma e solidariedade, o que provoca a constante migração rumo a esse arraial. [...]

Esses mestiços têm uma cultura material, musical e poética com que simpatiza o narrador; eles criam bodes e vacas, são bons agricultores e

artesãos, homens hábeis e honestos, trocam no “barracão da feira” das suas vilas os seus produtos por aqueles da civilização, poderiam ser felizes se essa última não os perseguisse. Mais ainda, os sertanejos, em princípio, são maduros para absorver a Civilização [...].

Em outras palavras, o sertanejo acima relacionado revela a imagem de um homem rústico, hábil e voraz, e, mesmo defendendo sua dignidade, “permite-se entregar à civilização”. É como se a dura realidade de sua vida lhe exigisse profundas transformações e, neste contexto, a “invasão” da civilização emerge como uma ocorrência inevitável, afirmando que o latifúndio deve ceder lugar aos primeiros e marcantes sinais da modernidade.

Estaria, então, o “sertanejo euclidiano” apto a novas realidades? Que imagens refletem e/ou revelam as visões do mundo observadas a partir do momento em que o conflito se torna a principal estratégia de sua sobrevivência? Que imagens elaboramos do “sertanejo euclidiano”?

Julgando que o momento é inoportuno para prováveis respostas, aprofundaremos nossa análise tomando como referência a imagem de “tipo humano” no material pedagógico – apostilas de Geografia, volumes 1 e 2, Ensino Médio – do Telecurso 2000.

2.3. Imagens dos “Tipos Humanos” nas Apostilas do TC 2000

Existem inúmeros materiais didáticos para o desenvolvimento de aulas das diferentes disciplinas e, como em tantos outros – que não relacionaremos neste estudo –, as apostilas que constituem o material pedagógico do TC 2000, aqui consideradas, demonstram a precariedade dos textos utilizados. Tal condição se torna evidente quando estes são submetidos à comparação e análise com outros referenciais. Neste caso, a obra euclidiana “Os Sertões” não nos deixa dúvidas quanto ao uso “empobrecido” da linguagem escrita utilizada nas apostilas em questão.

Um aspecto que merece destaque no início de nossas reflexões implica na observação realizada pelos autores do referido material, afirmando ao leitor que “esta é a sua sabedoria. Trata-se do resumo do que aprendeu na aula e que

já faz parte do seu conhecimento obtido com a Geografia [...]” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 1996, p.7, v.1).

Diante de tais “orientações”, o leitor pode perceber facilmente que o material utiliza uma linguagem objetiva e direta, sem os recursos presentes na grandiosa obra euclidiana “Os Sertões”.

Então, questionamos: *teríamos, nestas colocações, a possibilidade de constituição de imagens sob quais critérios? Quais as visões do mundo que perpassam a realidade construída entre sujeito e objeto, que neste caso, referem-se aos autores e leitores?*

Imagem: para quê e para quem?

Conforme já relatamos, no ano de 2002 comemorou-se o centenário de “Os Sertões”. O material do Telecurso 2000 também “atravessou o tempo”. Porém, se datarmos o início de sua elaboração, chegaremos próximos de 40 anos de existência, data que coincide com a veiculação dos primeiros Programas de Educação à Distância no Brasil, surgidos na década de 1970, quando proliferaram programas de rádio⁸ destinados à erradicação do analfabetismo.

A vida do telealuno – ou “sertanejo aluno do TC 2000 –, operário sem especialização, pode ser comparada à vida do “sertanejo euclidiano”: enfrentando as mais diversas e difíceis situações, ambos sobrevivem ao processo de seleção natural.

Entretanto, se considerarmos, nesta análise, as condições enfrentadas por ambos, observaremos o modo como as diversidades do meio ambiente – espaço geográfico – onde habitam influencia suas vidas, conforme apresentamos no Quadro 06:

⁸ Para maiores esclarecimentos ver: BELO, Evelyn Monari. *A Imagem Educa?* 2002. 105 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Estágio em Especialização em Instrumentação para o Ensino da Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

Quadro 06:**Adaptação do homem ao meio ambiente (espaço geográfico)**

MEIO AMBIENTE HOMEM	SERTÃO	GRANDES CENTROS URBANOS
<p align="center">“SERTANEJO EUCLIDIANO”</p>	<ul style="list-style-type: none"> - adaptado ao seu ambiente, já conhecido; - procura adequar-se às adversidades da natureza e, apesar de buscar melhores condições de sobrevivência em outros lugares na época de estiagem, retorna ao seu lugar de origem ao primeiro sinal de chuva. 	<ul style="list-style-type: none"> - recepcionado pelo novo; - sofre com as condições de vida decorrentes da modernidade, introduzidas pelos militares no “palco da guerra de Canudos”; - rende-se à civilização introduzida em seu ambiente.
<p align="center">“SERTANEJO ALUNO DO TC 2000”</p>	<ul style="list-style-type: none"> - adaptado; - procura adequar-se às adversidades da natureza e também abandona seu lugar de origem na busca de melhores condições de sobrevivência nos grandes centros. 	<ul style="list-style-type: none"> - avança em um “território desconhecido” na esperança de melhorar suas condições de sobrevivência, suportando tanto as dificuldades econômicas como o afastamento de seu lugar de origem e conterrâneos.

Fonte: Cunha (1984), Fundação Roberto Marinho (1996); Org.: Belo, Evelyn Monari (2004).

Diante de tais colocações, vemos que a imagem a ser elaborada sobre o homem, seja na obra euclidiana como no material pedagógico do TC 2000, são constituídas por valores correspondentes à sua classe social. Apesar de uma aparente simplicidade, ambos apresentam ao leitor uma imagem impregnada por ideologias e visões do mundo expressivas da multiplicidade de interpretações que podem ou não decorrer da leitura realizada, enfatizando, aqui, a força e a imposição que as palavras assumem no momento da análise. Encontramos nas entrelinhas dos textos as mais profundas manifestações de padrões e conceitos que constituem a hierarquia social.

Para ratificar tal afirmação, podemos considerar uma análise referente às categorias apresentadas no Quadro 06.

O homem, “figura” tão complexa, é representado de maneira contraditória na obra euclidiana e também nas apostilas do TC 2000.

Sua capacidade de adaptação foi considerada como primeiro aspecto em função de representar, inquestionavelmente, sua integração com o meio ambiente. É desta integração que surgem as manifestações e/ou transformações no espaço geográfico, revelando a dinâmica relação entre homem e mundo, tal como o processo denominado materialismo histórico e dialético.

A adaptação do homem ao meio com o qual interage constitui a realidade de fatos que concretizam sua existência. No entanto, observamos que a “seleção natural” manifesta-se, de forma diferenciada, se tomarmos como referência o homem descrito como sertanejo na obra euclidiana e o homem “imaginado como público alvo” pelos autores das apostilas do TC 2000. Eis a visão do mundo surgindo nas entrelinhas e caracterizando, peculiarmente, cada “imagem” de homem que explicitamos no Quadro 06.

O “sertanejo euclidiano” possui maior capacidade adaptativa, pois observamos que seu tipo físico resiste bravamente, como resultado da “mestiçagem embaralhada”, às condições climáticas vivenciadas por ele. Períodos de seca, temperaturas elevadas e solo empobrecido são características locais que, mesmo dificultando sua sobrevivência, não se configuram como motivos suficientes e capazes de expulsá-lo do lugar de seu nascimento. Quando abandona seu “lugar de origem”, conforme já relatamos, seu vínculo afetivo é tão profundo que o faz retornar, esperançoso, ao primeiro sinal de chuva, disposto a enfrentar as adversidades da vida no sertão.

Observamos, também, que as idéias euclidianas estabelecem que novos conceitos e valores são impostos ao sertanejo quando os primeiros sinais da civilização surgem no decorrer do conflito de Canudos. Inicialmente, como em qualquer situação que envolve a mudança – ou transposição – de paradigmas, o sertanejo resiste como qualquer outro indivíduo também o faria. Entretanto, o próprio Euclides da Cunha emprega sua visão, denominada determinista fatalista, para admitir que ninguém escapará ao processo da civilização, nem mesmo o sertanejo.

Imposição e força aparecem, novamente, enquanto elementos relevantes nesta análise. Constituindo-se, tanto para o “sertanejo euclidiano” quanto para o “sertanejo aluno do TC 2000”, conceitos que refletem um conflito

que denominaríamos “contínuo”, pois marca constantemente suas experiências de vida.

As palavras assumem importância e profundidade sem, no entanto, descartarem a possibilidade que temos para interpretá-las de forma ambígua. Realizamos tal afirmação porque subentendemos que os conceitos força e imposição caracterizam, ao menos, duas imagens de homem:

- a) O homem dominado: inoperante devido às ações que lhes são impostas pela força; e
- b) O homem dominador: operante devido à capacidade de exercer sua força e imposição.

Assim, para nossa interpretação das categorias referentes ao “sertanejo euclidiano”, encontramos apoio novamente nas idéias de Zilly apud Nascimento (2002, p.67), afirmando que:

Essas dubiedades, duplicidades, ambivalências, incoerências são típicas na escrita de um autor que disse de si mesmo: “eu sistematizo a dúvida”, e que repassa suas dúvidas, quando não consegue esclarecê-las, para o leitor de Os sertões. Grande parte das idéias e imagens nesse livro são polissêmicas e ambíguas, revelando à análise atenta um segundo ou terceiro sentido, muitas vezes oposto ao primeiro.

E o “sertanejo aluno do Telecurso 2000”?

Qual é e como é a imagem elaborada a partir de sua interpretação da realidade? Tal imagem seria elaborada sob as mesmas condições que a imagem do “sertanejo euclidiano”?

Primeiramente, é necessário ressaltar que o “sertanejo aluno do TC 2000” também apresenta uma profunda integração de sua realidade com o mundo onde vive. Em outras palavras, tanto o “sertanejo aluno do TC 2000” como o “sertanejo euclidiano” atuam no espaço geográfico, ora inferindo-lhe ações, ora recebendo-as. Nesta dinâmica, como já relatamos, temos as diferentes visões do mundo e, ainda, a presença da subjetividade. Eis uma expressão que pode ser interpretada como consolidação da força e da imposição na construção e interpretação de imagens.

Da mesma forma que o “sertanejo euclidiano”, o “sertanejo aluno do TC 2000” também é submetido a um processo similar ao da seleção natural. Como nos sertões, a vida na cidade exige a flexibilidade e a adaptação do indivíduo às diferentes exigências do meio ambiente, impondo condições e/ou situações que determinam quem serão os “vitoriosos sobreviventes da espécie”.

Buscando nessas diferentes exigências a melhoria de sua vida, o “sertanejo aluno do TC 2000” encontra nas adversidades enfrentadas em seu cotidiano muitas manifestações contraditórias.

Uma dessas manifestações – entre tantas que podem ocorrer – pode ser destacada. Trata-se da capacidade que as condições de vida impostas pela rotina na cidade grande possuem, no tocante a assegurar ao operário braçal a exclusão diante de oportunidades e ganhos, sejam financeiros ou não.

Na relação que estabelece nas empresas nas quais atua, o “sertanejo aluno do TC 2000” enfrenta a resistência dos patrões – empregadores – no tocante ao oferecimento de oportunidades e melhorias. No entanto, esta resistência representa a necessidade que tais patrões possuem de cumprir exigências que, ao serem atendidas, têm como função manter a empresa ativa em um mercado extremamente competitivo. Tal aspecto, por sua vez, reflete a imagem da ordem e a imagem do caos, que relacionamos em momento anterior.

Temos, então, a possibilidade de comparar o “sertanejo euclidiano” e o “sertanejo aluno do TC 2000” mais uma vez, associando, neste momento, a *força e imposição* decorrentes da *modernidade*.

Em relação ao sertanejo de Euclides da Cunha, observamos que ele se rende, sem alternativa, às condições estabelecidas pelos militares que, além de invadirem seu espaço geográfico, invadem a vida cotidiana daquele povo, manifestando um autoritarismo impiedoso e impregnado por hábitos incompatíveis com a realidade observada na simplicidade do mestiço.

Quando consideramos o “sertanejo aluno do TC 2000”, a força e a imposição manifestam-se, também, na prevalência de funções que, supostamente, definem a “superioridade” do homem que ocupa “posições sociais hierarquicamente mais elevadas”. A função desempenhada pelos indivíduos numa empresa acaba determinando sua importância no contexto social em que

atua e, portanto, participa de uma dinâmica do mundo diferente daquela vivida, experimentada pelo “sertanejo euclidiano”.

O “sertanejo aluno do TC 2000”, receptor de informações transmitidas com o emprego de uma metodologia que o vincula a um programa de Educação à Distância, tem sua imagem associada às mais diversas manifestações da modernidade. É possível verificar que as apostilas deste material pedagógico associam as manifestações da modernidade às manifestações da tecnologia.

O mundo é apresentado como o produto de esforços repletos de recursos inovadores, introduzidos pelo homem, sendo a presença de ambos aspectos decisivos na construção da realidade. Entretanto, não podemos desconsiderar um fator que merece atenção para um melhor esclarecimento: o acesso do indivíduo aos recursos tecnológicos decorrentes da modernidade é observado como algo natural, como se todos os indivíduos, independentemente de sua condição sócioeconômica estivessem diretamente interligados às novas exigências e condições do mundo.

Abordando o tema “*Ligar-se às redes*”, a teleaula de n.º 9 é apresentada na apostila de Geografia apontando como principal critério diferenciador das épocas em que vivemos o tempo que levamos para obter uma informação. Estabelecido como critério fundamental nas relações comerciais, a compreensão do tempo em épocas diferentes nos permite identificar a presença dos recursos tecnológicos como fator decisivo na tomada de decisões.

Desconsiderando a distância entre diferentes localidades, atualmente, nossas decisões e informações atravessam o mundo em questão de segundos. Podemos assinalar tais condições em alguns momentos do texto utilizado no referido material pedagógico:

Dados de computador, imagens de TV, conversas telefônicas e cópias de fax cruzam o mundo via cabo ou satélite. Mercadorias, pessoas e informações viajam tão longe e tão rápido que certos geógrafos falam que o mundo está “encolhendo”, ou seja, está havendo uma convergência no espaço-tempo [...]. Até o século XIX, mercadorias, mensagens e pessoas geralmente viajavam na mesma velocidade [...]. Hoje, o transporte de cargas em grandes navios, ferrovias, rodovias e dutos é tão eficiente que, na maioria das vezes, não significa mais um problema para o comércio mundial [...].

(FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 1996, p.54-5, v.1)

Não há, neste fragmento, qualquer referência à presença da rede mundial de computadores – a *Internet* –, porém, a mesma não é desconsiderada nas abordagens realizadas pelo referido material, seja nas apostilas ou nas fitas VHS. Além disso, encontramos a apostila supostamente reeditada, datada do ano de 2000, na qual os textos são apresentados da mesma maneira que a edição examinada nesta pesquisa (1996), sem quaisquer alterações e, assim, contradizendo o que acabamos de afirmar. Em outras palavras, verificamos que, mesmo enfatizando a velocidade expressa na transmissão de informações, o material pedagógico do Programa de Educação à Distância atravessa o tempo sem acompanhar as modificações e/ou transformações ocorridas em nossa realidade.

É necessário salientar que o acesso a meios de transporte e também de comunicação ainda é restrito a determinado(s) grupo(s) de pessoas. Neste sentido, o “sertanejo aluno do TC 2000” pode ser considerado como “telespectador” de uma realidade a qual, por vezes, não possui acesso.

Temos, então, a presença de um homem cuja participação é de extremo valor quando a dinâmica do mundo é interpretada como resultado da ação humana no espaço geográfico. Em contrapartida, a soberania e a intelectualidade são aspectos marcantes, porém, reservados ao uso com exclusividade pelos homens que constituem, fora da visão euclidiana, a superioridade da raça.

Em suma, a imagem do “tipo humano” que configura o “sertanejo aluno do TC 2000” reflete-o como um produto da dinâmica relação estabelecida entre as várias manifestações da força e da imposição, provocando conflitos e, conseqüentemente, instaurando uma realidade complexa, que corresponde a cada momento considerado, tornando-se diversificada.

CAPÍTULO 03

IMAGEM E LINGUAGEM: Interpretação do conhecimento geográfico

*“A afirmativa
é segura”.*
(Euclides da Cunha)

Nos capítulos anteriores, abordamos a importância da imagem associada ao homem. Ressaltamos o significado do ser humano, tanto na obra literária “Os Sertões” como nas apostilas de Geografia, que constituem o material pedagógico do TC 2000.

Sendo nosso objeto de estudo, as imagens assumiram a função de embasar nossa pesquisa no sentido de interpretar a figura humana. Tal condição nos permitiu identificar o homem como um ser complexo, que atua no espaço geográfico e, assim, (re)constrói o mundo consolidando historicamente sua realidade.

Então, buscamos, neste momento, o avanço de nossa interpretação das imagens associando-as, diretamente, à linguagem escrita.

* * * *

3.1. A Presença da Imagem e da Linguagem Escrita na Interpretação do Conhecimento Geográfico

O mundo em que vivemos pode ser compreendido como um grande espaço de informações e conhecimentos passíveis de ser obtidos de várias formas.

Dentre estas formas, podemos destacar a linguagem escrita e as imagens que se fazem presentes das mais diversas maneiras: em propagandas veiculadas em TV's, *outdoors*, em fotos que estampam as manchetes de jornais, em cenas que são apresentadas em filmes, desenhos animados, enfim, inúmeras

são as apresentações de “símbolos e conceitos” que temos contato em nosso cotidiano. Além destas formas, a possibilidade de evocar e/ou elaborar imagens como apontamos em nosso estudo não pode ser esquecida.

Considerando-se o mundo por nós vivenciado e aqui tomado como objeto de nossa análise, atentemos para a constituição das paisagens e dos fatores que a influenciam, como clima, vegetação, edificações e construções diversas, por exemplo, que nos permitem tanto a visualização como a interpretação deste espaço, no qual a integração dos mesmos é evidente em nossa(s) observação(ões).

Na disciplina Geografia, a paisagem pode ser compreendida como natural, quando não há a intervenção humana ou cultural, na qual o homem realiza intervenções modificando a natureza e transformando, então, o espaço geográfico. Considerados como componentes básicos, os fatores anteriormente relacionados formam e “reformam” este espaço, estabelecendo dinâmicas relações, presentes no mundo.

Estas dinâmicas relações podem ser compreendidas tanto a partir da interação que o homem estabelece com o meio em que vive como pelas inter-relações estabelecidas com seus semelhantes, que constituem os diferentes grupos sociais.

Assim, da mesma forma que as imagens, as palavras nos fornecem informações e promovem o acesso ao conhecimento, mas “nem tudo que um autor escreveu tem a mesma importância para a compreensão de sua obra” (GOLDMANN, 1991, p.11).

A linguagem escrita observada na obra euclidiana “Os Sertões” nos possibilita o início de uma análise extremamente significativa.

Tal condição é apontada pelo fato desta obra literária ser portadora de uma linguagem descritiva dinâmica, viva, e, conseqüentemente, de grande expressividade, que pode ser reconhecida como integral. Sua condição “integral” pode ser compreendida considerando-se a capacidade que o autor possui de traduzir suas observações em imagens, a partir do emprego de palavras e/ou expressões que representam a realidade e instigam a imaginação do leitor, transformando um indivíduo que poderia ser, simplesmente, receptor, em criador. Ele passa a criar e recriar seu mundo, constituindo-o com elementos reais que, por vezes, não conhece “concretamente”, mas que soma aos seus

conhecimentos, ampliando seu cabedal de informações. Podemos, então, tomar mais uma das passagens de “Os Sertões” para fundamentar nossas reflexões:

A serra do Mar tem um notável perfil em nossa História. A prumo sobre o Atlântico desdobra-se como a cortina de baluarte desmedido. De encontro às suas escarpas embatia, flagilima, a ânsia guerreira dos Cavendish e dos Fenton. No alto, volvendo o olhar em cheio para os chapadões, o forasteiro sentia-se em segurança. Esta sobre ameias intransponíveis que o punham do mesmo passo a cavaleiro do invasor e da metrópole. Transposta a montanha – arqueada como a precinta de pedra de um continente – era um isolador étnico e um isolador histórico. Anulava o apego irreprimível ao litoral, que se exercia ao norte; reduzia-o a estreita faixa de mangues e restingas, ante e qual se amorteciam todas as cobiças, e alteava, sobranceiras às frotas, intangível no recesso das matas, a atração misteriosa das minas...

(CUNHA, 1984, p.61)

De acordo com o fragmento acima relacionado, podemos confirmar o que apontamos anteriormente: a importância do emprego de palavras que detalham a descrição do lugar, valorizando-o e destacando a riqueza de sua composição. É possível observar tal aspecto quando notamos a presença da adjetivação excessiva que caracteriza e diferencia a escrita de Euclides da Cunha.

A importância da serra do Mar pode ser compreendida como fator representativo da atuação do homem. Temos, neste fragmento, a presença do “forasteiro”⁹ como representante da figura e da atuação humana.

Apesar de sua imponência, a serra do Mar nos permite observar por meio da descrição do autor a atuação do homem que pode, naquele lugar, permanecer em segurança.

Neste contexto, são as condições físicas do lugar que promovem tal segurança, pois, a dificuldade de acesso propiciada pela densa mata da Serra do Mar além de livrar o homem – sertanejo – do contato com invasores, conseqüentemente, é fator responsável também pela preservação do contato deste com a civilização. Na visão euclidiana, esta situação poderia colaborar com a não ocorrência de situações inesperadas no desenrolar dos fatos, que, desse modo, provocariam alterações na vida do sertanejo.

⁹ É importante salientar que não consideramos em nossa análise este tipo humano, paulista, responsável pelas bandeiras.

Encontramos na descrição física do lugar o refúgio de homens que passam por situações diversas e inúmeras adversidades. Assim, podemos compreender a serra do Mar sob as categorias que representam as condições mesológicas e históricas consideradas na análise que apresentamos no Quadro 05, onde são sintetizados os fatores decisivos no desenrolar dos fatos que perpassam o sertão de Canudos.

Neste contexto, meio ambiente e homem podem ser interpretados como elementos que se integram no espaço geográfico. Integrados, resultam em imagens de uma realidade dinâmica, na qual toda e qualquer observação das descrições nos permitem admitir e confirmar a importância de ambos quando identificados na interpretação da linguagem escrita.

Euclides da Cunha aborda os aspectos físicos do lugar, fazendo das palavras seu principal recurso, uma espécie de “ferramenta”, uma estratégia que seduz o leitor. Sendo o leitor tanto uma pessoa humilde que teve pouco acesso ao conhecimento formal como um indivíduo letrado, o autor possibilita, a ambos, o acesso ao conhecimento e, também, ao reconhecimento do espaço geográfico. Em outras palavras, as pessoas reconhecem a si mesmas quando lêem seus parágrafos. Batalhadores, atuantes, vencedores como também derrotados, inoperantes e desmotivados. É válido salientar que estes são apenas alguns dos adjetivos que podemos utilizar para interpretar os “tipos humanos” identificados em nossa pesquisa.

Todas estas reflexões são indicativas de que a busca pela interpretação de imagens associada à linguagem escrita é uma tarefa que exige perspicácia e dedicação e, de acordo com Goldmann (1991, p.9):

Os escritos de um autor só constituem, efetivamente, uma parte de seu comportamento, o qual depende de uma estrutura fisiológica e psicológica extremamente complexa que está longe de permanecer idêntica e constante ao longo de sua existência individual.

Relacionando tais idéias com a pesquisa que desenvolvemos, observamos que o texto de Cunha (1984), como qualquer outro, está sujeito a constantes modificações, sejam elas em função da época ou mesmo decorrentes das diferentes visões do mundo que caracterizam os indivíduos e também as diferentes classes sociais. Assim, as idéias do autor que tomamos como

referencial para análise podem ser compreendidas e/ou interpretadas de várias maneiras em função da época em que vivemos que, apesar de distante da época do autor, podem ser compreendidas como bem próximas da nossa realidade.

Nesta perspectiva, é necessário que se saliente que as apostilas de Geografia do TC 2000 ainda são portadoras de uma linguagem escrita empobrecida se comparadas com o texto de “Os Sertões”. Seus autores integram uma equipe técnica, cuja produção é direcionada para certos objetivos que devem ser atingidos pelo aluno. Seu caráter, além de científico, é também pedagógico e este aspecto é de extrema relevância para que possamos estabelecer a diferença entre ambos. Em nossa pesquisa, a condição de “diferente” que atribuímos à obra euclidiana caracteriza-se por uma belíssima descrição que, mesmo sem objetivos pedagógicos e planejamentos prévios correspondentes à aprendizagem, assumem o caráter pedagógico e didático pelo fato de possibilitarem ao leitor o acesso a informações sobre o lugar em questão.

É por este motivo que consideramos a interpretação do leitor como condição de extrema importância no momento em que este se encontra diante de informações transmitidas por meio de textos que, bem escritos, tornam as palavras fundamentais na (re)elaboração do conhecimento.

Os textos exigem do leitor uma grande capacidade de abstração, que não se esgota no ato da leitura. Ao contrário, é ampliada, pois, na medida em que o conhecimento obtido se amplifica através da interpretação das palavras, a estrutura de um texto também se amplia. Neste sentido, podemos arriscar uma afirmação: o conhecimento possui dimensões que o homem desconhece.

No livro “Os Sertões”, comumente, o texto preponderantemente geográfico não é considerado didático ou mesmo próximo do texto científico mas, conforme verificamos ao longo de nossa pesquisa, mesmo sendo um texto literário, assume esta função.

Quando tomamos o fragmento que aborda a importância da serra do Mar, podemos observar que o leitor, mais letrado ou menos letrado, tem a possibilidade de visualizar o lugar descrito. Chega até mesmo a “participar” da cena. Porém, podemos verificar, também, que as idéias de Goldmann (1991) anteriormente relacionadas nos permitem observar a possibilidade de diferentes formas de interpretação do leitor, que é influenciado pela exposição de idéias do autor.

Se o ambiente sofre alterações no decorrer do tempo, o homem também está sujeito a sofrer modificações. Temos, neste sentido, elementos com naturezas diferentes, mas que se complementam para constituir uma única natureza, traduzida no meio em que vivemos e que, assim, caracteriza o mundo.

Compreendemos, então, que a escrita de um texto é uma atividade de grande importância a ser considerada na pesquisa que realizamos, pois são os textos que, conforme são interpretados, concretizam as imagens, nosso objeto de estudo. Quando abordamos a imagem em sua plenitude, podemos tomá-la como elemento complexo, subjetivo e formador do mundo.

Ainda tomando como referência a serra do Mar, observamos que este lugar nos permite verificar, como já relatamos, a importância da integração entre homem e meio ambiente. De acordo com as considerações já realizadas, podemos afirmar que a escrita de Euclides da Cunha seduz o leitor, mas, por outro lado, apontamos um fragmento selecionado das apostilas do TC 2000 para demonstrar que não podemos considerá-lo da mesma forma que o primeiro:

O contato dos oceanos com os continentes que delineia a linha da costa, é um exemplo de como atuam esses processos que levam a mudanças constantes nas formas que definem. **Praias, dunas, restingas, lagunas, estuários e deltas** são exemplos de formas geográficas em que a combinação da presença físico-química da água e dos ventos provenientes dos oceanos com as forças que atuam nos continentes é a grande responsável pelo modelamento da paisagem.
(FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 1996, p.80-1, v.1, grifos do autor)

O fragmento acima transcrito demonstra, mais uma vez, a premissa que temos defendido: em apenas um parágrafo, muitos são os conceitos abordados nos textos que constituem as apostilas da disciplina Geografia, segundo a proposta pedagógica do TC 2000.

Eis um fator que pode representar a referida proposta tanto de forma positiva como negativa.

Em sentido positivo, poderíamos tomá-la como a consolidação dos objetivos expressos numa modalidade de ensino supletivo, sendo o “sertanejo aluno do TC 2000” o receptor de um conteúdo subentendido como verdadeiro conhecimento que, além deste ganho, ganha também em relação ao tempo. Em poucos meses, ele tem a possibilidade de concluir seus estudos e conquistar o tão desejado certificado.

Em sentido negativo, devemos tomá-la como a expressão da flexibilidade da proposta pedagógica. Caracterizando um Programa de Educação à Distância, a proposta pedagógica em questão tem, no aluno submetido a esta modalidade de ensino, um indivíduo que não participa de um curso “presencial”.

A proposta pedagógica do TC 2000 deveria ser observada, apenas, de forma positiva quando consideramos a possibilidade que o “telealuno” tem de obter certificado do nível fundamental ou médio de ensino sem freqüentar a sala de aula diariamente. Para o operário braçal, sem especialização, esta deveria ser uma condição facilitadora, pois a obtenção de certificados poderia lhe assegurar a conquista de melhoria de vida.

Sem a exigência de um índice mínimo de freqüência para que, somado à sua aprendizagem, seja atribuída uma nota e “conquistada” a aprovação e o certificado, este aluno pode ou não ter participado das etapas anteriores do processo de escolarização. Por este motivo, ele pode ou não assimilar facilmente o conteúdo. Se este aluno participou das séries iniciais do ensino ministrado nas instituições oficiais, certamente, não terá muitas dificuldades para acompanhar as “teleaulas”. Caso contrário, não podemos considerar a mesma condição. É neste sentido que a proposta pedagógica do TC 2000 se torna insuficiente e inadequada.

Para o indivíduo que não participou das etapas anteriores do processo de escolarização, um parágrafo como o que relacionamos na página anterior pode ser compreendido como um elemento que dificulta a aprendizagem e/ou assimilação do conteúdo se não houver a realização de um trabalho efetivo realizado pelo Orientador de Aprendizagem. Em muitos casos, a extrema dificuldade de compreensão do conteúdo se torna motivo que assegura a desistência de alunos, pois os mesmos se sentem incapazes de aprender o que os vídeos e os textos lhes apresentam como sinônimo de conhecimento e aprendizagem.

Neste momento, podemos retomar nossos questionamentos: *será que as imagens veiculadas em propagandas de TV's, revistas, “outdoors”, enfim, por diversos meios de comunicação de massa não asseguram, ao menos, o (re)conhecimento de paisagens como as praias, por exemplo?*

É possível que isso aconteça, de fato. Uma simples associação entre conceitos com os quais o indivíduo tenha contato no ato da leitura com imagens

que já tenha observado em propagandas, por exemplo, poderia lhe assegurar o (re)conhecimento que citamos acima. Entretanto, *será que podemos considerar apenas esta condição como suficiente para que este indivíduo adquira o conhecimento considerado “verdadeiro”? O que é e como podemos realmente definir uma praia ou laguna? Seriam as imagens produzidas para as propagandas realmente informativas ou não passam de um simples instrumento de sedução, que induz ao consumo?*

Relembrando, o mundo é constituído a partir de um dinâmico conjunto de relações, cujos reflexos podem ser observados nas imagens que produzimos mentalmente. Enquanto indivíduos que atuam neste mundo, conseqüentemente, nos apropriamos do espaço geográfico e elaboramos e/ou evocamos as imagens que dele fazem parte. Então, prosseguimos com nossos questionamentos: *seriam essas imagens capazes de refletir, sem distorção, a realidade humana?*

Como afirma Pellegrini (1999, p.221), “[...] no Brasil, o descompasso entre cultura e sociedade não logrou ser abolido pelo milagre tecnológico e pela espetacularização do mundo [...]”.

Em outras palavras, temos no Programa de Educação à Distância Telecurso 2000 o reflexo do desejo de uma modernidade imposta e “urgente”, fazendo com que seus sentidos pedagógico e didático acabem sendo esquecidos.

O TC 2000 pode, então, ser interpretado como uma proposta pedagógica que, em seu caráter supletivo, representa o elemento responsável pelo “milagre tecnológico” acima relacionado.

Este “milagre” traduz, sobretudo, as expectativas de instituições internacionais que fomentam projetos setoriais e que apresentamos quando abordamos a atuação do Banco Mundial (BIRD) e do BID (Banco Interamericano para o Desenvolvimento). Portanto, reproduz a ideologia proposta pelos países desenvolvidos e pelo grande capital internacional que objetiva manter as “reservas de mercado”, o controle de acesso ao conhecimento tecnológico e a monopolização das expressões culturais.

Se o TC 2000 priorizasse a realidade de seu aluno – “telealuno” –, certamente, valorizaria o saber dos indivíduos mais humildes. Neste contexto, o material do TC 2000 seria um excelente instrumento nas mãos de seus receptores, sejam “telealunos”, Orientadores de Aprendizagem, ou quaisquer

outros “telespectadores”, pois não podemos desconsiderar que as teleaulas são veiculadas tanto em locais “fechados” como em canais da “TV aberta”.

Mesmo sendo um texto didático, poderíamos utilizá-lo, numa outra perspectiva, para contribuir com a transformação da realidade de forma efetiva e promissora, assegurando a conquista de melhores condições de vida às pessoas mais simples e humildes.

Somos capazes de provocar o questionamento de nossos alunos e este aspecto pode se tornar realidade na medida em que assumimos a postura de verdadeiros educadores. Então, podemos retomar o que afirmamos no capítulo inicial desta dissertação: *“educar, antes de qualquer interpretação, significa ‘criar possibilidades’ ”*.

Retomando as idéias de Pellegrini (1999, p.200), verificamos que:

[...] No Brasil, onde são notórias as desigualdades, onde as taxas de analfabetismo são altas demais e grande parte da população tem baixíssimo nível de escolaridade, o poder de manipulação da indústria cultural é muito grande, pois ela assume as funções de pólo educacional, diretamente ligada aos centros do poder.

Esta situação nos permite considerar o TC 2000 como um poderoso instrumento pedagógico, porém, nem sempre educativo.

Ao afirmá-lo como instrumento pedagógico, estamos considerando-o como elemento responsável pela difusão do conhecimento e, neste sentido, suas apostilas e fitas VHS deveriam refletir imagens da transformação. Conseqüentemente, alterando paradigmas, teríamos como produto uma nova realidade.

Em contrapartida, tomando-o como instrumento pedagógico “nem sempre educativo”, temos a possibilidade de identificar que o referido material deixa de contribuir com a (re)construção do conhecimento para corresponder às exigências do BIRD e do BID apontadas no primeiro capítulo e, assim, contribuir com a manipulação das grandes massas.

Em outras palavras, não temos imagens produzidas com o objetivo de atender a exigências de caráter “didático” e, sim, imagens que distorcem a realidade do receptor, telespectador de uma situação que não corresponde à(s) sua(s) experiência(s) e/ou necessidade(s).

Sendo ponto de referência para nossa pesquisa os textos, didático (apostilas do TC 2000) e literário (“Os Sertões”), observamos que a linguagem escrita, além de responsável pela transmissão do conhecimento, reflete ações humanas na medida em que é compreendida como elemento que consolida tais ocorrências na história do mundo.

Comparada com as imagens que são produzidas para a difusão do conhecimento – a exemplo das fitas VHS do TC 2000 –, a linguagem escrita se torna diferente porque provoca no leitor a elaboração de imagens muito mais significativas.

Estas imagens resultam de uma realidade complexa e repleta de relações dinâmicas que integram e constituem o mundo. Neste momento, observamos a presença de uma variável relevante na pesquisa que realizamos: o *tempo*.

Quando estamos diante de uma TV, por exemplo, em cujas telas as imagens são apresentadas em movimento, absorvemos as informações em tempo muito menor se compararmos ao tempo necessário para interpretarmos uma fotografia ou uma informação obtida através de um texto.

Em linhas gerais, o *tempo* é uma variável importante que se associa a outra, também necessária e relevante: o *espaço*. Ambas integram-se e destinam-se a determinar como e quando interpretamos as diferentes manifestações do conhecimento referente à disciplina Geografia. Por isso, quanto mais rica em detalhes, a descrição faz da linguagem escrita um elemento que nos permite a aproximação da realidade, mesmo se o tempo considerado representar épocas muito distintas e distantes do momento em que vivemos.

Entretanto, destas considerações decorrem outras, que podemos abordar neste momento da pesquisa: o TC 2000 revela imagens de regulação.

3.2. O Programa de Educação à Distância Telecurso 2000: o uso da imagem para a regulação social

Se considerarmos, mais uma vez, a frase inicial desta dissertação, observaremos que o ato educativo não é uma tarefa simples. Sua realização

implica o envolvimento do educador com a formação de cidadãos que constituem uma sociedade estruturada e organizada conforme as classes sociais.

Como já relatamos, anteriormente, vivemos em uma sociedade na qual as dinâmicas relações de mercado, de produção, e aquelas estabelecidas entre os homens que constituem as diferentes classes sociais, por exemplo, provocam profundas modificações em sua estrutura. Então, as variáveis *tempo* e *espaço* assumem uma nova conotação, que nos permite observar a presença de um ritmo de desenvolvimento acelerado no processo histórico que, por sua vez, exige perspicácia e agilidade em nossas ações.

Podemos compreender nossas ações como produto de inter-relações estabelecidas entre indivíduos que, limitados pelas normas e leis que configuram as instituições do Estado, são submetidos à aceitação de uma nova realidade, distante daquela que caracterizou épocas anteriores.

Em outras épocas, também éramos submetidos a agir de acordo com a política e a ideologia vigentes no Estado. Entretanto, os ideais e as metas que caracterizavam o objetivo final pretendido eram outros. Podemos identificar nesta premissa a reafirmação de diferentes visões do mundo, de diferentes formas de “olhar”, de interpretar a realidade.

Neste sentido, todo e qualquer sistema educacional ganha forças e se destaca, pois traz em seu arcabouço propostas pedagógicas que representam o pensamento político da época em questão. É por este motivo que as propostas pedagógicas buscam, de forma brusca, o atendimento às novas exigências, às situações que configuram uma nova realidade.

Atualmente, podemos observar a implantação de modelos econômicos estrangeiros como condição para o desenvolvimento de nosso país. As atuações do Banco Mundial e do BIRD confirmam esta condição, conforme já salientamos no capítulo 01. Não podemos, entretanto, nos esquecer que em décadas anteriores nosso país também se sujeitou a modelos estrangeiros, viabilizando o progresso via “novas” tecnologias e/ou técnicas, em pouco tempo. Na realidade, tentamos demonstrar com esta afirmação que não são as propostas estrangeiras que assolam nossa realidade, compreendida como a realidade de um “país de Terceiro Mundo”, mas, sim, todo o processo histórico de nosso desenvolvimento, repleto de modelos que se sobrepõem e que, portanto, permitem a superação de paradigmas de forma sucessiva. Eis a presença por um novo processo, uma nova

maneira de se estabelecerem as relações e também as formas de atuação dos indivíduos no espaço geográfico. Eis o processo da globalização que, apesar de extremamente presente e importante, não será abordado por não ser o foco central desta pesquisa.

Nesta perspectiva, nosso limite representa a incapacidade de compreensão de tais transformações, que passam a caracterizar nosso cotidiano e, conseqüentemente, alteram nossas relações. Temos em mãos uma situação que nos parece incontrolável e não sabemos como agir.

Esta afirmação pode ser interpretada como uma imagem de regulação e ordem, que evocamos quando pensamos em nossa sociedade.

Nossa sociedade busca, incansavelmente, o avanço e o desenvolvimento, mas seus indivíduos vivem conflitos e tensões cuja natureza econômica implicam, diretamente, condições de acesso a um mundo globalizado que exclui aqueles que possuem condições de sobrevivência inferiores se comparados aos poucos indivíduos que detém o poder. Um grande contingente populacional não tem acesso a *Internet*. Além disso, a vasta extensão territorial de nosso país revela a existência de regiões nas quais sequer a energia elétrica chegou. *Como afirmar, então, em pleno século XXI, que a modernidade e os recursos tecnológicos podem ser usufruídos por todos? Como afirmar que todos nós podemos adquirir conhecimento e atingir níveis hierárquicos sociais mais elevados?*

Neste sentido, uma proposta pedagógica que utiliza o recurso audiovisual deveria assegurar, apenas, possibilidades “positivas”, inúmeros ganhos e conquistas ao indivíduo que se submete a tal condição de aprendizagem.

Entretanto, buscando um caminho mais rápido para sanar índices negativos no setor educacional brasileiro, o TC 2000 surge como um instrumento inovador, compreendido como “adequado” a esta realidade, porém, portador de objetivos que sintetizam parâmetros necessários à elaboração de imagens de ordem e regulação que mencionamos acima.

Na condição de proposta pedagógica, o TC 2000 representa a possibilidade de educar, quando é compreendido como instrumento a serviço da difusão do conhecimento. Porém, observamos que, procurando erradicar o analfabetismo brasileiro em pouco tempo, atingindo um grande número de

pessoas de uma única vez, configura uma proposta pedagógica caracterizada como medida emergencial e paliativa.

Considerando que o TC 2000 tem sua origem nos Estados Unidos, temos, então, uma proposta pedagógica “importada”. Seus objetivos expressam interesses políticos e ideológicos que não podem ser comparados com a necessidade de nossa realidade. Podemos compreender, sem a realização de profundas análises, que sua aplicação, de acordo com o “padrão norte-americano”, não corresponde às nossas expectativas. Existem diferenças tanto no tocante à organização e estrutura que asseguram as condições de vida das pessoas como no tocante à própria organização e estrutura do sistema educacional vigente no Brasil e nos EUA.

Então, considerando as idéias de Vianna Jr (1998, p.48, grifo nosso), observamos que:

Mesmo reconhecendo que o impacto do BIRD no desenvolvimento do setor social e na pobreza tenha ocorrido de maneira **vagarosa**, o documento identifica a pasta de educação como aquela que apresentou boas perspectivas. A assistência ao desenvolvimento da educação, a longo prazo, parece ser para o BIRD uma das suas prioridades dentro das dificuldades de estabelecimentos de critérios seletivos para o Brasil. Já o BID mantém uma inserção menor no campo da educação. O seu portfolio é relativamente limitado e sua presença existe apenas na educação secundária.

Associando as idéias acima relacionadas com a pesquisa desenvolvida, novamente salientamos a importância das variáveis já abordadas: *tempo* e *espaço*. Portanto, tomamos como referência para uma melhor compreensão o BIRD.

Sendo o TC 2000 uma proposta pedagógica que busca, objetivamente, sanar os déficits presentes no sistema educacional brasileiro, podemos considerar a variável *tempo* como fundamental.

Identificado como critério na proposta pedagógica em questão, o *tempo* representa a *urgência de transformações*. A imagem da regulação é o produto da situação apresentada e pode ser, então, interpretada.

Sua interpretação nos permite verificar que a objetividade do texto das apostilas de Geografia do TC 2000 implica na prontidão do aluno para receber todas as informações. Neste sentido, as trocas de experiências não possuem qualquer importância e/ou significado, pois as mesmas contribuem com a

(re)produção do conhecimento e este não é um objetivo real da proposta que constitui nosso objeto de estudo. Tal intenção é presente, apenas, na superficialidade expressa nos dizeres dos documentos oficiais, pois a real condição de sua efetivação não oferece condições para tanto. Trata-se de um material composto por textos que não fornecem a possibilidade de “aberturas”, questionamentos ou, ainda, qualquer outra forma de aquisição de conhecimento, opondo-se a “Os Sertões”. Uma comparação mais detalhada entre os textos que constituem nosso objeto de estudo pode ser observada pelo leitor no próximo tópico. No momento, nosso foco é a análise da imagem que nos revela a possibilidade de ordem e regulação a partir da implantação da proposta pedagógica do TC 2000.

Retomando nossa pesquisa, julgamos importante observar que tanto no tocante aos aspectos pertinentes ao sistema educacional de um país quanto ao que se refere aos aspectos que configuram o(s) modelo(s) econômico(s) por ele adotado(s), a variável *tempo* não pode ser tomada como o único elemento de referência para a compreensão do *sucesso* desejado. Ela deve ser compreendida com a variável espaço, para que possamos compreender que em um “curto espaço de tempo” a proposta pedagógica do TC 2000 deve se mostrar eficiente distribuindo certificados aos alunos a ela submetidos.

Poderíamos subentender que estamos contradizendo o que afirmamos até o presente momento, pois julgamos a variável *tempo* como fundamental. Entretanto, é importante uma observação sobre a abordagem que realizamos.

Temos, nesta situação, a presença de contradições, pois sabemos que um contexto histórico não pode ser analisado de forma superficial e, no entanto, acreditamos que a implantação de propostas pedagógicas como o TC 2000 representa a possibilidade de vencer barreiras em pouco tempo, superando toda e qualquer dificuldade. Além disso, propostas como esta se tornam importantes e “fortes” porque reafirmam a relevância da velocidade presente nas novas formas de relações prevalentes entre os indivíduos de nossa sociedade.

As idéias apresentadas por Vianna Jr (1998) no documento referente ao BIRD, por exemplo, nos permitem verificar que o setor social e a pobreza em nosso país sofreram modificações, mesmo que *vagarosas*.

O uso da palavra *vagarosa* nos documentos considerados indica a ocorrência de alguma modificação, apesar da lentidão, no tocante aos projetos

setoriais que envolvem a pasta de educação. Porém, esta mesma lentidão é tomada como critério que dificulta a atuação do BIRD e do BID no setor educacional brasileiro.

Considerando que estamos diante de duas instituições internacionais, de caráter financeiro, podemos afirmar que essa “lentidão” representa um grande empecilho na implantação de propostas que visam o alcance de resultados de forma rápida – urgente –, que, então, representam os objetivos expressos pelas necessidades apresentadas pelos países que buscam auxílio com tais organizações.

Assim, considerando a sociedade como um *espaço* no qual prevalece a concretização da ordenação de estruturas hierárquicas necessárias ao estabelecimento da ordem para a vida dos indivíduos que integram os diferentes grupos sociais, temos no TC 2000 o reflexo da regulação social.

Como toda e qualquer proposta pedagógica, o TC 2000 é constituído como um projeto político e pedagógico, cujos ideais são observados tanto em seus objetivos como nas estratégias que permitem, por meio destes, sua efetiva realização.

Tanto as propostas pedagógicas como os modelos econômicos podem ser compreendidos como “reguladores sociais” pelo fato de determinarem a posição e a “atuação” do indivíduo na sociedade. Mesmo não sendo foco desta pesquisa, podemos ressaltar a importância de tal afirmação quando, em contato com a situação relacionada, consideramos que o Programa de Educação à Distância pode ser compreendido como elemento “regulador” utilizado pelo Estado nos dizeres da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n.º 9394/96, na qual podemos verificar, em alguns artigos, que:

Art. 8.º - A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios organizarão, em regime de colaboração, os respectivos sistemas de ensino.

§ 1.º - Caberá à União a coordenação da política nacional de educação, articulando os diferentes níveis e sistemas e exercendo função normativa, redistributiva e supletiva em relação às demais instâncias educacionais.

§ 2.º - Os sistemas de ensino terão liberdade de organização nos termos desta Lei.

Art. 9.º - A União incumbir-se-á de:

I – elaborar o Plano Nacional de Educação, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios;

II – organizar, manter e desenvolver os órgãos e instituições oficiais do sistema federal de ensino e o dos Territórios;

III – prestar assistência técnica e financeira aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios para o desenvolvimento de seus sistemas de ensino e o atendimento prioritário à escolaridade obrigatória, exercendo sua função redistributiva e supletiva.

[...]

Art. 10.º - Os Estados incumbir-se-ão de:

I – organizar, manter e desenvolver os órgãos e instituições oficiais dos seus sistemas de ensino;

II – definir, com os Municípios, formas de colaboração na oferta do ensino fundamental, as quais devem assegurar a distribuição proporcional das responsabilidades, de acordo com a população a ser atendida e os recursos financeiros disponíveis em cada uma dessas esferas do Poder Público.

III – elaborar e executar políticas e planos educacionais, em consonância com as diretrizes e planos nacionais de educação, integrando e coordenando as suas ações e as dos seus Municípios. [...]

Os artigos, parágrafos e incisos acima transcritos nos permitem uma interpretação correspondente ao foco central de nosso questionamento neste momento de nossa pesquisa: a *imagem* como *elemento de regulação social*.

Assim, alguns aspectos foram selecionados por serem considerados mais relevantes. O primeiro aspecto a ser considerado se refere ao Art. 8.º, § 2.º. Citando o regime de colaboração que deve prevalecer entre a União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios quanto à organização e estrutura do sistema de ensino, indica a presença da flexibilidade como garantia de adequação da realidade de cada uma das instâncias acima mencionadas, entretanto, dentro do que foi estabelecido no parágrafo anterior do mesmo artigo.

Quanto ao artigo seguinte, o Art. 9.º, podemos verificar que suas determinações são realizadas em moldes semelhantes às determinações do Art. 8.º. Em outras palavras, observamos que sua redação determina qual a função a ser desempenhada pela União, merecendo destaque o inciso III, que faz referência à assistência financeira que deve ser oferecida.

É importante que seja observado, também, que tal condição pode ser subentendida no inciso II do mesmo artigo que, ao utilizar a palavra “manter”, nos permite interpretá-la como responsável pelo estabelecimento de condições mínimas, porém adequadas e indispensáveis ao “bom funcionamento” do sistema de ensino.

O Art. 10.º, por sua vez, é o que, neste momento, mais nos interessa.

Sua redação expressa as determinações que se referem, exclusivamente, ao Estado, Unidade Federativa. No entanto, uma leitura e uma interpretação rápidas podem inviabilizar uma interpretação adequada.

Quando consideramos o Estado, compreendemos sua atuação enquanto agente, “ator” intervencionista, capaz de interferir nas condições que estabelecem as relações sociais e, conseqüentemente, a forma de organização da sociedade civil. Nos referimos, então, ao Estado-Nação.

Representando a totalidade, a União, o Estado-Nação é, neste contexto, manifestado nas diferentes instâncias que apontamos nos artigos pertinentes à lei considerada e acima relacionados. Assim, devemos compreender cada um dos artigos como complementares. A imagem da regulação emerge como articuladora e integradora de diferentes elementos que constituem e concretizam a totalidade territorial.

Retomando, então, nossa discussão, observamos que o Estado (Unidade Federativa) aqui mencionado também possui suas “responsabilidades sociais” a serem cumpridas. Observamos que a lei é bastante clara quando determina o que e como deve ser feito, mas não podemos afirmar o mesmo quanto às estratégias a serem utilizadas para atingirmos os fins estabelecidos.

Neste Art. 10.º, salientamos que sua redação menciona o Poder Público, reafirmando a presença da legitimidade.

Compreendemos que esta legitimidade expressa a necessidade de estabelecimento de aspectos que condicionam a manutenção e o controle social, ratificando a imagem da ordem e assegurando a regulação da sociedade.

Em suma, são fixadas diretrizes a serem cumpridas para que a sociedade seja mantida e, em contexto educacional, observamos que as determinações correspondem ao momento em que são vivenciadas as ocorrências e transformações sociais decorrentes de modelos econômicos adotados pelo país.

Esta afirmação merece especial atenção.

Quando o sistema educacional é associado aos modelos econômicos, estamos tomando como base a atuação das instituições financeiras como gestoras de projetos que visam à melhoria e/ou à superação de dificuldades setoriais enfrentadas neste segmento social.

Neste sentido, é importante observar que uma condição essencial à implementação de propostas deve ser a correspondência entre as propostas oferecidas por estas instituições e a política adotada no país a elas subordinado.

Devemos, assim, refletir sobre as determinações legais compreendendo que:

No plano das políticas públicas, a atuação no campo da educação vem ocorrendo através de uma profunda reforma educacional conduzida prioritariamente pelo Governo federal, que produz impactos no plano estadual e municipal. Tal reforma, assim como outras que vêm ocorrendo em outros países da América Latina e do mundo, toma como uma das mais fortes orientações, àquelas produzidas pelos organismos internacionais, particularmente as do Banco Mundial.

Apesar dos recursos dos Bancos na educação serem crescentes e significativos, não há dúvida que suas orientações conformam níveis de influências que acabam por direcionar as políticas.

(VIANNA JR, 1998, p. 47)

Conforme consideramos no capítulo 01, um ensino laico, gratuito e obrigatório, constitui-se em condição que deve ser estabelecida e cumprida pela lei, sem quaisquer dificuldades, e também sem representar uma grande expectativa a ser alcançada.

Porém, o TC 2000 acaba não correspondendo a tais determinações quando assume a função de elemento regulador da sociedade. Temos condições que são “impostas” – e não oferecidas – aos alunos que integram este Programa de Educação à Distância, cujo acompanhamento as tornam impróprias, pois o cansaço dos trabalhadores – operários sem especialização – e as dificuldades enfrentadas no difícil cotidiano diante das condições insuficientes de sobrevivência reafirmam a visão determinista fatalista e darwinista social de Euclides da Cunha, que apontamos anteriormente. Neste contexto, as inúmeras dificuldades garantem que poucos sobreviverão.

Se tomarmos como referência para a compreensão da imagem do TC 2000 como regulação e ordem, podemos associá-la ao texto de “Os Sertões” pois, em ambos os materiais, o homem brasileiro é o foco da análise que nos propomos realizar. Para que não sejam dispersas nossas reflexões, vale ressaltar que, concernente a “Os Sertões”, temos o homem identificado como o produto de uma “mestiçagem embaralhada” e, quanto ao texto das apostilas de Geografia do TC 2000, temos o homem que recebe informações e que se encontra inserido na

dinâmica de relações do mundo. Nas duas formas de interpretação, o homem representa um elemento repleto de subjetividade e ideologia, representando a presença de diferentes visões do mundo.

Afirmamos no tópico 1.2. que “tanto a obra euclidiana quanto o material pedagógico do TC 2000 retratam, cada qual à sua maneira, o homem, ou seja, o ‘tipo humano’ participante no espaço que demarca os limites territoriais de nosso país”.

Tomando tal fragmento do texto desta pesquisa para o prosseguimento de nossa análise, podemos observar que a escrita do parágrafo nos permite identificar a possibilidade de elaboração de imagens que caracterizam, por exemplo, o contorno de um mapa, se considerarmos a expressão “demarca os limites territoriais de nosso país”.

Então, contradizendo a possibilidade de regulação e controle, as imagens podem ser, também, compreendidas e/ou interpretadas como elementos que possibilitam a transformação, a produção e difusão do conhecimento que, conseqüentemente, promove a compreensão e a modificação da realidade.

Quando nos propomos a ensinar e a aprender Geografia, podemos contribuir ou não com a formação do cidadão. Assim, em relação ensino que corresponde à aplicação da proposta pedagógica do TC 2000, é possível identificar o princípio da equidade, decorrente das propostas do Banco Mundial (BIRD), como uma adequada representação das imagens da regulação.

As imagens da regulação configuram a imagem de um atendimento “urgente”, ou seja, rápido e eficaz, pois temos no ensino supletivo um atendimento rápido a um alto contingente de pessoas, que necessitam adquirir um conhecimento “mínimo”. Este aspecto permite que os indivíduos correspondam a uma ordem imposta, promovendo a ordem e o controle social. O verdadeiro sentido de um trabalho educativo elaborado com base nos princípios necessários à formação do cidadão, levaria os alunos ao questionamento e também ao exercício de práticas reflexivas, contrariando a situação relacionada e, de certa forma, promovendo desequilíbrios em uma estrutura social consolidada historicamente.

Tomemos, então, “Os Sertões” para o prosseguimento de nossa análise.

3.3. “Os Sertões”: imagens da regulação?

Conforme relatamos no tópico anterior, o TC 2000 pode ser compreendido como um instrumento que regula e promove o controle social.

Em uma sociedade civil, este se configura como um aspecto de extrema importância, possibilitando a manutenção da sociedade e o estabelecimento da ordem. Então, entendemos que é necessário relacionarmos tal condição às imagens da ordem e do caos que mencionamos em momento anterior.

No tópico 2.2, intitulado “Imagens que Revelam os ‘Tipos Humanos’”, nossa abordagem apontou a integração entre alguns elementos que conduziram a formação do sertanejo procurando identificá-lo como uma raça, produto de cruzamentos sucessivos, ou seja, da “mestiçagem embaralhada”.

Tal afirmação, porém, pode ser associada, apenas, ao “sertanejo euclidiano”, conforme identificamos e relatamos. Já no tocante ao “sertanejo aluno do TC 2000”, esta condição não pode ser considerada como parâmetro de análise, mas, a função de sua proposta pedagógica como um mecanismo de regulação social foi o aspecto que prevaleceu em sua realidade.

Entretanto, um aspecto comum a ambas deve ser observado: a hierarquia, que assegura as diferenças, e os níveis sociais, que constituem as classes às quais os indivíduos pertencem em diferentes épocas, configuram as tais imagens da ordem e do caos que retomamos acima.

Para que possamos compreender melhor as imagens de regulação, passíveis de serem evocadas e/ou elaboradas por meio da leitura de “Os Sertões”, o TC 2000 deve, ainda, fundamentar nossas considerações para que a análise proposta nos permita identificá-lo ou não como instrumento de regulação.

A proposta pedagógica do TC 2000 implica na compreensão de que tudo o que é *antigo*, geralmente, é considerado como *inadequado* e, por isso, *substituído pelo novo*. Nesse caso, deve-se aceitar o antigo como elemento que representa outras épocas, anteriores, e, nesta perspectiva, não-correspondente à modernidade. Na atualidade, predomina o conceito de que o antigo é inadequado, pois não corresponde às necessidades de nossa realidade. Esta falta de correspondência entre fatores que configuram a urgência expressa em nosso

cotidiano permite que o TC 2000 seja interpretado como um elemento que se encaixa perfeitamente na nova rotina que constitui nossas vidas.

Utilizando em sua proposta pedagógica o recurso audiovisual, o Programa de Educação à Distância TC 2000 aposta na transformação da realidade considerando como princípio fundamental sua capacidade de “inovação”. A ocorrência de uma superação de paradigmas é, neste contexto, fato que pode ser observado como uma ocorrência certa, inquestionável. A superação de paradigmas deve, neste sentido, ser compreendida como responsável e indispensável para o alcance de transformações significativas, que expressam tanto uma nova ordem social, como as subseqüentes transformações na sociedade.

É possível observar que, via sistema educacional, podemos controlar, “regular as ações” de nossos alunos. Podemos considerar que o TC 2000 representa imagens da ordem e do caos de acordo com as seguintes colocações:

a) imagens da ordem podem ser elaboradas e/ou evocadas quando observamos que o TC 2000 possibilita a manutenção de grandes massas populacionais por meio da implantação de sua proposta;

b) imagens do caos, quando observamos que o TC 2000 nos permite identificar que sua implantação não ultrapassa limites que caracterizam uma qualificação mínima e necessária apenas para que a empresa permaneça no mercado atendendo às exigências de certificação de qualidade, via educação, aos operários sem especialização, promovendo a regulação que relatamos anteriormente.

No tocante ao texto descritivo de “Os Sertões”, verificamos que as imagens da ordem e do caos podem, também, gerar imagens da regulação. Entretanto, sua compreensão não se vincula a esta mesma visão.

O aspecto que conduz nossas reflexões no sentido de identificar na obra euclidiana indícios da regulação é observável na presença de fatores que caracterizam a visão determinista fatalista e darwinista social de Euclides da Cunha.

A superioridade intelectual é o aspecto que deve ser considerado neste momento de nossa pesquisa. Pode ser compreendida como um fator que, ao

longo da história e da evolução humana, determinou o homem como ator principal do espaço e garantiu-lhe uma posição privilegiada em relação aos outros animais. Pensar, então, é a sua principal característica, aquela que o diferencia dos demais.

Afirmando que o sertanejo é um forte, Euclides da Cunha parte de uma rica descrição deste tipo físico para expor suas qualidades. Mesmo considerando-o um “subproduto”, uma “subraça”, o autor reconhece a importância deste “tipo humano” partindo do pressuposto de que sua aparência de homem abatido e constantemente cansado é uma ilusão.

A manifestação de sua força e coragem surge como produto de sua capacidade de transformação. Diante da ameaça e do desconhecido, o “sertanejo euclidiano” reage às adversidades que lhe são impostas e emerge como grande herói, vitorioso e insuperável.

Se cada grupo observa e vive de forma peculiar às suas condições, verificamos que o homem, no decorrer do tempo, se organiza também em função de condições que determinam sua sobrevivência. Sua realidade é construída de acordo com as situações que vivencia e com as experiências que passam a constituir sua existência.

Seu conhecimento historicamente produzido é elemento de fundamental importância na constituição do mundo e, assim interpretado, o “sertanejo euclidiano” não possui o diploma, a superioridade dos militares apresentada nas descrições euclidianas, mas possui a sabedoria que resulta da experiência de vida que assimilou.

Sua capacidade de adaptação é uma condição de extrema importância para a compreensão da realidade e o (re)conhecimento do mundo. Mesmo que o branco represente uma raça superior, tal “superioridade” pode ser desconsiderada quando compreendemos o mundo como a manifestação de dinâmicas e múltiplas relações.

Se considerarmos uma raça, estaremos nos propondo a findar qualquer possibilidade de análise aqui proposta. Estaremos apostando em um nivelamento hierárquico, considerando a complexa sociedade sob aspectos de ordem e controle e, conseqüentemente, valorizando os objetivos das propostas do BIRD e do BID, ressaltando a presença da equidade. Contribuiremos, desta maneira, com a promoção da ordem e do controle, que podem, então, ser compreendidos como

reflexos de imagens que representam os dizeres de nossa bandeira nacional: “ordem e progresso”.

As palavras utilizadas em nossa bandeira nacional, o ícone que simboliza a representatividade do país, expressam, de forma indiscutível, a ideologia positivista inerente à Primeira República. Esta condição reafirma a visão euclidiana, sob a qual apenas os mais fortes sobreviveriam às imposições recebidas no decorrer dos anos.

Da mesma maneira, a sobreposição da cultura do “Branco” é fator que merece destaque, porque prevalece em diferentes momentos de nossa história. Segundo observamos, a visão determinista fatalista e darwinista social de Euclides da Cunha aponta para essa condição, ratificando-a como uma espécie de elemento “norteador” das ocorrências que determinam a vida e a realidade do sertanejo presente em suas descrições.

Sob esta perspectiva de análise, um homem classificado como “Branco” seria o representante da classe social à qual não pertence o sertanejo.

A denominação da classificação étnica do “Branco” já é condição suficiente para que sua superioridade seja ressaltada. Este “tipo humano” é compreendido como um indivíduo que não se submete à realização de atividades que exijam o empenho de sua força física. Ele pode, então, ser entendido como o representante de uma “elite pensante”, a exemplo do autor de “Os Sertões”.

Por sua vez, o “sertanejo euclidiano” é o produto, o resultado da “mestiçagem embaralhada”, e por isso não corresponde a este estereótipo. Seu biótipo já é fator de diferença quando comparado ao “Branco”, o “tipo humano” que simboliza a elite social.

Elemento integrante da elite, o “Branco” representa e constitui uma classe cujas imagens são significativas de um grupo social diferenciado, cujas condições de sobrevivência também podem ser interpretadas como superiores.

Neste contexto, o “sertanejo euclidiano” pode ser compreendido como um indivíduo que, a exemplo do “Branco”, integra um grupo social diferenciado. Entretanto, as diferenças estabelecem características peculiares a cada um, e suas condições de sobrevivência podem ser analisadas como fatores decisivos à compreensão de sua realidade. Neste sentido, devemos estar atentos às peculiaridades inerentes a ambos, visando entender os elementos que constituem nosso objeto de estudo como “responsáveis” pela regulação social.

Tomando como referência a escrita de Euclides da Cunha, temos a oportunidade de verificação e reafirmação, a cada leitura realizada, de sua visão elitista, correspondente à sua época e, além disso, preconceituosa.

Eis um aspecto de semelhança observado entre as apostilas de Geografia, Ensino Médio, do TC 2000 e “Os Sertões”. Enquanto as apostilas consideradas refletem a manutenção e a ordem social por meio da implantação de uma proposta pedagógica inadequada à realidade dos indivíduos que constituem as classes sociais mais baixas de nossa sociedade, a obra literária euclidiana reflete uma realidade correspondente a uma época diferente da que vivemos e, assim, observamos que a atuação dos militares configura com perfeição imagens de controle e manutenção social.

Em meio a atitudes que deveriam inibir a atuação do “sertanejo euclidiano”, os militares representam a força e a imposição necessárias ao controle e ao estabelecimento da ordem e do progresso presentes nos dizeres de nossa bandeira nacional, dentro do que prega o Positivismo, dominante na Primeira República. Não se trata de uma proposta pedagógica, mas a obra literária “Os Sertões” possui, desta maneira, princípios educativos e controladores em suas linhas e entrelinhas, determinando a realidade do sertanejo e, conseqüentemente, sua vida. Neste sentido, a obra euclidiana manifesta imagens da regulação.

O grupo, a classe social constituída pelo “sertanejo euclidiano” simboliza a inferioridade deste “tipo humano” em relação ao “Branco”. A mesma condição pode ser considerada em relação ao “sertanejo aluno do TC 2000”, pois o “Branco”, neste contexto, é representado por uma elite pensante identificada na equipe técnica que tem como função elaborar o material que constitui a proposta pedagógica em questão.

Retomando, porém, o “sertanejo euclidiano”, verificamos que sua representatividade pode ser compreendida como uma condição muito mais significativa se comparada à representatividade observada em relação ao grupo étnico “Branco”, considerado superior.

Em “Os Sertões”, o “Branco” é reconhecido na figura do militar. A imagem que podemos elaborar e/ou evocar deste “tipo humano” quando estamos em contato com a descrição euclidiana o revelam como um indivíduo dotado de

força e conhecimento. Sua força e seu conhecimento deveriam simbolizar o poder.

Este poder, então, seria traduzido na manifestação de ações que determinariam as atitudes a serem tomadas pelo sertanejo, limitando e manipulando sua atuação. Entretanto, temos sua força e seu poder consolidando atitudes que manifestam sua sobreposição em relação ao sertanejo, confirmando a presença do preconceito e também da visão determinista fatalista e darwinista social de Euclides da Cunha.

Mesmo diante de tais considerações, podemos observar que o “sertanejo euclidiano”, ao reagir como um forte, ultrapassa as dificuldades que os militares, “brancos e superiores”, tentam lhe impor.

Assim, a força e o conhecimento simbolizam condições peculiares deste “tipo humano” que, teoricamente, é considerado inferior. Sua atuação nos permite identificar a importância de seu conhecimento em relação ao lugar onde vive. Seus hábitos revelam uma profundidade inerente a este conhecimento que, certamente, confirma a importância de sua presença na luta pela sobrevivência observada na descrição dos conflitos que ocorreram em Canudos. Como resultado desta condição, cabe a esta figura, a este “tipo humano” a detenção do poder, mesmo que o resultado final de conflitos represente sua derrota diante de armas que são introduzidas em seu território junto com a civilização e falsa “modernidade”.

Neste contexto, a imagem da regulação caberia apenas ao exercício de um “falso” poder, que define a atuação dos militares como o produto de ações que refletem a ilusão dos mesmos no tocante à possibilidade de controlar, manipular as pessoas. Porém, o sertanejo não se julga vencido. Ao contrário, compreende que sua vida é repleta de reveses. Esta condição é abordada pelo próprio Euclides da Cunha como elemento que assegura ao sertanejo a possibilidade de ressurgir como o bravo, o forte que reage às adversidades apesar de sua aparência cansada e abatida.

A imagem que elaboramos e/ou evocamos do sertanejo, neste momento da pesquisa, permitiria que o identificássemos como um perdedor. Porém, a situação que se observa contraria esta afirmativa, pois temos na figura do sertanejo a manifestação de força, conhecimento, audácia e coragem. Tais condições se integram para constituir um “tipo humano” único, como foi

considerado por Euclides da Cunha. Então, sua capacidade de “transfiguração” pode ser compreendida como aspecto que possibilita nossa compreensão sobre as imagens de regulação identificáveis na leitura de “Os Sertões”.

Quando o “Branco” é identificado como superior, sobretudo no tocante à sua capacidade de atuação, impondo regras ao sertanejo, depreendemos que este último deveria, sem questionar, corresponder às suas ordens. Tal condição evidenciaria a superioridade intelectual e tecnológica do militar, supostamente inibidora de quaisquer formas de atuação ou reação do sertanejo.

Mas, na medida em que desenvolvemos nossa leitura, podemos identificar que o próprio autor se desvia desta forma de análise. A princípio, Euclides da Cunha nos fornece, por meio de sua rica descrição, todos os elementos necessários para que nossa compreensão considere o militar como o detentor do poder, que controla uma sociedade habilmente. Teríamos, neste momento, as imagens da regulação em “Os Sertões” traduzidas na superioridade intelectual que acaba por simbolizar a força que a elite social exerce sobre as classes sociais consideradas inferiores. A sobreposição e a força reafirmariam as imagens da ordem e do caos, manifestando uma realidade determinada pelas condições de sobrevivência impostas e, portanto, a regulação. No momento em que reconhece e destaca a importância do sertanejo, interpretando sua atuação como essencial diante dos conflitos ocorridos, Euclides da Cunha nos permite o abandono de tal visão e, assim, abandonamos também a imagem da regulação, do domínio dos mais fortes sobre os mais fracos. O sertanejo descrito por Cunha (1984) impede que identifiquemos no texto euclidiano o elemento regulador de grupos sociais, mas nos permite compará-lo com a regulação que ocorre em nossa sociedade.

Atualmente, vivemos em uma sociedade onde o poder de consumo das pessoas determina suas condições de vida, define sua posição social e assegura, também, as oportunidades. Neste sentido, cabe às pessoas mais simples, que não possuem recursos financeiros suficientes e/ou correspondentes às exigências da vida moderna, que atendam, adequadamente, às imposições das classes sociais mais favorecidas. Eis a semelhança que apontamos anteriormente.

Assim, as imagens da ordem e do caos também se manifestam, como se manifestaram quando analisamos o TC 2000 como uma proposta pedagógica que usa a imagem para a regulação social.

Podemos, então, identificá-las:

- a) Imagens da ordem: podem surgir quando observamos a presença dos militares, superiores intelectual e tecnologicamente se comparados aos sertanejos, revelados, posteriormente, como detentores do poder;
- b) Imagens do caos: surgem, por sua vez, quando verificamos que as imagens da ordem não podem ser compreendidas como verdadeiras, pois sua representatividade se torna equivocada a partir do momento em que identificamos na figura do sertanejo a presença de um homem que nos revela a possibilidade de reação ao domínio que os “superiores” tentam exercer sobre os mais fracos.

Em outras palavras, a ordem que os militares tentaram impor aos sertanejos representa a inabilidade dos “superiores”. Realizamos tal afirmação porque compreendemos que a audácia e a coragem inerente aos sertanejos, “inferiores”, são elementos que anulam toda e qualquer tentativa de imposição e força associadas à atuação dos “Branco”. Assim, as imagens da regulação podem, neste contexto, representar a regulação social pretendida se compararmos “Os Sertões” com os textos das apostilas de Geografia do TC 2000. Enquanto ocorre um aniquilamento no sertão de Canudos ao findar dos conflitos, ocorre, também, um aniquilamento no tocante ao “sertanejo aluno do TC 2000”. Este, por sua vez, é submetido ao oferecimento de um conhecimento mínimo, cujo objetivo principal é assegurar a ordem e o controle social, nivelando uma grande massa populacional e fazendo com que estes indivíduos acreditem que são portadores de um conhecimento verdadeiro. Entretanto, para que o controle e a ordem assegurem a evocação e/ou a elaboração de imagens da ordem e do caos, é necessário que se observe que a proposta pedagógica do TC 2000 corresponde à principal exigência dos princípios do Banco Mundial e do BIRD, apontados anteriormente: a promoção da equidade.

Finalizando este capítulo, um novo esquema pode ser utilizado para representar nossa posição diante dos resultados até aqui atingidos. Seu objetivo é esclarecer ao leitor a importância da interpretação do conhecimento geográfico observados na imagem e na linguagem escrita, considerando ambas como elementos que podem ou não ser compreendidos como reguladores:

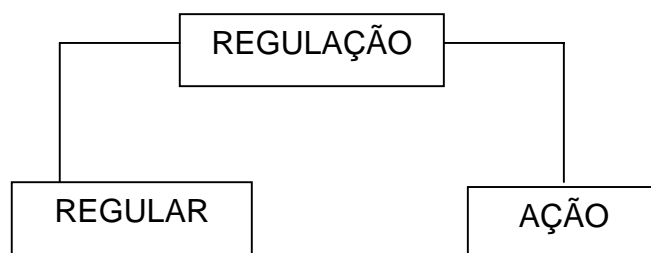


Imagem: para quê e para quem?

CAPÍTULO 04

IMAGENS E CONHECIMENTO GEOGRÁFICO: a interpretação do mundo nas diferentes épocas sob diferentes visões do mundo

*“[...]... A sucessão invariável das mesmas cenas,
no mesmo cenário [...]”.*
(Euclides da Cunha)

A observação de fragmentos do texto que constitui a obra literária “Os Sertões” pode tanto ser compreendida como uma tarefa simples quanto complexa. Porém, aceitá-la como simples significa desconsiderar toda a complexidade que o texto literário possui ao manifestar a riqueza de detalhes que constituem os inúmeros conceitos geográficos que observamos em seu conteúdo. Desta maneira, minimizamos sua importância.

Não podemos, no entanto, considerá-la como mais um elemento, mais um instrumento na busca pelo conhecimento que (re)adquirimos. Devemos, sobretudo, tentar compreendê-la como um instrumento de grande importância na (re)elaboração de nosso conhecimento e também da nossa compreensão acerca do mundo em que vivemos.

Quando nos propomos a observar as ações humanas, temos a possibilidade de identificar a presença e a importância das diferentes visões do mundo, que se manifestam, principalmente, na compreensão que os autores de texto possuem, caracterizando cada uma das diferentes épocas. Neste sentido, o espaço geográfico deixa de ser apenas a morada do homem, para representar toda a capacidade humana de transformação deste espaço, que passa a ser adequado (construído) à sua realidade.

Há também complexidade na estrutura dos textos que constituem as apostilas do TC 2000. Porém, como já apontamos, esta complexidade não representa a mesma possibilidade de aquisição do conhecimento a exemplo da obra euclidiana. Por se tratar de um texto didático, temos em mãos um material que, por meio de palavras organizadas, constituem a estrutura de um texto

informativo. Conseqüentemente, textos como estes deveriam “informar sem complicar”, mas, no entanto, se tornam ineficazes quando são utilizados como instrumentos de aprendizagem na prática de um ensino supletivo.

Temos, nesta perspectiva, a possibilidade de perceber, observar e considerar a importância que as palavras assumem quando têm a missão de (re)transmitir o conhecimento. Conhecemos e também reconhecemos. Por isso, podemos nos arriscar a afirmar que transformamos a partir do momento em que nos informamos sobre a realidade vivida.

A obra literária “Os Sertões” e as apostilas de Geografia do TC 2000 aqui consideradas nos permitem confirmar tais reflexões, pois constituem elementos que nos instigam à busca pelo conhecimento e, conseqüentemente, à busca pela compreensão do mundo. Como podemos observar, temos em mãos dois tipos de texto, e, cada qual, à sua maneira, nos apresenta a realidade.

* * * *

4.1. Literatura e Imagens: a integração de diferentes realidades

No capítulo anterior, nos dedicamos à tentativa de explicitar uma das maneiras pela qual o TC 2000, através dos textos que constituem suas apostilas de Geografia, possibilitam a “regulação” dos indivíduos submetidos a esta modalidade de ensino.

Esta condição nos permitiu observar que as diferentes épocas influenciam, diretamente, na forma de nossa compreensão acerca do (re)conhecimento geográfico e, conseqüentemente, do (re)conhecimento do mundo.

O foco principal deste estudo que realizamos não se refere ao questionamento da proposta pedagógica do TC 2000 e nem mesmo à análise das imagens que constituem as fitas VHS, porém, enfatizamos que a referida proposta atravessou diferentes épocas, sofrendo algumas modificações quanto à forma de apresentação do conteúdo que, todavia, não indicam a correspondência adequada à nossa realidade. Em outras palavras, não estamos propondo uma

pesquisa sobre o avanço ou retrocesso correspondente ao uso do recurso audiovisual, que, neste caso, representa o emprego da TV e do videocassete associado ao uso do livro didático que, gradativamente, seria substituído. No entanto, a importância da TV não pode ser desconsiderada e, neste sentido, buscamos apoio nas idéias expressas por Pellegrini (1999, p. 15, grifos do autor), que auxiliam no sentido de delinear o modo como pretendemos tomar as imagens em nosso estudo:

O elemento mais marcante no caminho percorrido pelas modernas técnicas de reprodução, depois do filme, foi – bem antes dos *personal computers* – o aparecimento da televisão. E já é banal associarem-se a seus efeitos à quantificação de informações, à queda de qualidade de produção cultural, à diminuição do hábito de leitura, à banalização da literatura. Seja qual for o grau de verdade dessas afirmações, o que importa reter aqui, *por enquanto*, é a TV como uma imagem e não a imagem da TV. Imagem em si, imagem literária: metáfora. Símbolo de um período de profundas transformações na vida cultural brasileira, dado mais imediato e visível da nossa modernização, fundamento da nossa indústria da cultura.

As idéias acima relacionadas nos permitem pelo menos duas correlações com a pesquisa que realizamos.

A primeira delas, pode ser interpretada como um reflexo da urgência, do “ganhar tempo” que identificamos na implantação de “novas” propostas pedagógicas, conforme abordamos em pesquisa que realizamos anteriormente, no momento em que desenvolvíamos Estágio em Especialização. Correspondendo a uma outra época, onde o desejo por um exagerado crescimento e conseqüente desenvolvimento do país representavam a conquista da modernidade a partir da implantação de novas tecnologias, o TC 2000 significava a possibilidade de concretização do governo JK, “*50 anos de progresso em 5 anos de governo*”.

Na busca pelo progresso, temos o emprego de propostas pedagógicas que, apostando na inovação, procuram atrair uma grande massa populacional. Realizamos tal afirmação porque, como podemos observar, temos na implantação de propostas que viabilizam a Educação à Distância, a possibilidade de atingirmos um grande contingente de pessoas de uma única vez. Já afirmamos tal aspecto anteriormente e, então, retomamos tal condição porque observamos que,

mesmo em épocas distintas, o objetivo maior das propostas pedagógicas se resume em uma única preocupação: erradicar índices negativos referentes ao sistema educacional de nosso país. Em outras palavras, temos nas propostas pedagógicas a presença de objetivos que são, na realidade, correspondentes às expectativas políticas – conforme salientamos anteriormente, no Capítulo 01, quando abordamos para melhores esclarecimentos o BID e o Banco Mundial – que nem sempre podem ser compreendidas como educativas. Realizamos tal afirmação porque interpretamos as propostas pedagógicas como referenciais para a consolidação de objetivos representativos da possibilidade de manipulação, ou seja, de “manutenção” das massas populacionais.

Uma segunda correlação é decorrente da primeira, e, assim, verificamos que o uso da TV, bem como a aposta na mídia e nos diferentes meios de comunicação de massa constituem a pilastra fundamental de nossa realidade, que pode ser observada e compreendida nas afirmações de Pellegrini (1999), anteriormente citadas. Neste sentido, a TV pode ser compreendida como o símbolo de um período de profundas transformações na vida cultural brasileira e, segundo nosso entendimento, configura também uma nova maneira de compreensão da realidade e de interpretação do mundo, diante de valores e padrões sujeitos à variações e, portanto, diferentes épocas. Em poucas palavras, podemos até mesmo ousar uma nova afirmação: contemporaneamente, a TV, enquanto recurso audiovisual, é o símbolo de diferentes épocas e, portanto, de diferentes visões do mundo.

A TV surge em uma época posterior à “Era do Rádio”, quando Roquete Pinto iniciou a implantação da Educação à Distância em nosso país. Atingir o progresso em pouco tempo configura uma parte importante de uma nova visão do mundo em um país que sonhava – e ainda sonha – com o progresso.

É importante ressaltar que, naquele momento, o TC 2000 não era uma realidade. Os projetos que constituem os Programas de Educação à Distância têm início, no Brasil, na década de 1920.

Assim, podemos apontar as idéias de Belo (2002, p.12-3), para uma melhor compreensão:

Roquete Pinto foi o grande responsável pela propagação de uma nova didática para o ensino brasileiro na década de 1920. O rádio era a grande arma para que o conhecimento fosse algo realmente acessível a

todos os cidadãos. Ajudando a fundar a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro em 20 de abril de 1923, que mais tarde passou a se chamar Rádio MEC, contribuiu para o surgimento do que denominava-se radioescola.

Como já abordamos a trajetória da educação de jovens e adultos no Brasil, na pesquisa realizada no momento em que desenvolvíamos Estágio em Especialização, não realizaremos esclarecimento mais abrangente sobre tal aspecto¹⁰. Porém, verificamos que a “urgência de novas propostas pedagógicas” pode ser observada e comparada com a “urgência” expressa na veiculação das informações que obtemos na TV: em muito pouco tempo, as diversas e inúmeras imagens nos remetem ao (re)conhecimento de dados e/ou conceitos que, de forma integrada, constituem o mundo.

Nesta perspectiva, salientamos que, ao abordarmos a expressão “regulação” ao final do Capítulo 03, estávamos apenas associando-a à possibilidade que o TC 2000 nos oferece em realizar um ensino “conteudista” e minimizado, típico de um trabalho fundamentado apenas em textos didáticos, sem qualquer intenção de discorrer sobre a “teoria da regulação”, pertinente à Economia – que também é um ramo do conhecimento abordado na ciência Geografia.

Apesar de “conteudista” e minimizado, o uso de textos didáticos aparenta facilidade e, também, a realização de um ensino que corresponde ao princípio da equidade. Este princípio, tão evidente nas propostas do BIRD e do Banco Mundial, nos permite observar a necessidade de se ensinar o mínimo possível para os indivíduos, pois é mais interessante a existência de uma grande massa populacional com um nível básico de instrução do que uma grande massa populacional muito bem instruída. É necessário que o operário saiba o mínimo para cumprir sua função, que muitas vezes se resume ao comando de uma máquina. Uma “instrução mínima”, então, facilita ao trabalhador a leitura de instruções necessárias para a execução de tarefas básicas. Porém, quando temos acesso ao conhecimento temos mais informações e podemos, então, utilizá-las em benefício próprio. Este “benefício próprio” corresponde à possibilidade de exigirmos nossos direitos, mesmo que nossos deveres não sejam devidamente cumpridos. Fazemos das palavras nossa maior e mais

¹⁰ Ver bibliografia.

potente arma, pois os códigos e normas que constituem o exercício do Direito nada mais são do que um texto que, em sua estrutura, determina o que devemos e o que não devemos fazer para que seja possível a vida em coletividade.

Seria interessante uma análise mais profunda sobre tal afirmação, porém, não é esta nossa proposta para a realização desta pesquisa. Podemos salientar que temos a possibilidade de regular o acesso do indivíduo ao conhecimento, ou seja, determinamos o que ele pode ou não conhecer conforme prevalecem os interesses políticos e, portanto, ideológicos em cada época. Então, manipulamos o conhecimento oferecido nas instituições oficiais de ensino.

Por outro lado, esta condição se torna nula quando observamos que elaboramos e/ou evocamos diversas e distintas imagens quando nos propomos à leitura de diferentes tipos de texto. Conhecemos e reconhecemos porque nos informamos, conforme relatamos no início deste capítulo. No entanto, as imagens que elaboramos e/ou evocamos a partir da leitura, não podem ser associadas apenas ao ato da leitura e/ou interpretação de textos, pois também lemos e/ou interpretamos o mundo a partir dos símbolos e ícones que constituem nossa realidade. Atualmente, podemos constatar uma realidade que se transforma em períodos cada vez menores. Este fato, por sua vez, implica na existência de paradigmas, que se superam constantemente.

Então, retomamos as idéias de Pellegrini (1999, p. 15, grifos do autor), ao afirmar que:

[...] parece óbvio que o próximo século não passará incólume pelas gradativas porém profundas transformações que neste já se efetivam, como resultado das novas técnicas introduzidas pelos produtores e difusores de imagens. O que está em jogo não é saber se os livros serão substituídos por fitas ou discos óticos – são muitos os dispositivos eletrônicos –, mas se determinados valores, ancorados em muitos séculos da cultura *escrita*, continuarão a ter o mesmo sentido, para o bem ou para o mal. É bem provável que não, pois as novas técnicas vêm mudando não apenas o modo como produzimos literatura e arte, mas também o modo como as fruímos e, sobretudo, como as definimos.

Apesar de enfatizarmos, neste momento de nosso estudo, a presença da tecnologia e do desejo “exagerado” pelo desenvolvimento, voltamos a apontar como os diferentes tipos de textos são importantes para nossa compreensão acerca de imagens que elaboramos e/ou evocamos quando estamos em contato com tais materiais.

É por este motivo que as idéias de Pellegrini (1999), acima relacionadas, representam de forma adequada o que tentamos apontar como elementos responsáveis pela grande valorização atribuída ao uso da TV e das fitas VHS na proposta pedagógica do TC 2000: mesmo com todos os esforços e objetivos voltados para a difusão do conhecimento de forma ágil e eficaz, o recurso audiovisual não pode ser considerado capaz de substituir ou mesmo anular determinados valores que a escrita consolidou no decorrer do tempo.

Já salientamos que compreendemos o texto didático das apostilas de Geografia do TC 2000 aqui consideradas, semelhante, em alguns aspectos, ao texto científico. Para a compreensão desta semelhança, basta observarmos que ambos se tornam complexos ao entendimento do leitor: enquanto o texto didático oferece um conhecimento mínimo e “conteudista”, o texto científico é repleto de palavras e/ou conceitos que dificultam o entendimento do leitor leigo.

Em alguns momentos de nossa pesquisa, apontamos o texto das apostilas de Geografia do TC 2000 como instrumentos que, ao invés de auxiliarem a compreensão do conhecimento (re)transmitido, dificultam-na.

Esta dificuldade é verificada quando nos encontramos diante de alunos que, cansados após horas de trabalho, não conseguem identificar conceitos básicos em um texto que deveria servir como principal apoio em suas poucas horas de estudo. Ao recurso audiovisual, caberia a “obrigação” de assegurar a aprendizagem nas mais diversas situações de ensino-aprendizagem. No entanto, nossos “telealunos” se tornam, assim, vítimas de uma proposta pedagógica que representa um sistema de ensino inadequado à nossa realidade e insuficiente às exigências que nossa população expressa em sua condição de vida. Mais uma vez, o produto obtido a partir da leitura de palavras que empregamos nas linhas do texto que constitui nosso estudo simboliza a representação de uma realidade que pode ser considerada absurda e, conseqüentemente, propicia a regulação que apontamos no capítulo anterior.

Então, comparando a condição de regulação que identificamos na proposta pedagógica do TC 2000 com a obra literária “Os Sertões”, podemos observar alguns aspectos de suma importância para nossa pesquisa.

Primeiramente, retomamos algumas idéias que já apontamos em nosso trabalho: a obra de Euclides da Cunha não foi escrita com a intenção de se tornar um referencial de caráter pedagógico, porém, não deixa de “cumprir” esta função.

Na medida em que apontamos a rica descrição euclidiana como um elemento decisivo na (re) aquisição do conhecimento geográfico e o (re)conhecimento do mundo, observamos sua importância. No entanto, não podemos considerá-lo como um elemento semelhante ou que se aproxima dos textos das apostilas do TC 2000, que apontamos como inadequados à (re)transmissão e/ou à (re)construção do conhecimento, contribuintes da regulação de um saber oferecido aos “telealunos” e que não lhes acrescenta muito.

Seduzidos pela beleza das palavras que constituem a estrutura do texto euclidiano, os leitores – sejam eles “telealunos” ou não – têm a possibilidade de buscar o conhecimento a partir da procura pelo significado de palavras desconhecidas, elaborando e/ou evocando imagens que, conseqüentemente fazem parte de seu (re)conhecimento sobre o mundo onde vivem.

Como podemos verificar, o texto literário (descritivo) de Euclides da Cunha se aproxima do caráter didático dos textos das apostilas de Geografia do TC 2000, mas se distanciam quando, na medida em que promovem a aquisição do conhecimento, guiam o leitor no caminho da liberdade que o “saber com significado” propicia.

Continuando nossa pesquisa e tomando como apoio as idéias de Sevcenko (1983, p. 131), podemos observar que Euclides da Cunha nos apresenta uma obra literária onde as inúmeras transformações que integram o (re)conhecimento do mundo que abordamos em nossa análise são identificadas:

[...]movimentos históricos, transformações econômicas e políticas, ideais sociais, políticos e econômicos, discussões filosóficas e científicas, crítica social, moral e cultural, análises geológicas, descrições geográficas e comentários historiográficos; tudo condensado no nível mais amplo e predominante da sua obra.

Como já relatamos anteriormente, Euclides da Cunha é um “escritor de gênio”. Sua obra literária atravessa o tempo ganhando (conquistando) espaço. Em outras palavras, podemos com base em inúmeros estudiosos, afirmar que a escrita de Euclides da Cunha permanece viva, atravessando gerações.

Sua capacidade descritiva faz de seu texto mais do que um instrumento informativo, pois os detalhes nele contidos são capazes de nos induzirem à

elaboração e/ou evocação das mais belas imagens. Neste sentido, podemos afirmar que a obra euclidiana surge como um instrumento de qualidade superior, se comparada aos textos das apostilas de Geografia do TC 2000. Realizamos tal observação porque compreendemos que a mesma não foi escrita com o objetivo de suprir necessidades expressas em objetivos pedagógicos, mas é capaz de nos permitir o acesso ao conhecimento.

Em contrapartida, os textos das apostilas de Geografia do TC 2000 aqui consideradas deveriam facilitar o acesso ao conhecimento, mas anulam esta possibilidade quando nos apresentam textos pobres, insuficientes e, até mesmo, inadequados à realidade dos telealunos.

As imagens que elaboramos e/ou evocamos a partir da leitura de “Os Sertões” são, certamente, diferentes daquelas que têm suas origens a partir da leitura dos textos das apostilas de Geografia do TC 2000. Se as imagens são elementos da realidade, podemos considerar que o texto didático inibe a elaboração e/ou a evocação de imagens que configuram a verdadeira realidade.

Nossa afirmativa vincula-se ao fato de que, segundo nosso entendimento, compreendemos que há uma grande lacuna entre o que as determinações legais estabelecem e o que realmente conseguimos obter quando implantamos propostas pedagógicas. Então, podemos retomar o que afirmamos anteriormente, no Capítulo 03: o TC 2000 é uma proposta pedagógica que visa, objetivamente, a regulação social.

Tomando tal condição como referencial neste momento de nossa pesquisa, não podemos, no entanto, considerar “Os Sertões” como uma obra literária que “fuja” a esta condição.

Apesar de toda a beleza da descrição euclidiana, o pensamento do autor é permeado pelo “darwinismo social” que constitui parte de sua visão do mundo, conforme relatamos em momentos anteriores. Assim, mais uma vez, apoiamos nossas reflexões em Sevcenko (1983, p.131), que nos apresenta a postura de Euclides da Cunha diante do pensamento científico da época e sua interpretação do homem:

[...]Sua crença verdadeiramente animista nas leis imponderáveis da natureza e no seu efeito positivo sobre os homens, somada à sólida erudição científica, o conduzem à realização de um drama em que os personagens são os próprios agentes naturais.

A partir das idéias anteriormente relacionadas, podemos observar que a obra literária “Os Sertões” se torna próxima da condição de regulação que apontamos no capítulo anterior, quando enfatizamos o TC 2000. Porém, esta mesma condição de regulação implica, diretamente, em outra condição, que também já apontamos anteriormente: a aceitação.

Para o “sertanejo euclidiano”, temos a aceitação expressa na combinação de fatores que, integrados, constituem sua realidade. Tais fatores nos permitem identificar que a combinação de suas características físicas com circunstâncias históricas e mesológicas resultam na sobrevivência determinada por condições impostas que, assim, selecionam os indivíduos mais adequados à permanência no meio ambiente. O Quadro 06, que apresentamos no capítulo 02, nos oferece melhores condições de interpretação para esta afirmação.

Considerando que o “sertanejo euclidiano” deixa de ser passivo para se constituir como um forte, temos em mãos um fator que se torna fundamental na análise que realizamos: a fragilidade que observamos na descrição de um homem “moldado” em função das condições físicas que constituem o meio onde vive não corresponde à imagem que observamos quando a descrição euclidiana revela-o como um forte. As imagens que permitem sua identificação como um bravo lutador, defensor de seus interesses, podem ser resumidas na imagem de um herói que não se rende à imposição da força e do poder dos militares, considerados, hierarquicamente, superiores.

Na análise proposta, poderíamos considerar a obra “Os Sertões” um elemento regulador na medida em que interpretamos a “seleção natural” – ou “darwinismo social” – como uma característica fundamental à manutenção e ao controle hierárquico social. No entanto, desconsideramos tal possibilidade quando compreendemos que o pessimismo de Euclides da Cunha – manifestado na proposição que o autor realiza sobre a impossibilidade de sobrevivência do sertanejo – se apresenta de maneira oposta à imagem que configura um novo “tipo humano” em nosso entendimento: o “sertanejo guerreiro”.

4.2. O “Sertanejo Guerreiro”: uma imagem que resulta da interpretação de dois tipos humanos

A imagem do “sertanejo guerreiro” que identificamos nas imagens que elaboramos e/ou evocamos a partir da leitura de “Os Sertões” também é figura presente nas linhas e entrelinhas que constituem os textos das apostilas de Geografia do TC 2000.

Assim, o “sertanejo aluno do TC 2000” assume a condição de “herói”, “guerreiro”, na medida em que enfrenta as dificuldades que se lhe apresentam ao chegar nos grandes centros urbanos à procura de melhores condições de vida.

Apontamos, em momento anterior, a esperança para o “sertanejo euclidiano” na presença da chuva e, para o “sertanejo aluno do TC 2000”, na possibilidade de conquista de um emprego.

Enquanto para o primeiro a chuva renova suas forças e sua crença na possibilidade de melhoria de vida, verificamos que, para o “sertanejo aluno do TC 2000”, seus atos heróicos são simbolizados pela luta diária por condições de sobrevivência que, apesar do contexto diferente, se assemelha às condições de vida do “sertanejo euclidiano”.

Não se trata da chuva como elemento que renova suas forças e sua esperança, mas, da crença que sustenta sua esperança de conquistar um emprego melhor e poder retornar ao seu lugar de origem de forma vitoriosa.

Assim, ao tentarmos definir as imagens que elaboramos e/ou evocamos quando abordamos as características que constituem o “sertanejo euclidiano” e o “sertanejo aluno do TC 2000”, deparamos com um novo “tipo humano” que, conforme já relatamos, denominamos como “sertanejo guerreiro”.

O “sertanejo guerreiro”, então, passa a constituir um novo elemento em nossa pesquisa. Temos a possibilidade de verificar que a ação humana não determina apenas novas condições e/ou características ao meio ambiente (espaço geográfico), mas modifica a própria espécie no decorrer do tempo.

Esta afirmação nos permite reconsiderar, em nossa pesquisa, as variáveis tempo e espaço.

Nesta perspectiva, o tempo (a historicidade) assume importância indiscutível em nossa análise, pois interpretamos que as diferentes formas de ação e de visão do mundo, nas diferentes épocas, refletem realidades também

distintas. Entretanto, podemos também verificar que esta condição não apenas ressalta a importância que o tempo tem diante da possibilidade de conquistas, mas também da ocorrência de transformações.

Tanto para o “sertanejo euclidiano” como para o “sertanejo aluno do TC 2000”, conquistas e transformações podem ser compreendidas nas tentativas de obtenção de melhores condições de vida, pois a sobrevivência de ambos é repleta de dificuldades.

Podemos tomar as variáveis tempo e espaço, neste momento, como elementos que se integram na constituição de imagens. Porém, estas imagens, por vezes, refletem uma “falsa” realidade.

Então, verificamos que elaboramos e/ou evocamos imagens que, na maioria das vezes, não podem ser interpretadas como verdadeiras.

Os “sertanejos guerreiros” podem ser considerados “sertanejos vitoriosos”, pois, cada um à sua maneira, necessita vencer as inúmeras dificuldades que a vida, sem rodeios, lhe oferece.

Retomando o “sertanejo euclidiano”, devemos considerar a diferença que estabelecemos entre o vaqueiro do Norte e o gaúcho do Sul, conforme apresentamos ao leitor no Quadro 03, no tópico 1.5.1. do capítulo 01.

Observando e comparando as características de ambos, é importante salientar que o vaqueiro do Norte é o “tipo humano” que melhor representa o sertanejo vitorioso.

As imagens que resultam da interpretação dos dados apresentados no Quadro 03 são elaboradas e/ou evocadas pelo leitor da obra euclidiana aqui considerada que, a partir da visão do mundo do autor, tem acesso ao sertão de “Os Sertões”. Em outras palavras, podemos afirmar que a leitura de “Os Sertões”, se profunda, é capaz de nos permitir a interiorização de conceitos e valores de uma época. Neste sentido, mesmo elaborando e/ou evocando suas próprias imagens, o leitor não se distancia da visão do mundo do autor e, as idéias preconceituosas de Euclides da Cunha sobre a destruição das “raças fracas” pelas “raças fortes” a partir da imposição da civilização, prevalecem.

Esta afirmação, em um primeiro momento, pode ser considerada contraditória. Entretanto, temos as figuras do “sertanejo guerreiro” e do “sertanejo vitorioso” reveladas na imagem do vaqueiro do Norte, “tipo humano” que depende de sua valentia e agilidade para vencer as inúmeras adversidades presentes em

sua realidade. O gaúcho do Sul é um indivíduo cuja vida compreende uma realidade que pode ser considerada mais amena, reluzindo em sua imagem a figura de um herói, que não necessita expressar sua valentia de forma vigorosa como o vaqueiro do Norte.

Apesar de nossa pesquisa abordar as imagens que constituem os aspectos físicos desses “tipos humanos”, é importante ressaltar que esta não é a nossa intenção neste momento de nosso estudo. Talvez possamos abordá-lo em etapas posteriores, uma vez que pretendemos prosseguir nossa pesquisa. No entanto, podemos afirmar, mesmo que ousadamente, que nosso contato com descrições de diferentes “tipos humanos” nos permite elaborar e/ou evocar imagens próprias a realidades distintas.

Retomamos, então, o que afirmamos no tópico 1.5.1. do capítulo 01, onde consideramos que as imagens dos “tipos humanos” aqui abordados não podem ser compreendidas como representações fiéis da visão do mundo do autor, visto que nossas experiências e vivências constituem diferentes interpretações da realidade e, conseqüentemente, diferentes valores.

Neste sentido, podemos associar as considerações realizadas sobre os “tipos humanos” às variáveis *tempo* e *espaço*.

Na condição de leitores, leigos ou não, vivemos e experimentamos situações que podem tanto se aproximar como se distanciar das situações que os “sertanejos” aqui considerados, em nosso entendimento, vivenciaram. É importante salientar que há um grande perigo em considerar esta condição, pois não podemos tomar como referência a passividade dos sertanejos que identificamos em determinados momentos de nossa interpretação. Caso esta possibilidade se torne fato concreto, teremos como decorrência a perigosa tendência à aceitação. Neste sentido, estaríamos correspondendo aos fatores de regulação que apontamos, anteriormente, no capítulo 03, ao abordar a proposta pedagógica do TC 2000.

Não podemos, porém, tomar a aceitação como um elemento a ser completamente desconsiderado. Devemos tomar a aceitação como mais um dos elementos que nos permitem a interpretação do mundo, em diferentes épocas e, conseqüentemente, como um aspecto que integra a constituição do meio ambiente (espaço geográfico) a partir das modificações e/ou transformações observadas em momentos distintos.

Considerando apenas o “sertanejo euclidiano”, a interpretação das variáveis tempo e espaço se torna um fator importante, porém, compreendido com maior facilidade se comparado ao “sertanejo aluno do TC 2000”.

As descrições dos conflitos nos permitem identificar com maior facilidade a coragem que o “sertanejo euclidiano” empenha na defesa por algo que julga ser seu. Já a interpretação das imagens que elaboramos e/ou evocamos quando consideramos o “sertanejo aluno do TC 2000” se torna mais complexa. Ele luta com a vida nos grandes centros urbanos, alimentando um sonho distante, pois, dificilmente, consegue regressar ao seu “lugar de origem”.

As variáveis *tempo* e *espaço* constituem realidades e visões do mundo distintas quando consideramos o “sertanejo euclidiano” e também podem ser compreendidas como elementos que integram a realidade de uma época mais atual. Entretanto, mesmo que esta condição nos submeta a interpretar o mundo sob a perspectiva de modernidade, é importante salientar que o “sertanejo aluno do TC 2000” não se encontra distante da visão determinista fatalista de Euclides da Cunha. Da mesma maneira que o “sertanejo euclidiano”, ele se encontra submetido às condições de vida que refletem os parâmetros observados no processo de seleção natural.

Diante de tal situação, podemos retomar a afirmação que realizamos anteriormente, no tópico 2.3. do capítulo 02, onde consideramos o “sertanejo aluno do TC 2000” como “telespectador” de uma realidade que, por vezes, não tem acesso.

Esta condição implica, diretamente, na compreensão e/ou interpretação que fazemos – ou que possamos fazer – sobre a superioridade que determina condições de sobrevivência aos “sertanejos” que configuram os “tipos humanos” considerados em nossa pesquisa.

Inseridos em um novo contexto, onde a tecnologia constitui as imagens que determinam o que devemos fazer e como sobreviver em um mundo repleto de estratégias e elementos que seduzem o indivíduo, os “telealunos” vivem e sobrevivem numa época marcada pelo uso das máquinas.

Assim, podemos salientar que o avanço tecnológico constitui um elemento que não passa despercebido diante dos olhos de qualquer pessoa. E, considerando o leitor – leigo ou não – temos a mesma situação.

Em outras palavras, podemos afirmar que tanto em “Os Sertões” como nas apostilas de Geografia do TC 2000 há princípios que nos permitem identificar a presença da regulação social.

Uma possibilidade de identificação de regulação social em “Os Sertões” pode ser observada quando o uso da imposição e da força por parte dos militares se constitui como elemento que traduz a imagem da soberania expressa na hierarquia social. Brancos e letrados, os militares ainda têm acesso a armas que refletem a imagem da modernidade e, por isso, são interpretados como homens superiores ao sertanejo. Se o sertanejo não reage, temos como decorrência a presença da perigosa tendência à aceitação, como já relatamos em momentos anteriores.

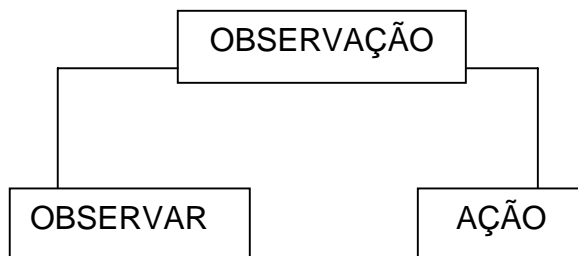
Em relação ao “sertanejo aluno do TC 2000”, a manifestação da regulação social pode ser assim compreendida: o conhecimento mínimo oferecido se torna o elemento principal para a regulação social. Temos em mãos uma proposta pedagógica que, a exemplo de “Os Sertões”, atravessa o tempo. Entretanto, diferencia-se da obra euclidiana por não permitir ao leitor aprofundar seu conhecimento a partir da leitura e da interpretação dos textos e das imagens.

Porém, há um aspecto comum aos materiais que constituem nosso objeto de estudo: ambos atravessam o tempo e o espaço. Além disso, apesar do texto literário ser mais rico em detalhes que o texto didático e, por isso, capaz de seduzir o leitor, ambos são repletos de conceitos que, de forma persistente, nos inquietam e instigam nosso constante questionamento.

Diante desta condição, se torna necessário verificar que, contrariamente ao que afirmamos, não se trata especificamente de uma forma imposta de regular a sociedade e assegurar o controle e a manutenção das diferentes classes sociais. O que verificamos é que as imagens que elaboramos e/ou evocamos a partir de nossas leituras e/ou interpretações nos conduzem à identificação de visões do mundo. Neste contexto, podemos ressaltar uma visão do mundo que, em nosso entendimento, pode ser resumida na passividade observada na aparência dos sertanejos que apontamos em nossa pesquisa.

Aceitação e regulação, integradas à passividade e submissão, podem ser compreendidas como condições que constituem a realidade expressa nas imagens a partir da leitura de “Os Sertões” e também das apostilas de Geografia do TC 2000, anulando a imaginação porém, despertando nossa curiosidade e

conseqüente observação. Por sua vez, a palavra observação pode, a exemplo de conceitos que trabalhamos anteriormente, ser assim interpretada:



“Imagem: para quê e para quem?”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando nos propomos a realizar a pesquisa intitulada, inicialmente, *“Imagem: para quê e para quem?”*, não pensávamos que as imagens que elaboramos e/ou evocamos a partir da leitura de diferentes tipos de texto pudessem se tornar tão importantes e fundamentais em nossa busca por possíveis esclarecimentos para nossos vários questionamentos.

O que, em princípio, constituía apenas uma questão geradora de indagações, se tornou elemento extremamente necessário ao longo de nosso estudo e, assim, as imagens se manifestaram como elementos da realidade.

Assim compreendidas, as imagens nos permitem verificar a presença de atores que fazem do meio ambiente (espaço geográfico) o lugar de ocorrência de transformações que se apresentam sucessivamente, a todo o momento. Tais transformações podem, então, ser interpretadas como manifestações de diferentes visões do mundo, na medida em que os valores mudam com o tempo.

Tomamos como objeto de estudo dois materiais distintos que se complementam. Consideramos dois tipos de texto, o literário e o didático.

Para representar o texto literário, a obra *“Os Sertões”*, de Euclides da Cunha, pode ser considerada uma escolha feliz. Relembrando que nossa proposta incluía a análise e comparação entre este referencial teórico e os textos que constituem as apostilas de Geografia, Ensino Médio, do TC 2000, os materiais que constituem nosso objeto de estudo nos permitiram o desenvolvimento de um estudo relevante. Tal condição é justificada quando verificamos que abordamos as imagens elaboradas e/ou evocadas pelo leitor, e não as imagens “produzidas” para a prática de uma proposta pedagógica.

Neste sentido, a leitura do texto literário aqui considerado nos permite o contato com conceitos que integram o (re)conhecimento que constitui o mundo. Inseridos neste mundo, participamos contínua e ativamente das transformações que mencionamos acima, integrando uma realidade dinâmica e, portanto, distante da passividade que apontamos como elemento que pode caracterizar, em alguns momentos, o “sertanejo” em nossa análise.

É necessário salientar que a obra euclidiana, como denominamos *“Os Sertões”* ao longo de nossa pesquisa, não pertence à época em que vivemos, ou seja, não é contemporânea à nossa modernidade. Em outras palavras, *“Os*

Sertões” configura-se como um marco teórico-literário, correspondente a uma visão do mundo bem diferente das visões do mundo que, de certa forma, caracterizam a época e os valores de nossa atualidade.

Entretanto, apesar de participarmos ativamente ou simplesmente presenciarmos as inúmeras transformações, não podemos afirmar que a presença da modernidade identificada na aplicação do recurso audiovisual na proposta pedagógica do TC 2000 anule a riqueza que caracteriza e constitui as imagens que elaboramos e/ou evocamos quando lemos o texto literário.

Em nosso entendimento, a leitura de “Os Sertões” propicia ao leitor – leigo ou não – o contato com um “novo” mundo, repleto de conceitos que chegam até a torná-lo fantástico. De maneira indiscutível, estes conceitos que passam a constituir seu conhecimento passam a integrar sua própria vida.

Ao buscarmos prováveis explicações e/ou respostas para a pergunta central de nossa pesquisa, “*Imagem: para quem e para quem?*”, tivemos a oportunidade de observar que, na maioria das vezes, não atribuímos às imagens o verdadeiro valor que possuem. Às vezes, chegamos a considerá-las como elementos que dispensam qualquer outra “ferramenta” para a prática pedagógica e a conseqüente (re)quisição do conhecimento.

As apostilas de Geografia do TC 2000 consideradas em nossa análise nos permitem ratificar tal afirmação.

Constituindo uma proposta pedagógica que, no entendimento da maioria das pessoas, representa uma profunda inovação para o sistema de ensino, o TC 2000 abarca em seus objetivos a presença da modernidade como a característica de maior importância na necessidade de sua aplicação.

Oferecendo a possibilidade de erradicar altos índices negativos observados no setor educacional, temos na “inovadora” proposta pedagógica objetivos que buscam, a partir do uso do recurso audiovisual, promover o sucesso do cidadão.

Não importa como. O fato é que o indivíduo submetido a esta proposta pedagógica, teoricamente, conquistaria o saber e verdadeiros ganhos para seu conhecimento, enriquecimento e crescimento pessoal.

Na realidade, o indivíduo que se submete a esta proposta pedagógica é, na maioria das vezes, operário braçal sem especialização, que abandonou seu “lugar de origem” em busca de melhores condições de vida. Seu “lugar de

origem”, neste contexto, se refere a Estados da Região Nordeste. Ao chegar nos grandes centros urbanos que constituem a Região Sudeste, o “sertanejo aluno do TC 2000” observa na modernidade a presença de inúmeras dificuldades. Ao contrário do que imagina, ao deixar-se seduzir pelas imagens que a TV e outros meios de comunicação de massa lhe apresentam, sua vida chega a se tornar muito pior do que a realidade que enfrentava com a seca no sertão.

Portadoras de um texto didático que se aproxima mais de um texto científico que de um texto literário, as apostilas de Geografia do TC 2000 passam a equivococar a capacidade do “telealuno”.

Realizamos tal afirmação porque compreendemos que sem um efetivo trabalho do Orientador de Aprendizagem o “telealuno” não consegue êxito em seus estudos. As horas destinadas à aprendizagem podem ser consideradas mínimas e, por este motivo, já cansado do trabalho, a dificuldade encontrada na “pobreza” da linguagem empregada nestes textos complica seu entendimento. É necessário salientar, novamente, que nos parágrafos dos textos das apostilas são trabalhados muitos conceitos distintos ao mesmo tempo.

Quando afirmamos a presença do processo de seleção natural – “darwinismo social” – na escrita e leitura de “Os Sertões”, apontamos a visão pessimista de Euclides da Cunha a respeito da única possibilidade que prevalecia em sua perspectiva: a não formação de uma “raça brasileira” genuína, única, capacitada para sustentar um futuro glorioso para o Brasil.

Então, podemos apontar a mesma visão pessimista nas linhas e entrelinhas que constituem os textos das apostilas de Geografia do TC 2000. Tal fato é observado na abordagem do homem como referência para uma análise de dados que demonstram percentuais referentes ao analfabetismo a partir da classificação dos indivíduos por categorias que constituem “Grupos étnicos”. Nesta análise, observamos que os homens que constituem os grupos são denominados “Branços”, “Mulatos”, “Negros”, “Asiáticos e sem declaração”.

Quando nos propomos a realizar uma análise de tal tabela no tópico 1.3. do capítulo 01, nossa intenção era demonstrar que, associado ao critério “Renda média”, o referido instrumento determina e considera as pessoas a partir de sua condição econômica. Os “Negros” são indivíduos que não atingem e nem possuem expectativa de atingirem a qualidade de vida dos “Branços”.

No desenvolvimento de nosso texto, utilizamos a expressão “raça” porque compreendemos que a mesma retrataria muito bem a situação apresentada, sendo correntemente utilizada até meados do século XX, abrangendo o tempo histórico de “Os Sertões”. Não temos a intenção de manifestar qualquer forma de preconceito. Porém, não podemos desconsiderar que tanto na visão do mundo inerente a Euclides da Cunha quanto na visão do mundo inerente aos autores das apostilas do TC 2000 há profundos “vestígios” de preconceito frente às raças que constituem o brasileiro.

O objetivo maior de Euclides da Cunha, ao elaborar a segunda parte de seu livro que intitula “*O Homem*” é, sem dúvida, determinar a raça formadora do brasileiro. Chegando a concluir que a “mestiçagem embaralhada” determina a existência de um “tipo humano” forte, valente e audacioso, o autor, praticamente, desconsidera a presença de uma raça “pura”, que pudesse representá-lo.

É por este motivo que temos no homem a possibilidade de delimitação de nosso objeto de estudo: o homem constitui um elemento que integra a realidade de diferentes materiais em épocas também distintas mas, ainda assim, estabelece condições para o desenvolvimento e o avanço de nossas indagações.

Observamos, também, que a estrutura dos textos literário e didático considerados nesta pesquisa é diferente. Porém, apesar de diferentes, ambos nos permitem a constatação de semelhanças que, no contexto da ciência Geografia, são responsáveis pela (re) aquisição do conhecimento.

A semelhança observada entre a estrutura da obra literária “Os Sertões” e a estrutura da ciência Geografia sob a visão positivista – também denominada Geografia Tradicional – se faz presente na estrutura dos textos que constituem as apostilas de Geografia do TC 2000.

A “seleção natural” sobre a qual Cunha discorre em sua obra remete à capacidade de sobrevivência do homem no sertão, sob condições de seca. Suas condições de sobrevivência se tornam inviáveis. Em relação ao TC 2000, a “seleção natural” demonstra, nas linhas e entrelinhas de seu texto, que o homem é premido a se conformar com o estágio de desenvolvimento em que se encontra, independentemente da possibilidade de transpô-lo. Em poucas palavras, indivíduos pobres, que vivem em um país considerado subdesenvolvido, jamais conseguirão atingir um padrão de vida que se reflita em melhores condições e

oportunidades, bem como atingir o grau de desenvolvimento de indivíduos dos países considerados de “Primeiro Mundo”.

Diante de tais considerações, verificamos que a regulação social, abordada no capítulo 03, não pode ser associada apenas ao TC 2000. Porém, é claro que neste capítulo, o TC 2000 se destaca diante da obra euclidiana pelo fato de representar uma proposta pedagógica que é prevista em lei e, assim, correspondente, também, aos objetivos expressos por instituições que financiam projetos caracteristicamente setoriais como o Banco Mundial e o BID, que foram relacionados no capítulo 01.

Como podemos observar, tantos aspectos distintos constituem uma realidade que pode ser relacionada mais facilmente ao TC 2000, porém, também não desconsidera as imagens que se originam a partir de nossa leitura do texto literário.

Leigo ou não, o leitor se envolve com a riqueza de detalhes e conteúdos observados em “Os Sertões” e, com a mesma intensidade, repudia a leitura dos textos das apostilas de Geografia do TC 2000.

Considerando que nossa intenção não se refere a estudos de caso que delineiem o perfil de diferentes “tipos humanos”, não podemos nos esquecer que o homem, referencial em nosso estudo, representa a possibilidade de nossa compreensão a partir da interpretação do mundo que se nos desvela em textos que, indiscutivelmente, deveriam ser totalmente informativos.

Distante da condição de texto didático, “Os Sertões” constitui um texto rico em detalhes, cuja descrição nos oferece a possibilidade de elaboração e/ou evocação de imagens extremamente significativas, que povoam nossa imaginação.

Em contrapartida, os textos que constituem as apostilas do TC 2000 simbolizam a nulidade da (re) aquisição do conhecimento, negligenciando o (re)conhecimento do mundo e do homem enquanto seu principal agente, que modifica e transforma o meio ambiente (espaço geográfico).

A superioridade dos militares expressa em “Os Sertões” pode ser equiparada à superioridade dos indivíduos que constituem a equipe técnica responsável pelo material referente à proposta pedagógica do TC 2000.

Em outras palavras, podemos considerar que esta condição assegura a presença do “Branco” como elemento étnico muito superior aos demais indivíduos da sociedade.

Ao contrário do que poderíamos imaginar, tanto em “Os Sertões” como nas apostilas de Geografia do TC 2000 aqui consideradas, a superioridade se faz representar por figuras que não configuram as imagens de uma “verdadeira” realidade.

A partir do momento em que consideramos o “sertanejo euclidiano” e o “sertanejo aluno do TC 2000” como elementos fundamentais em nossa pesquisa, atingimos novas instâncias em nossas reflexões. Assim, verificamos que a imagem do “sertanejo guerreiro”, resultante das interpretações que realizamos a partir da leitura e da compreensão dos diferentes tipos de texto em questão, reflete uma nova forma de interpretação da realidade.

Temos, no “sertanejo guerreiro”, a imagem de um homem disposto a transpor barreiras que interferem nas diferentes realizações que integram sua vida diária. Enquanto para uns há grande necessidade em lidar com o inimigo físico, manifestado na figura de homens armados e, por isso, superiores, para outros, o adversário se manifesta sutilmente. Apontamos esse fato porque verificamos que o “sertanejo aluno do TC 2000” não sofre com a seca quando passa a viver nos grandes centros urbanos de regiões mais desenvolvidas, porém, luta com a falta de condições mínimas de sobrevivência e com o descaso das elites sociais diante de sua situação.

Neste sentido, enquanto “Os Sertões” apresenta a regulação social a partir da visão pessimista do autor, que vê apenas a impossibilidade de formação de uma “raça” genuína como desfecho de uma situação que deveria indicar a “raça do brasileiro”, as apostilas de Geografia do TC 2000 indicam o conformismo do indivíduo com sua pobreza como o único recurso digno e capaz de manter sua sobrevivência.

Diante de visões do mundo opostas, podemos observar que nossa pesquisa aponta que não produzimos imagens para a satisfação e o crescimento de homens que não possuem condições adequadas e mínimas que garantam uma sobrevivência digna. Diante de visões do mundo opostas, podemos observar que as imagens que produzimos, a partir dos textos selecionados para este

estudo, definem a necessidade de conscientização no sentido de optar por novos rumos para o desenvolvimento científico e social.

Quando questionamos, no capítulo 02, que imagem o “sertanejo aluno do TC 2000 elabora a partir da interpretação da realidade e se tal imagem seria elaborada sob as mesmas condições que a imagem do “sertanejo euclidiano”, tínhamos como pretensão a busca por possíveis explicações que, na realidade, expressam diferentes visões do mundo.

Em outras palavras, podemos afirmar que para os dois “tipos humanos” acima relacionados prevalecem as considerações por nós explanadas sobre a presença de um processo evolutivo linear, onde a seleção natural se encarregaria de um futuro distante da condição de promissor, mas, próximo da condição de submisso.

Neste contexto, prevalece a tentativa de regulação social, que pode ser considerada decorrente da imposição e da força que a superioridade dos militares de “Os Sertões” e dos autores das apostilas de Geografia do TC 2000. É por este motivo que o material pedagógico do Programa de Educação à Distância em questão atravessa o tempo sem considerar as transformações que perpassam nossa realidade. Podemos ousar uma nova afirmação: se a proposta pedagógica considerada não priorizar a necessidade de oferecer o conhecimento em seu sentido amplo, possibilitando a conquista de novos saberes, certamente não corresponderá aos objetivos expressos nas propostas do Banco Mundial e do BID (Banco Interamericano para o Desenvolvimento). Nossos “sertanejos”, então, seriam subjugados pelo homem dominador, superior, intelectual e hierarquicamente e capaz de conduzir a vida daqueles indivíduos sem possibilidade de conquistas e ganhos que lhes assegurem melhores condições de sobrevivência. Retomando algumas palavras de Euclides da Cunha (1984, p.84), “[...] Viver é adaptar-se”.

Na medida em que avançamos nossa pesquisa, as leituras e releituras dos textos considerados em nossa análise nos permitiram compreender que tanto o “sertanejo euclidiano” quanto o “sertanejo aluno do TC 2000 reafirmam a imagem do “sertanejo guerreiro”.

Desta maneira, temos a possibilidade de verificar que tanto o primeiro quanto o segundo “tipo humano” considerado no parágrafo acima contrariam o pessimismo da visão determinista fatalista de Euclides da Cunha e o mesmo

processo de seleção natural identificado nas linhas e entrelinhas das apostilas de Geografia do TC 2000.

Tal condição é observada quando interpretamos as atitudes dos bravos “sertanejos guerreiros”, que lutam nos sertões para sobreviver contra a seca e o domínio de indivíduos superiores e que lutam nos grandes centros urbanos para vencer as dificuldades enfrentadas cotidianamente na tentativa de conquistar uma vida melhor.

Então, as imagens que são veiculadas em meios de comunicação de massa e que seduzem o “telealuno” podem ser consideradas como verdadeiros produtos comerciais. Envolvidos pela beleza e seduzidos pelo sonho de conquistarem seus mais profundos desejos, temos nos “telealunos” a manifestação de uma provável resposta à questão central desta pesquisa: as imagens são produzidas para seduzir qualquer indivíduo que possa ser atingido.

Quanto ao “sertanejo euclidiano”, as imagens que produzem quando integram uma realidade dinâmica e repleta de conflitos podem ser consideradas como o reflexo da conquista de seus ideais. Entretanto, a sedução, neste sentido, pode ser associada ao sonho de domínio de seu “lugar”, que seria perfeito sem a presença da força e imposição dos militares.

Para quê elaboramos e/ou evocamos tais imagens? Seriam imagens da ordem ou do caos?

Podemos afirmar que vivemos o caos das transformações que simbolizam uma época onde a ordem e o controle se tornam extremamente necessários.

Diante de tal consideração, é importante salientar que a manutenção das classes sociais implica, diretamente, na revelação de imagens que simbolizam a regulação que apontamos no decorrer desta pesquisa.

A quem são direcionadas estas imagens?

De certa forma, aos indivíduos, todos, que participam das transformações ocorridas no mundo.

Produzimos nossa história e construímos nosso espaço. Esta condição nos permite identificar que as imagens podem ser compreendidas, em nossa análise, como reflexo da visão do “sertanejo euclidiano”, do “sertanejo aluno do TC 2000”, do “sertanejo guerreiro” e, também, de qualquer indivíduo que se entregue ao questionamento diante de cada situação vivida.

Se as imagens são elementos da realidade, não acreditamos que a questão central tenha sido respondida sem provocar novas dúvidas e questionamentos. Porém, estamos certos que as imagens são produzidas de forma constante, sujeitas a alterações profundas e, por isso, refletem o mundo e todo o conhecimento presente em nossa realidade.

Todos nós estamos sujeitos a transformações, portanto, também compomos imagens da ordem e do caos, da imposição e da força, conforme apontamos em nosso texto.

Nossa própria imagem também nos permite questionar:

“Imagem: para quê e para quem?”

Imagem para o conhecimento. Imagem para a vida. Imagem para o mundo.

REFERÊNCIAS

BELO, E. M. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: verificando sua aplicabilidade no cotidiano escolar. *Educação: Teoria e Prática*, v.8., n.14, jan./jun.2000 e n.15, jan./jun.2000.

BELO, E. M. *A imagem Educa?* 2002. 105 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Estágio em Especialização em Instrumentação para o Ensino da Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

BOMFIM, N. R. Uma análise dos estudos sobre a imagem (1960-2000): implicação na aprendizagem geográfica. *Ciência Geográfica*, Bauru, ano 8, v.1., n.21, p. 83-6, jan./abr.2002.

CUNHA, E. da. *Os Sertões*. Campanha de Canudos. 29. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, P. F. *Lições de texto: leitura e redação*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. *Telecurso 2000, 2.º grau: Geografia*. Rio de Janeiro: Globo, 1996, v.1.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. *Telecurso 2000, 2.º grau: Geografia*. Rio de Janeiro: Globo, 1996, v.2.

GHIRALDELLI Jr., P. *História da Educação*. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 1994.

GOLDMANN, J. L. *Dialética e Cultura*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

NASCIMENTO, J. L. (Org.) *Os Sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

PELLEGRINI, T. *A Imagem e a Letra: aspectos da ficção brasileira contemporânea*. Campinas, SP: Mercado das letras; São Paulo: FAPESP, 1999.

SCLIAR, M. Metamorfose das Raças. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 01 dez.2002, Caderno Mais, p.18.

SEVCENKO, N. *Literatura como Missão*. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983.

VIANNA Jr., A. (Org.) *A Estratégia dos Bancos Multilaterais para o Brasil*. Análise crítica e documentos inéditos. Brasília, DF: Secretaria Executiva da Rede, Instituto de Estudos Sócio-Econômicos, 1998.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

APPLE, M. W. *O Conhecimento Oficial: a educação democrática numa era conservadora*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

ALVES, R. *Filosofia da Ciência: introdução ao jogo e suas regras*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

COLI, J. *A Epopéia Fin-de-Siécle*. Folha de São Paulo, São Paulo, 01 dez.2002, Caderno Mais, p. 8-9.

COSTA, J. F. C. *Psicanálise do Messias*. Folha de São Paulo, São Paulo, 01 dez.2002, Caderno Mais, p. 16-7.

DEMO, P. *Metodologia Científica em Ciências Sociais*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. *Telecurso 2000, 2.º grau: Geografia*. Rio de Janeiro: Globo, 2000, v.1.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. *Telecurso 2000, 2.º grau: Geografia*. Rio de Janeiro: Globo, 2000, v.2.

GALVÃO, W. N. *Um Desgarrão da Engenharia Rude*. Folha de São Paulo, São Paulo, 01 dez.2002, Caderno Mais, p. 19.

GOLDMANN, L. *Ciências Humanas e Filosofia*. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

GOLDMANN, L. *Materialismo dialético e história da literatura*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, v.1, n.11-12, p.108-125, mar.1967.

NASCIMENTO, J. L. do; VALENTIM, F. *Juízos Críticos: Os Sertões e os olhares críticos de sua época*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

PIRSIG, R. M. *Zen e arte da manutenção de motocicletas*. Uma investigação sobre valores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

RELPH, E. *Place and placelessness*. London: Pion Limited, 1976.

ROUANET, S. P. *O Sertão da Dialética Negativa*. Folha de São Paulo, São Paulo, 01 dez.2002, Caderno Mais, p.12-3.

SIMMONS, I. G. *Interpreting Nature: cultural constructions of the environment*. London and New York: Routledge, 1993.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

VENTURA, R. Euclides Conselheiro da Cunha. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 01 dez.2002, Caderno Mais, p.14-5.